

O legado de um homem

Breves ficções



Renato
Alves
Barrozo

Renato Alves Barrozo

O legado de um homem

Breves ficções

EDITORA
pontocom

Copyright © 2024 Renato Alves Barrozo
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão e diagramação: André Gattaz
Desenho da capa: Helena Phillip

www.editorapontocom.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barrozo, Renato Alves

O legado de um homem : breves ficções / Renato Alves Barrozo. -- São Paulo : Editora Pontocom, 2024.

ISBN 978-65-89496-15-1

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas
brasileiras - Coletâneas I. Título.

24-234340

CDD-B869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.908

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

O legado de um escritor (Prefácio por Idemburgo Frazão)	7
Apresentação	11
Antes do dia	13
Caos rotineiro	17
Chuvas em Amsterdam	23
Clara	29
Elevador e escada	31
Engano de loucos	35
Figura inquietante	39
Imaginação morta	41
Incêndio	45
Lá vem ele outra vez	49
Nenhum ritmo	53
O anjo da guarda no bosque	57
O mamão mais gostoso do mundo	61
O que Santos Dumont não viu	65
O senhor idoso	71
O urso peludo	75
Parafusos, porcas, ruelas	79
Pequena saliência consistente na pele	85
Um novo sistema	89
O legado de um homem	91

O legado de um escritor

IDEMBURGO FRAZÃO¹

O livro *O legado de um homem: breves ficções*, com o qual o leitor toma contato, é parte do legado de um escritor-professor. É constituído por contos, crônicas (quando não pela fusão dos dois), e por uma novela. Sob o olhar perscrutador de um apaixonado estudioso da literatura, as narrativas ficcionais compostas por ele passeiam tanto pelas almas das ruas, quanto pelos encantadores problemas dos seres humanos. E é utilizando as entrelinhas da crônica do dia a dia como bússola que o escritor, professor e também doutor em Teoria da Literatura pela UFRJ, Renato Alves Barrozo, lapida suas narrativas ficcionais. Renato é um pesquisador das tipologias dos leitores e exercitou a reflexão sobre o tema em sua tese de Doutorado, intitulada *Leituras periféricas: em*

¹ Idemburgo Frazão é mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada. É coordenador do Grupo de Pesquisa Margens da Literatura/Literatura das Margens. Foi professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO (1997-2023) e professor de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Municipal do Rio de Janeiro (1988-2022). É autor dos livros: *Lima Barreto: diálogos marginais e identidades periféricas*; *Literatura de Amanuenses: burocracia e imaginação em Machado de Assis, Lima Barreto e Cyro dos Anjos*; *Entrelinhas: burocracia e imaginação nos romances de Cyro dos Anjos*; *A poética identitária de Moduan Matus: a Gização e a Arte Baixadense* (os três últimos disponíveis gratuitamente no catálogo da Editora Pontocom).

busca de um leitor para Saramago, concluída em 2005. Um olhar filosófico, com forte dose de humor e crítica social perpassa suas narrativas ficcionais. Além dessa marca, um dos mais ricos recursos utilizados pelo autor está centrado na personalização dos chamados seres inanimados. Os objetos são guardiões da memória. Algumas vezes tornam-se personagens com os quais os narradores dialogam, como é o caso do traidor ursinho de pelúcia, de "O Urso peludo". Diga-se de passagem, que o final desse "fofo" personagem é trágico. Ou cômico?

Em meio ao suspense sobre a morte do misterioso personagem Acácio, da novela "O Legado de um homem", para dar um exemplo de personalização (realismo mágico?), lá está uma máquina de datilografia dando seu depoimento. Sim, falando. Juntamente com o velho violão e com uma estante. O insólito costureiro inerente ao realismo mágico, nos moldes de Murilo Rubião ou Júlio Cortázar, naturaliza-se, funde-se à memória e aos entorpecimentos provocados pela canabis-ficção. Não é à toa que Caio Fernando Abreu recebe uma dedicatória no conto "Incêndio" e se torna uma espécie de interlocutor.

Também são marcantes em *O legado de um homem: breves ficções* os "lugares afetivos" e as pessoas comuns. Os escombros da casa onde o misterioso "Senhor idoso", que poderia ser o pai desconhecido do narrador, "se esconde", ruas do Rio de Janeiro, como a Avenida Rio Branco, e principalmente os bares, presentes, por exemplo, na crônica "Caos rotineiro", servem como postos reflexivos sociais e existenciais avançados. As pessoas e atos comuns, como o de comprar pão pela manhã, ou o de superar o medo de cobras e

abismos e a raiva de uma pessoa buscando um mamão perigoso, como ocorre no conto “O mamão mais gostoso do mundo”, tornam-se em vários momentos matérias primas na construção narrativa. O exercício da solidariedade, da preocupação com os outros é marcante. Um bom exemplo disso está na construção do texto de “Lá vem ele outra vez”, em que Negão, personagem que aparece em duas narrativas, assusta os passageiros de um ônibus com seu jeito brincalhão e afetivo. Já em “Nenhum Ritmo”, Negão, em um texto com “sotaque” carioca, reconquista seu ritmo, seu prestígio na Escola de Samba, e desagua em uma trepada feliz, após a vitória do seu Mengão.

Tudo no planeta Terra, nos mostra Renato, leitor de Ailton Krenak, tem importância literalmente vital. Na narrativa “Antes do dia”, que inicia o livro, um cão é o grande guia de uma epifania aos moldes de Clarice de Lispector, no seu conhecido conto “Amor”. Ocorre em “Antes do dia” uma guinada nas atitudes rotineiras do personagem Reno, quando este “percebeu uma transição, uma mudança”, uma transformação naquela sua monotonia cotidiana e, como que por instinto, quebra sua opaca e dolorosa rotina diária.

Em “O anjo da guarda do bosque”, a criatividade faz da destruição de um lugar – que poderia ser a Instituição Educacional (CUP) em Jacarepaguá, por onde o autor e seu prefaciador passaram – uma reflexão sobre a destruição das paisagens afetivas, pela “insaciedade” da especulação imobiliária. Muitas vezes, nem mesmo as leis conseguem nos proteger. Mas, como diz o narrador, “por ser Anjo da guarda, ele guarda a essência do antigo bosque”.

Para compreender melhor a obra que aqui se apresenta, e não ficar com a mesma sensação do narrador de “Incêndio”, de que só lhe ficou “bulufas”, ou um “neca de pitibiriba”, é importante lembrar da reflexão da personagem Érica (“O legado de um homem”): “Eu pecava por não estar vazia para captar as sensações. Tinha que deixar minha bagagem do outro lado da porta”. A bagagem citada é constituída pelas ideias e imagens costumeiras, repetitivas, que usamos para ler as narrativas do mundo. Essa dica serve bem para os leitores de *O legado de um homem: breves ficções*. Esvaziar-se, aqui, significa deixar-se aberto para o que há de novo nas narrativas. Aí, talvez ocorra uma abertura para uma visão menos viciada da literatura e – por que não? – da vida em nosso planeta.

Paquetá, primavera de 2024.

Apresentação

(outubro de 2024)

Preciso escrever essa sucinta apresentação para esclarecer e orientar um pouco a leitura desse livro. Longe de mim subestimar o leitor. Pelo contrário, a questão aqui, confesso, é justificar uma obra talvez irregular. A inspiração foi tão avassaladora que me fez sentar e produzir um registro daquele instante, sem me importar tanto com o gênero literário. Com uma vida atribulada e automatizada, vencer a preguiça já foi motivo de comemoração.

Desse modo, a coletânea de textos selecionados por mim seguiu alguns critérios bem particulares e, em momentos ímpares da minha trajetória, foram dispostos como impossíveis de não serem escritos. Os textos ficcionais arrolados formam uma miscelânea de crônicas, contos e uma novela (*O legado de um homem*). Eles abarcam tempos distintos. Iniciam-se nos longínquos anos setenta, onde o processo de criação acontecia numa máquina de escrever manual Remington, passa por uma Olivetti elétrica nos anos 80, avança para os Pcs, o computador Compaq Presario nos anos 90, e culmina num laptop Dell. Esse percurso já daria uma bela história, imagina somado ao contexto histórico e social de cada uma dessas décadas passadas. Com isso, veículos e contextos, que vão dos anos setenta aos dias

de hoje, acabam envolvendo e influenciando essas narrativas, quer na seleção do vocabulário, quer na combinação de estruturas sintáticas e, principalmente, nos valores e cargas semânticas dessas mesmas trajetórias.

Sendo assim, esses relatos breves (datados, anacrônicos?) retratam lembranças e memórias que marcaram um espaço e um tempo apreendidos como uma possibilidade única e inevitável de articular uma produção ficcional. A ficcionalidade presente nesses textos, então, tentou representar uma emoção ou a expressão de uma sensação ímpar do meu olhar subjetivo: pura epifania. Em outras palavras, diria para os meus alunos, não confundam narrador com escritor, pronto.

Assim, se cabe aqui agradecer, agradeço às muitas pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a publicação dessas narrativas. Sabiam que elas estavam bem guardadas na minha gaveta e precisavam vir à luz. Mas agradecimento maior eu devo a Idemburgo Frazão – companheiro de antigas letras – que sempre que me encontra, procura saber dessas Breves Ficções. Incentivador nato em cada resenha, encorajador em cada prosa.

Por fim, muito escrevi ao longo da minha vida, a maioria para cumprir tarefas e exigências, entretanto aqui os textos, com pitadas de mistério, humor e suspense, representam prazer, sentimento, emoção, expressões que me marcaram. Ao leitor cabe agora distinguir se regular ou irregular é só uma questão de prefixo. Deixo essa decisão a cargo da recepção de sua leitura. Depois de três filhas, o primeiro varão veio à luz. A justificativa do sonho está dada. O livro nasceu.

Antes do dia

(anos oitenta)

Como o dia que abre os olhos, Reno foi despertado pelo relógio que batia seis horas da manhã. Antes mesmo do dia... Ele sabia que, a partir daquela hora, teria avançado mais um pouco. Teria que pôr o seu corpo em movimento: mijar, lavar o rosto, tomar café, arrumar-se e ir trabalhar. Tudo se repete. Tudo chegava à mesma conclusão que se chamava “novamente”. Nem de longe se assemelha a pôr uma folha de papel numa máquina de escrever. Rico sonho de um pobre chamado Reno. A diferença fundamental estava no poder de criar num papel em branco, coisa que não acontecia com a vida.

Sentado e levando o copo de café à boca, Reno olhava o sol fraco que refletia no vidro do basculante. O silêncio, cortado pelo barulho da manhã, deixava sua casa em completo abandono. Sozinho em meio ao pão de ontem, ele se deixava ir pelos pensamentos. O desânimo impedia a ida até a padaria para comprar pão fresco. Sua força só vencia o cansaço em não ir trabalhar. Trabalhar naquele maldito Banco. E o pior de tudo era saber que nunca iria se adaptar ao trabalho. Revoltava-se em pensar que na gaveta milhões de folhas em branco esperavam para serem sujudas.

Lavar o rosto só servia para pôr as coisas mais a limpo. Mijar e se arrumar fazia mesmo sem se sentir mecanizado. Reno ia trabalhar. Sentia naquela rotina o mesmo quando dormia. Seus seis sentidos, naquelas primeiras horas, pareciam mortos. Pedia pelos olhos e via uma névoa cinza, umas coisas que não conseguia distinguir, uma coisa embaçada. Pedia pelo ouvido e ouvia umas vozes ao longe, coisa mais surda. Pedia pelo tato e sentia uma enorme dormência, sentia as coisas superficialmente mesmo apertando. Pedia pelo paladar e não pronunciava mais que suspiros, mais que um grito tão baixo que a natureza se impunha, porque o gosto era amargo. Pedia pelo olfato e lhe vinha um cheiro de mofo, reconhecia no ar algo que exalava azedo. Pedia pelo sexto sentido e ficava com medo de perder os sentidos, sua cabeça doía com a sensação de que o consciente, o inconsciente e o subconsciente se amalgavam. Uma coisa era lerda e algo apagava.

Contos, poesias, ensaios, romances, guardados no quarto. Tornava-se uma fantasia que aos poucos deixava de sonhar. O Banco esperava-o de braços abertos. E a vontade de ser escritor, Reno via perder, via fechar-se em si mesmo.

Abriu a porta e foi trabalhar. Mas de repente sentiu uma coisa no peito, uma dor fina e aguda que o descontrolava. Percebeu uma transição, uma mudança, uma transformação naquela sua monotonia. Naquele dia sentia dificuldade em entender o próprio dia. Mesmo assim saiu andando. Começou a descer a rua naquele seu passo costumeiro, devagar e mole. Acima de sua casa só o morro, grande e nebuloso. Ia... ia... ia... até que, surpreendentemente, um cachorro do outro lado

da rua veio em sua direção. Minutos antes o cachorro, deitado, dormia um sono leve. Tentava curar a exaustão. Inesperadamente o cachorro atravessou a rua e, de uma calçada à outra, balançando o rabo, cheirou Reno. Reno parou e, como que parecendo que conhecia o cachorro, passou a mão em sua cabeça. Sabia que no fundo ele nunca tinha visto aquele cachorro. Mas foi uma coisa espontânea, natural. Seu instinto mandava ser terno e carinhoso para com o cachorro. Reno se abaixou e deixou ficar. Envolveu-se com as brincadeiras do cachorro.

O animal iniciou uma nova pirueta e começou a correr em círculos. Reno olhava para ele com ternura. Rodou... rodou... rodou... até que quando Reno pensou que estivesse cansado, ele correu em direção ao morro. Rumo tomado por Reno depois de vacilar alguns segundos. O cachorro sentou quase que no topo do morro. Em poucas passadas, apertando o passo, Reno se achou sentado ao lado do animal. Ele respirava fortemente, enquanto o cachorro lambia as patas. Na grama rasteira do pequeno morro, conversavam com a voz em silêncio. Compreendiam-se só em se olharem. Mas ele precisava falar mais alto para o cachorro, que apreciava a vista que o morro lhe proporcionava. Nem dava atenção à vista que os seus olhos lhe sugeriam, pois não tirava os olhos do animal, que parecia cada vez mais alheio a tudo. Balbuciou, perdendo a paciência e a calma: "Eu tenho que ir trabalhar. Já brincamos bastante."

O cachorro rosnava vez por outra e Reno pensou que o bicho não queria mais nada com ele. Reno pensou que talvez o cachorro se perguntasse porque ele não ia embora. Rosnou mais algumas vezes e se deitou. Então

Reno continuou a falar sozinho: "O que nós estamos vivendo hoje dá uma história. Com certeza alguém já deve ter passado por isso, escrito isso. Aposto como já. Uma folha em branco seduz a gente." A essa altura o animal estava quase dormindo, mas Reno não fez por menos, deitou-se também. Os dois deitados na grama rasteira do morro. Os dois quietos, quando Reno prosseguiu: "Você parece que não presta atenção no que eu estou falando. O sol está ficando forte e eu tenho que ir trabalhar. Você não quer conversar comigo?" Bem próximos, os dois estavam sendo vencidos pelo sono. Reno não sabia por que não ia logo trabalhar. O cachorro não mais o impedia. Parecia que alguma força estranha o prendia ali. Lado a lado, Reno murmurou suas últimas palavras antes de fechar os olhos por completo: "Não vou trabalhar hoje, não!" Os dois ficaram ali, entregues ao cansaço da vida. Dormir, não dormiam. E se um helicóptero sobrevoasse o morro veria Reno e o cachorro, que pareciam mortos, um bem perto do outro, sem saber o que faziam...

Caos rotineiro

(anos oitenta)

Primeira hora do rush
Acordei. Como sempre fui ao banheiro. Depois ao botequim. Bebi. Enchi a cara. Amanhecia. Fiquei novamente tonto. Meu corpo fraquejava. Minhas pernas bambeavam. Meus olhos se embaçavam. Carros transitavam. Pedestres caminhavam. Bêbado. Minha cabeça doía. O movimento de veículos e pessoas aumentavam. Rio de Janeiro despertava. Eu estava na Avenida Rio Branco. Confusão. Do outro lado da cidade eu não via. Não via nada. Era um alvoroço o que... o que observava? O que os meus olhos alcançavam? Estava doidão. Suava. Mais uma... Os pombos voavam. Pousavam. Levantavam voo. De lá pra cá. De cá pra lá. Na praça. Nos edifícios. Cerveja. Verão lá. Praia distante. Cidade. Calor. Terno e gravata. Sol forte. Já alto. Chope. Encostado no balcão. Em pé observava. Mulheres. Um cidadão corre. Outro cai. Um outro mexe com uma mulher. Policiais passam. Carros da polícia passam. O sinal fecha para os veículos. Abre para as pessoas. Centenas de pessoas atravessam. Centenas de veículos circulam. Um camarada fala sozinho. Outro reclama. Outro xinga. Um outro sorri. Só vejo esse lado da cidade. Do outro não vejo nada. Deve ser a mesma coisa. Quarenta graus. Shorts. Minissaias. Paletó. Um indivíduo é atropelado. Outro morre de infarto. Peço

mais uma... Pombos. Discursos políticos. Movimento ecológico. Inúmeras passeatas. Discurso de algum partido. Feministas. Movimento estudantil. Aglomeração. Greve. Peço mais uma... Eternamente bêbado. Continuo observando. Fito uma mulher. Passa uma bicicleta. Outra. Mais outra. Várias. Fazem sinal para um ônibus. Para um ônibus. Diversos ônibus. Diversos táxis. Fecha novamente o sinal para os pedestres. Avançam os veículos. Param. Avançam os pedestres entre empurrões. Assaltam um banco. Tiroteio. Fogem os bandidos. E não vejo mais nada. Todos apressados. Tumulto ali. Rebulição lá. Cai um copo ao meu lado. Um homem tem ataque epilético. Uma mulher desmaia. Passa um carro do bombeiro. Uma ambulância corre em disparada. As sirenes me ensurdecem. Peço mais uma... Fumo um cigarro atrás do outro. A maioria das pessoas que vejo... Todos fumam. As coisas parecem se assentar. A loucura das máquinas e das pessoas estacionam. Aparentemente. Diminuí um pouco o movimento. Todos trabalham em busca de dinheiro, posição, poder. Poucos conseguem. Luta. Julgam você. Aponto para um cidadão. Falam com as pessoas de uma maneira. Assim representam algum interesse. Falam de outra maneira ou não falam. Quando nada representam de interessante. Abre o sinal. Fecha o sinal. Milhões de vezes. As pessoas atravessam a rua. Uns pra lá, outros pra cá. Esbarram em si. Uma pessoa atrapalha a outra. Pressa. Uma pessoa fica na frente da outra. Pra esquerda vão os dois. Pra direita vão os dois. Param. Um para a esquerda outro para a direita. Seguem. Apressados. Peço mais uma... Permaneço doidão. Olhos embaçados. Minha mão está trêmula. Meu pé também. Minha cabeça delira. Meu corpo se alucina. Perante o desenvolvimento. Diante

de tremendo movimento. A natureza não cessa a correria. Morre com ela... Tudo morre. O que vive? Tudo é rápido. Mas eu estou parado no balcão. Bebendo. Observando o centro da cidade do Rio. Olhando o que se passa. O que acontece. Os pombos levantam voo. Pousam. Na praça comem. O que um dá. O cidadão ao meu lado tem cacoete. Um outro xinga. O outro fala sozinho. Mais um atende o celular. Uma zoeira. Todo dia é a mesma coisa. Fico pensando. Contando alguém. Poderia usar as palavras no presente ou no passado. Todo dia é a mesma coisa. Uma mulher compra jornal. De novo: uma ambulância passa. Um indivíduo cai. Um camarada entra na loja. Outro toma café. Um outro acende um cigarro. Estou mais atento. Todos estão elétricos. Uma correria. Apressadamente. Ligeiro. Está mais calmo do que antes. Está quase na hora do almoço. Milhões de pessoas entram no Banco. Milhões saem de um edifício. De novo. Fecha o sinal para os pedestres. Abre para os veículos. Enxame de coisas. Tudo acontece ao mesmo tempo. Que confusão! Que inferno! Que merda! Porra! Peço mais uma... Bêbado. Sempre bêbado. Pra resistir. Pra refletir. Minha cabeça pesa. Pesa menos que a cidade. A gravata me sufoca. O meu terno esquenta. Hoje de short e camiseta. Observando. Fito outra mulher. Olham-me com desdém? Não sei. Talvez estejam com inveja. Estou parado. Estou bebendo. Sem fazer nada. As pessoas trabalham. Tem um compromisso pra resolver. Responsabilidade. Tem alguma coisa pra fazer. Pombos. Voam. Param. Um cidadão para. Para outro. Dão comida aos pombos. Os pombos dão voos rasantes. Os pombos no meio das pessoas. Pés e pombos. No botequim que estou... pedem cigarro. Pedem refrigerantes. Cervejas. Cachaça. Peço mais uma... Continuo tonto. Todos parecem

se... recolher. Esconder. Naqueles monstruosos edifícios. Maiores que um ser humano. Bem maiores. Está quase na hora do almoço. Passa uma bicicleta. Estou num botequim da Avenida Rio Branco. Na Avenida Presidente Vargas não vejo nada. A Rio Branco é suficiente. O movimento é intenso. Multidão. Multidão de carros, ônibus, táxis, edifícios, pessoas, bancos, lojas, seres vivos e mortos. Já é de tarde. Almoçaram. Uma senhora entra no táxi. Mil problemas. Cada um com o seu. Solidão. Multidão. Solidão. Multidão. Peço mais uma...

Segunda hora do rush
Peço mais uma... Trombadinhas. Moleques. Crianças abandonadas. A noite principia. Saem dos edifícios. Saem das lojas. Dos bancos. Fecham-se lojas. Bancos. Estou no balcão observando. Estou bêbado. Cansado. Roubam uma bolsa. Batem a carteira de um senhor. As luzes se acendem. A senhora está cheia de embrulhos. O sol já se foi. Refresca. Filas e mais filas para pegar o ônibus. Fecha o sinal. Mais carros circulam. Os pedestres estão apressados. Abre o sinal. Os veículos estão correndo mais. Os edifícios estão com suas luzes acesas. Ônibus superlotados passam. Um mendigo pede esmola. Dois mendigos pedem esmolos. Três mendigos pedem esmolos. Milhões de mendigos pedem esmolos. O sino da igreja já tocou. Peço mais uma... Ainda estou bêbado. Passa uma mulher bonita. Mexo. Um cidadão xinga. Outro fala sozinho. Um outro reclama. Duas pessoas se cumprimentam. Duas pessoas conversam. Psiu! Mexo de novo. Estou doidão. Minha cabeça está pesada. Estou bambo. Uma pessoa beija a outra. Uma pessoa abraça

a outra. Pombos voam. Pousam. Pousavam. Estão se recolhendo. Passa uma ambulância. Passa um carro do bombeiro. Sirenes. Fumaça. Acendo outro cigarro. Cai outro copo. Buzinas. Buzinas. Buzinas. O sinal fecha. Abre. Fecha. Atravessa uma hora as pessoas. Outra hora avançam os carros. Um indivíduo passa por mim. Sorri. Passa uma moça com cara de choro. Passam duas pessoas discutindo. Peço mais uma... Estou observando. Tem coisas que nem... nem percebo. É tanta coisa. Passa uma bicicleta. Diversas bicicletas. É um zum-zum-zum terrível. Multidão. Solidão. Os pombos já se recolheram. Não vejo mais pombo na praça. Um homem do meu lado arrota. Outro boceja. Outro dentro do botequim diz que... que peidou. Um outro espirra. Uma menina do outro lado da rua cheira o seu braço. Seu sovaco. Passam dois rapazes criticando a política do governo brasileiro. Paro de beber. Mas continuo no botequim. Encostado no balcão. É noite. Tudo parece se acalmar. Surgem mais mendigos. Deitam em qualquer lugar. Novamente. Abre o sinal. Avançam os veículos. Fecha o sinal. Atravessam as pessoas. Passa outra ambulância. Veloz. As luzes dos postes estão acesas. A rua está iluminada. Avenida Rio Branco. Penso em como... como será São Paulo? Eu conheço São Paulo? Tudo é a mesma coisa. Todos os centros das cidades grandes são iguais. Passa um camarada mais devagar. Tudo parece... estar mais... mais devagar... O montinho de terra permanece. As formigas é que... que saem... que fogem. Pra voltar amanhã. Depois de amanhã. Tudo vai ficando deserto. Passam poucos carros e poucas pessoas. Aparecem mais crianças abandonadas. O botequim em que estou... está fechando. Fechou. Estou ficando lúcido. Meus olhos

estão se desembaçando. Minhas pernas estão mais firmes. Minha mão está... parando de tremer. Começo a... andar sem destino. As ruas estão vazias. A Avenida Rio Branco... praticamente deserta. Muitos mendigos e crianças. Na maioria negros. Estou lúcido. Caminho. Estou indo pra casa. Amanhã tenho que... que acordar cedo... Amanhã vou... trabalhar? Minhas férias acabam hoje? Falo sozinho. Tudo parado. Amanhã... Acordo. Botequim... Bebo... Encho a cara... de novo...

Chuvas em Amsterdam

(década de noventa)

Tinha que ter muita coragem e iniciativa mesmo. Não só pelo dinheiro investido, mas também pela dificuldade do idioma. Naquela época o Euro valia em média quatro reais. Falávamos apenas português e muito mal o espanhol. Era a primeira viagem à Europa e já nos atrevíamos a conhecer três países: Holanda, Bélgica e França.

Como o dinheiro estava curto, a nossa base foi Bruxelas. Só levaríamos bagagem de mão. Dos dez dias de viagem, passaríamos ali seis dias, iríamos a Paris em um bate e volta, e depois rumaríamos para Amsterdam, onde ficaríamos quatro dias. Hospedagem, alimentação e passeios eram muito mais baratos em Bruxelas do que em Amsterdam e Paris. Por mais que achássemos França e Holanda mais legais do que Bélgica, era o que podíamos fazer naquele momento.

Todo o trabalho de tirar passaporte, encontrar o melhor voo, procurar um apart-hotel próximo ao centro das cidades, descobrir os passeios interessantes, demandava um tempo enorme. Começamos a traçar esse roteiro em janeiro, pois queríamos ir a esses lugares em julho, já que tínhamos informações que no verão esses países são muito mais atraentes. Valeria a pena, afinal já estávamos casados há mais de dez anos. A ansiedade era imensa.

Contudo, como é de costume nos prazeres da vida, o tempo passou muito rápido. Quando percebemos, já estávamos no avião de volta, fazendo a ponte aérea Amsterdam-Rio. Lado a lado na poltrona, conversávamos, ainda cansados e com sono, da agitação da viagem. Íamos enumerando os passeios e as coisas maneiras que vivemos naqueles últimos dias. Espécie de retrospectiva.

Falamos da visita ao Atomium, a Bugres e Gante, da degustação da cerveja belga, da oficina de chocolate em Bruxelas, do tour na França, de toda a luminosidade dessa cidade maravilhosa, os Champs Elysees, o Arco do Triunfo, Place do Trocadero, Torre Eiffel. No Museu do Louvre passamos lá como um foguete. Só deu para tirar fotos! Sensação clara de que temos que voltar a Paris para conhecê-la mais e melhor. Agora, não sei se foi porque era a última cidade a ser conhecida e por isso mesmo estava mais viva na nossa memória, mas Amsterdam foi deslumbrante. Nos divertimos muito. Conhecer o esconderijo de Anne Frank, a bagunça do Red Light District à noite, andar de bicicleta por aquelas ciclovias, navegar de barco ou mesmo andar a pé apreciando as cores debaixo daquele sol forte que nós cariocas estamos tão acostumados. A cidade exala um cheiro bom.

Na última noite em Amsterdam choveu torrencialmente. Choveu tanto que não podemos sair do apart. Houve até um apagão, coisa rara por lá, como nos afirmara o guia. Já o tínhamos contratado para sair naquela noite, mas não houve jeito. Restava ao guia esperar pra ir embora, já que chegara e precisava esperava na portaria a chuva diminuir. Nos colocou a par da

situação e esclareceu que cobraria a metade do serviço como era habitual.

Não saímos do quarto. Começamos a beber algumas cervejas, fizemos um “amorzinho” e ficamos ouvindo música. Desci na portaria para acertar com o guia, mas ele falou que teria que esperar mesmo assim porque ainda chovia muito forte. Acabei deixando o acerto pra depois. Perguntei baixinho se ele tinha maconha. Sorte a minha que aquela noite não seria de toda ruim. Lembraria dos meus velhos tempos. Me deu um bocado, salientando que era cortesia, mas que depois interfonaria pra cobrar o serviço de guia.

A retrospectiva da viagem agora era interrompida por alguns cochilos.

Virei pra ele na poltrona do avião, ainda bastante sonolenta, a fim de observar se já dormira. Ainda bem que dormia. Será que contei aquela última noite ali e nem percebi? Não, não, deve ser ainda o efeito da cerveja com a maconha. Pra que que fui experimentar? Sabia que ficava bêbada rápido e, ainda assim, a experiência com a maconha... O espírito de liberdade de Amsterdam me possuía. Será que falei aqui alguma besteira? Não lembro bem, mas sei que eu estava muito doida ontem. Ainda era cedo, estava quase pegando no sono. Tinha acabado de tomar banho, coloquei meu roupão e ainda tomei toda aquela lata de cerveja. Foi isso mesmo? Despertei com o interfone, anunciando a subida do guia. A chuva parara um pouco, então veio cobrar a diária. Chamei pelo meu marido. Atende lá? Dormia parecendo exausto de tanta maconha e cerveja. Íamos viajar bem cedo no dia seguinte. Só quando levantei, é que me dei conta que ainda estava

completamente tonta, mesmo depois do banho. Abri a porta e fui até o aparador pegar os Euros para entregar ao guia. Perto do dinheiro, balancei, meu joelho titudeu. Quase caí! O rapaz entrou e me segurou por trás. Encostou em mim e pensei estar querendo se aproveitar. Era só gentileza. Tentei me desvencilhar dele e com esse movimento um dos meus seios pulou do roupão. Comecei a rir, ria muito. O rapaz constrangeu, talvez tenha notado o meu descontrole. Ou porque sentiu que estava só de roupão? Fiquei meia sem jeito. A vergonha veio misturada ao riso. Me colocou ereta e tentou sair. Eu não parava de rir. Falei qualquer coisa incompreensível e virei o pescoço de um lado pro outro, pra trás e pra frente. Nessa hora o meu corpo tombou desorientada no corpo dele, nossos rostos se aproximaram ainda mais. Será que foi isso mesmo? Estou viajando! Não sei se nos beijamos. Me levou até o sofá e me largou lá. Eu achava tudo engraçado e as palavras se embaralhavam na minha boca. Soltando meus braços, deixei uma mão esparrar em seu membro. De propósito? O rapaz perdera a vergonha. Na minha frente só via um vulto. Não era para tanto, mas a sensação pra mim era de alucinação, delírio puro. Senti sua mão na minha coxa, tentei tirá-la com força. Nem pensei em gritar pelo meu marido. Tentei levantar e me desequilibrei. Nesse momento o roupão não cobria mais nada. Estava entregue. Não tinha mais força pra lutar contra... Com naturalidade, relaxei. Segurei de vez seu pau! Comecei a salivar. Concentração! Sonhar é bom! Rindo, com aquela saliva toda e, balbuciando, estava prestes a me engasgar. Dei umas chupadas no seu membro duro. Ainda sentindo aquela moleza toda e rindo, seu pau

vigoroso escapulia de minha boca e batia nos meus olhos e no meu nariz. Não lembro ao certo. Em seguida tirou meu rosto e me deitou no sofá. Antes de apagar por completo, ainda senti um bafo quente no pescoço, uma língua no ouvido sussurrando bobagens e seu peso no meu corpo.

Acordei sobressaltada, me subiu um último lampejo de lucidez. Olhei mais uma vez para a poltrona do lado: dormia. Será que quando fui atender o guia, fechei a porta do quarto onde dormia meu marido ou a deixei entreaberta? Não recordo. É minha imaginação, estou alimentando coisas. Tive até a impressão de agora ter ouvido o meu marido dizer: *como fetiche tudo bem, ainda vá lá, mas nunca esqueça: vento que venta lá, venta cá! Na próxima viagem quero uma mulher de guia...*

Clara

(década de noventa)

Ele não tinha nome. Quase não parava na pensão. Ninguém saberia dizer quem era ele. Talvez até na hora de sua chegada, poucos souberam o seu nome.

Quando voltou, trancou-se no quarto e dormiu. Cumprimentou algumas pessoas, mais por delicadeza que por amizade. Tivesse sonhado, poderiam descobri-lo nos seus atos oníricos. Contudo, nem devaneado tinha.

Aliás, nada tinha a ver com ele. Não era identificável, mostrava-se como alienado de si mesmo. Dizia-se que o pessoal da limpeza não observava nenhum cheiro peculiar. Não haveria motivo para chamar atenção, motivo extraordinário para um jovem de sua idade...

Antes de dormir, achou seu cabelo despenteado. Considerou-se indisposto a mudar tal situação, não só naquele instante, mas também ao longo de todo o dia. Esqueceu. Lembrou de seu dia e poucas coisas ficaram.

Ficaria, se conseguisse parar em algum lugar. Tentou recordar o que fez durante o dia... Sobrava apenas um ir à cidade e um andar pra lá e pra cá. Tirou aquele dia para não ter compromisso. Nem comeu nem bebeu. Jejuou o dia todo.

O que mais o assustou, foi pensar que aquele dia estava muito parecido com outros dois anteriores. Se

arrombassem a sua porta e entrassem em seu quarto, simulariam, numa entrevista, que era plural e não-ideológico, apesar de preferir mais o não que o sim.

Pagou os dias na pensão e despediu-se educadamente. Foi embora incógnito como na sua chegada. A proprietária no quarto dele não viu impedimento para a sua liberação. Apenas papéis avulsos com um nome de mulher.

Dobrou a esquina. Procurou pela placa da rua e pelo letreiro da pensão. A primeira não havia e o segundo estava quebrado. Antes de seguir, não encontrou sua carteira. Nesse instante nada o preocupava. Nada o incomodava. Só queria chegar logo e rápido. Porém, ainda deu tempo de ouvir, distante, uma linda canção conhecida...

Elevador e escada

(anos oitenta)

Como todas as mulheres, Ana demorava a se arrumar. Eu estava impaciente e muito excitado. Não era a primeira vez que levava uma mulher ao motel, mas Ana era muito especial. Parecia com aquelas mulheres que a gente nunca vai ter, que só aparece em sonhos ou em revistas pornográficas. Penteia aqui, maquia lá, e Ana estava pronta. Linda e com um aroma de desejo.

– Vamos, amoor. – Disse ela ao me ver impaciente na sala, andando de um lado para o outro.

– Sim... é... sim... – Fiquei assim meio sem fala com tanta sensualidade no “vamos, amoor” de Ana.

– Que foi, amoor?

– É que você é uma mulher muito atraente.

– Você também, Cláaudio. Quanto mais zangadinho mais atraente.

– Obrigado, meu bem. Vamos indo.

Nos abraçamos, e antes que eu pudesse abrir a porta, Ana me puxou para si e tascou um beijo em mim. Um daqueles beijos babados e sofridos de gostosos. Depois de muitos abraços e beijos, conseguimos chegar até o elevador. Em poucos minutos, o elevador chegou, entramos na base do tato, já que não tinha luz ali dentro. O de serviço desligado e o social daquele jeito. Aproveitamos aquele curto trajeto, mas que

naquela hora para nós era infinito, e começamos a nos atracar... Vazio e escurinho, o elevador serviu para nos desarrumar. Do décimo andar até o térreo foi tão rápido que o porteiro ainda ouviu uns “ais”, “ais”. Pegou Ana levantando a alça do seu vestido e riu disfarçadamente quando viu meu rosto manchado de batom. Sem dizer nada, saímos em direção ao meu carro. Fomos voando para o motel. Não estávamos aguentando mais...

Antes de começar a brincadeira, percebi que nós estávamos tão desarrumados, que me perguntei se valera a pena ter nos arrumado tanto. Talvez excite mais. Mas adiante, então, começamos o esfrega-esfrega: movimentos... dentro... fora... gozo... exaustão... Duas, três vezes e nada se comparava com o elevador. Nem de longe o motel tinha sido melhor que o elevador. Lá era diferente, não havia tempo para pensar. Era mão ali, mão acolá, aperto aqui, aperto mais pra cá, e sempre tenso, com medo que o elevador parasse num daqueles andares e entrasse alguém. Não podíamos ficar à vontade como no motel. Havia suspense, emoções e nada era frio.

Paramos o carro em frente ao edifício e caminhamos, abraçadinhos, para pegarmos o elevador de volta para o nosso apartamento. Apertamos o botão para chamá-lo, mas o porteiro nos disse que este também tinha enguiçado. Decidimos tão rápido subir pelas escadas, que nem ouvimos o porteiro falar que já tinha ligado o de serviço. Juntinhos, subimos as escadas dos dez andares. Degrau por degrau, andar por andar.

Primeiro andar: – Eu estava pensando numa coisa, meu bem. – Mesmo exausto, queria dialogar.

– Fala, meu amoor. – Sussurrou Ana, mais cansada que atraente.

– É meio delicado.

– Deixa de ser bobo e fala logo, querido.

Segundo andar: – Eu gostei mais no elevador do que no motel.

– Você está falando sério?

– É... é claro que estou. – Fiquei meio sem jeito.

Ana era especial demais.

– Cláaudio! Você está me achando uma mulher de elevador, que fica agarrando todos os homens que entram nele, e que para isso, quebro a luz e compro um apartamento no décimo andar? É, diga, é?

– Não, meu bem, não é nada disso.

Terceiro andar: – Seu maníaco!

– Que é isso, Ana, não seja injusta comigo.

– Hum, eu sei!

– Não precisa ficar zangada.

– É que eu não gostei dessa sua preferência.

Quarto andar: – Esqueça. – Puxei Ana pra mim, abraçando-a, fazendo tudo pra ela esquecer o que tinha dito. E num abraço mais forte, ficamos excitados novamente.

Quinto andar: Subimos calados, desabotoando ali e aqui. Suspense, emoção, perigo...

Sexto andar: Só se ouvia gemidos e murmúrios. A cada investida aumentava o nosso medo de que alguém nos visse naquele estado...

Sétimo andar: Suspiros... ai... ai... ai...

Oitavo andar: Andar do “cata-cata”. Exaustão. Queríamos voltar ao estado de origem... Ana desceu até o sexto andar e apanhou seu vestido, eu desci até o quinto e apanhei minha camisa.

Nono andar: Subimos mudos e ainda nos ajeitando.

Décimo andar: – Não falei que era melhor? – Disse, crente-crente na aprovação de Ana.

– Cláaaudio! Você está me achando com cara de vagabunda?

– Não... peraí... – E antes que eu pudesse me explicar, ganhei um empurrão dela que saí descendo as escadas: nono, oitavo, sétimo, sexto, quinto, quarto, terceiro, segundo e, finalmente, primeiro andar. Nunca tinha descido tão rápido. Mais rápido que o elevador. Fiquei sem entender essa mulher tão especial!

Engano de loucos

(idos de setenta)

Surgia uma tarde de domingo. Tarde amena, sem nem, nem por quê, soprando um bafo quente de verão. O céu se apresentava azul com algumas nuvens grossas. As nuvens cruzavam rapidamente o céu. Cortavam o lindo azul. E aqui na terra o vento parecia possuído pelo ópio. Completamente tonto, o vento nos tocava. Como uma dormência, nós o sentíamos. Esse sentimento nos deixava alheio a tudo. Pairava alguma coisa triste em cima de nossas cabeças. Algo que fazia a gente ficar consternado, mudo, olhando o dia de ontem. Nossos olhos procuravam o nada e nossos pensamentos vagavam numa viagem colorida. Era um devaneio sem fim. Entre nós três nada para descobrir. A nossa separação – e, no entanto, estávamos tão próximos – era um grande vazio. Estávamos cada qual em seu mundo bem à parte um dos outros. Parecia que vivíamos intensamente em cada canto daquela garagem. Mas entre nós uma coisa vaga fazia com que não nos interessássemos uns pelos outros. Nem mesmo um olhar, um comentário sem propósito. E se em nossas bocas algo se mexesse, era simplesmente um ensaio, não para uma conversa, nem tampouco para um murmúrio, mas para um riso solto. Um riso disfarçado, dentro de sussurros secos, incontrolláveis. Um riso provocado por lembranças de domingos, tardes como aquela.

Eu estava quase alcançando as espessas nuvens que cortavam o azul do céu, quando um dos meus companheiros me fez cair em mim, numa risada de não parar mais: hahahahahahahahahahaha... Estava quebrado o silêncio entre nós três. O outro companheiro olhou surpreso para o que estava rindo e perguntou o motivo do riso. Eu também estava ansioso para saber, além daquela risada ser estranha e soar mal em meus ouvidos. Não é nada não, disse ele ainda pensativo, é que a gente está um tempão sem dar um pio. Observamos o que ele dissera e demos a rir. Nada engraçado, mas naquele momento só tínhamos vontade de rir.

Estancamos o riso de repente e conversamos coisas sem muito nexo. Nenhum assunto nos prendia por muito tempo. Foram ditas coisas à toa. Parecíamos exaustos para prorrogarmos qualquer assunto. Um esgotamento nos dominava. Nossas cabeças pairavam. Um cansaço muscular era evidente em nós. A memória falhava constantemente. Não tínhamos condições de ir a fundo em qualquer assunto. Não conseguíamos nos aprofundar na conversa. Tudo se perdia em palavras que vez por outra gaguejávamos.

Permanecíamos na garagem, sentados ou encostados no carro de meu pai, que tinha viajado com a minha mãe. Estava sozinho naquele domingo e chamara os meus dois amigos para me fazerem companhia. Tinha a impressão que a casa era somente minha. Sabia que era uma impressão passageira e que não me agradava. A toda hora era um copo d'água, um refrigerante, um biscoito ou coisa parecida, que meus companheiros me pediam. Era uma tarefa que eu não gostava de cumprir, e ficava atormentado com isso. Tinha acabado de trazer

não sei o que lá de dentro para eles, quando um deles me pediu para apanhar a chave do carro para ouvirmos música. Só faltava essa, disse comigo. Não estava com vontade de ouvir música e nem de ir lá dentro de casa de novo. Entrar eles não queriam, disseram que estava muito quente para ficar dentro de casa, muito abafado para se enfiar. Apanha lá, insistiu um. É um minuto, completou o outro. Legal, é uma boa a gente ouvir um som, teimaram. Por fim desisti e corri para apanhar a chave. Talvez um som nos distraísse, pensei eu.

Engano meu pensar que o som pudesse nos distrair. Engano deles em me pedir para ouvir música. Não sabiam o que queriam. Abrindo a porta do carro, liguei o rádio e fiquei ouvindo música. Sentei no banco do carro e aumentei o volume do rádio para que eles ouvissem. Deixei a porta bem aberta e quando procurei por eles não os vi. Procurei novamente com os olhos e percebi que os dois estavam distantes: um brincava com o meu cachorro no canil e o outro tinha ido ao portão. Não ouviam música nenhuma. Fiquei onde estava. Estava gostando do som que fluía do rádio. Passara mais de uma hora, quando resolvi desligar o rádio e guardar a chave. Quando voltei, o companheiro voltava do seu passeio, talvez estivesse vendo a paisagem da rua. O outro, talvez cansado, deixou de brincar com o cachorro e veio em minha direção. Como é que é, apanha lá a chave, disse um com ar sério. É mesmo, reforçou o outro um pouco irritado. Olhei para eles e pensei estarem brincando. Mas não, estavam em pé, diante de mim, aborrecidos. Vocês estão a fim de me deixar maluco, exclamei eu e comecei a rir: ahahahahaahahah...

Figura inquietante

(idos de setenta)

Ele tinha algo de estranho. Estranho no sentido de suas atitudes mais íntimas. Seus comportamentos eram dissimulados, escondiam atividades incompatíveis com as normas sociais estabelecidas naquele lugar. Também não sei esmiuçar mais a personalidade dele, faz muito tempo. Assim como é simplesmente difícil precisar os outros. Julgar o outro é meio perigoso, afinal, tal julgamento baseia-se em parâmetros do próprio juiz, aí voltamos pro terreno do perigoso, do estranho, do dissimulado e do difícil de caracterizar.

De meia idade, gostava de fazer mil coisas, mas escrever era talvez a mais especial. O engraçado era que quando lhe perguntavam o que escrevia, ficava pensativo por segundos e respondia: pessoas. Eu escrevo pessoas. E continuava a dizer: ...e qualquer outro sinônimo: gente, humano, indivíduo. O interessante era pensar que quem o escrevia era também um homem e seus adjetivos: estranho, dissimulado, difícil e escritor.

Aliás, em recente resenha, falou-se que seus textos ficcionais eram bem subjetivos, nada de histórias com começo-meio-fim. O sentido era exatamente perceber o enredo interno do discurso. Era uma mistura de descrição e narração de personalidades, dissertação estrutural e estética. Ele afirmava que seu texto não tinha

melodia narrativa, era apenas o fragmentar das relações humanas, das relações sociais dessas pessoas. Isso era todo o conteúdo. Falava, por último, que o “como contar” já era transgressor por causa da própria transgressão humana.

Entretanto, quando tentou escrever sobre si, não conseguiu. Espécie de biografia. As centenas de folhas que escreveu, rasgou-as em seguida. Considerou o texto muito adjetivado, achou-o estrangeiro demais para os seus olhos. Deteve-se por mais aquele dia. Tempos depois, recomeçaria. De novo não chegaria a um texto enxuto como desejava. Por fim, de tanto insistir, acabou se irritando e desistiu. Deu-se conta de que a falta de um texto naqueles papéis era um pouco de texto já, era ele. Sentiu, então, despontar uma profunda e incontrolável ausência por dentro. Um vazio de felicidade...

Imaginação morta

(idos de setenta)

Nenhuma daquelas histórias infantis, que outrora vovó contava, me fazia adormecer. Chegava a noite e com ela minha vó, carinhosamente, sentava-se ao meu lado na cama.

Contava suas aventuras, lendas e algumas histórias inventadas com a voz pausada.

Uma voz rouca e trêmula que não me fazia dormir.

Pousava sua mão experiente na minha barriga e mais uma bela história iniciava.

Bonitas aventuras, que entre um cafuné e outro, vovó amavelmente me contava.

Ela acreditava que aquelas lindas histórias me faziam dormir.

Eu sabia fingir muito bem.

Minha atenção estava mais voltada para o amor que vovó me transmitia naquela hora.

Era minha preocupação... mais do que chamar o sono.

Não dormia, mesmo morto de sono, sem antes imaginar a minha história...

De olhos fechados, ela pensava que eu tinha adormecido.

Apagava a luz em silêncio e saía em passos lentos, mais para não me acordar do que devido aos anos do seu cansado corpo.

Não queria me ver despertar daquele suave, tranquilo e leve sono.

Que, mais inocente do que eu, pensava estar..

Quando percebia seu caminhar distante, abria os olhos, feliz por me ver sozinho.

Feliz por poder imaginar minha própria história.

Que realmente me faria adormecer.

Quieto olhava o teto do meu quarto fixamente.

Distraído assim, o sono me invadia.

Minha imaginação fervilhava e iniciava-se a minha história.

Colava os retângulos no quadrado do teto com muito vagar.

Retângulos estes de madeira seca.

Ia preenchendo o teto com aqueles retângulos.

Com muito cuidado para que eles não caíssem em cima de mim.

De um em um, o sono vinha.

E antes que eu preenchesse todo o teto, virava para um lado e pegava no sono.

Na manhã seguinte, não encontrava mais os retângulos na parede do teto.

Acreditava que eles se deslocavam do teto e se desfaziam antes de cair.

Antes de cair sobre mim.

E como as noites não cessam, minha avó se enfraquecia-se cada vez mais com a sua idade.

Até que depois de várias noites, minha avó morreu.

“E antes que jaz aqui..”, minha mãe começou a contar histórias pra eu dormir.

Do mesmo jeito não conseguia adormecer. Sempre era preciso imaginar a história dos retângulos.

Dos retângulos autocolantes.

Que tanto me deixavam em dúvida: retângulos preenchem um teto quadrado?

Mas que importância isso tem?

Somente eles me faziam dormir, isso que importava.

Talvez por ficar paralisado, naquela escuridão do meu quarto, é que o sono me alcançava.

Ou talvez pelo esforço que meus olhos faziam, em enxergar o teto e os retângulos.

Retângulos de madeira seca, eu acredito, já que não tive com nenhum deles na mão.

Eterna imaginação de preencher o teto com os retângulos.

Devagarzinho colocava um por um, com medo que eles soltassem.

Disperso, em devaneio, ia pondo os retângulos.

Colava uma fileira, colava um do lado do outro e nunca minha história tinha fim.

E mesmo despertando no meio da noite, já não encontrava os retângulos.

Retângulos de madeira seca que se descolavam do teto.

E se desfaziam antes de caírem no chão, em mim, na cama, no armário.

Antes que eu pudesse sonhar, era o que me parecia mais lógico...

Diversas perguntas me fazia e, nas milhões de respostas que encontrava, nenhuma me satisfazia.

Como existem retângulos?

Há cola pra todos?

Oh! Infância plena de incertezas!

E como o tempo não para, cresci esquecendo por completo os retângulos.

Toda imaginação da minha história foi levada com a minha infância.

Nunca pude saber se os retângulos preenchem os tetos quadrados.

Na verdade, nunca consegui preencher.

E mesmo respondendo uma das milhões de perguntas, tudo acabou, tudo morreu.

Dormia sem precisar dos retângulos.

Mais tarde, numa noite qualquer, descobri sonhando que a cola dos retângulos acabara.

E mesmo sabendo cuspir, e sabendo que cuspe cola...

Como já havia aprendido...

Não consegui reconstruir minha história.

Incêndio

(idos de setenta)

para Caio Fernando Abreu

Incendiou mais um aqui. E o Caio nem sabe. Peguei minha namorada e fomos conversar sobre literatura. Muitos risos e beijos que marcavam a pausa da nossa conversa. Nossos olhos vermelhos buscavam imagens inexistentes. E foi assim que nasceram as palavras. Fazíamos força para dizer em palavras o que sentíamos e o que pensávamos ver. Eram sentimentos e pensamentos nunca experimentados antes, não tínhamos palavras para representá-los. Uma luta árdua. Uma hora eu não entendia, outra era ela que não compreendia nada. E repetíamos. Entendendo, beijos para comemorar. Nós mesmos é que criávamos os obstáculos: risos. Por vezes nossas vozes ficavam estridentes. Outras, ininteligíveis. E parecia que não podíamos parar. Tudo em nós se acelerava. Eu pensava milhões de coisas e milhões de coisas falavam. Ela talvez mantivesse um certo equilíbrio. Numa praça qualquer e nós ali. No subúrbio, pois não precisa ser zona sul. Por isso o Caio nem soube, talvez. Eram palavras, risos, beijos. Falamos das descobertas, das curiosidades no campo da literatura. E eu tracei algumas dessas linhas. Em determinados instantes eu pensava tanto e tão rápido que me esquecia da minha namorada. Em contrapartida,

havia horas que eu desejava entrar por dentro dela, porque os beijos e abraços, além dos carinhos, não bastavam, eram insuficientes. Algumas pitadas de humor também surgiam. Quem sabe um queria brincar com o outro de uma forma indireta, ou mais enrolada. É, nós queríamos nos enrolar um no outro. E as palavras se prestam para isso. As palavras eram as armas. Quem enganasse ou persuadisse mais ganhava um troféu. Beijos, risos, palavras. Não sei o que vinha primeiro, se o riso provocava as palavras e daí os beijos, ou se as palavras provocavam o riso e daí os beijos. Não sei, era evidente que o que mais vinha à luz eram palavras, risos e beijos. E o Caio deve ter passado por isso. Conversamos sobre tudo, até sobre planos de incendiar o nosso papel sem que a polícia veja. E discutíamos sobre os apartamentos que podíamos ver do campo da praça. Desesperava-me em querer entrar nas palavras, nos beijos e nos risos. Almejava entrar e tudo me saía. Se era mais difícil acender aqui ou na zona sul e isso e mais... Criávamos frases truncadas. Pronunciávamos palavras erradas. Cometíamos barbarismos. Tentávamos dizer as coisas tão ligeiras que embolávamos. Ficávamos com medo de esquecer o que pretendíamos, porque nessas horas a memória falha constantemente, e aí embolávamos as palavras. Eram coisas sem pé nem cabeça. “Dei soco não”, saiu tão avoado que parecia que eu tinha liberdade de dar o que não era meu. Parecia que eu tinha licença, ou estava forçando algo que ela mesma queria. Eram outras palavras. A conversa, em momentos, estava tão confusa que necessitávamos descansar para recomeçar tudo de novo. A reabilitação. Recomeçar e reconstruir. Retornar, repassar e todos “res” eram ditos por nós. E tudo isso poderia ser uma ótima matéria para o Caio, mas eu e minha

namorada só queríamos saber de palavras, risos e beijos. É claro que eu tentava guardar algumas ideias centrais para usá-las e escrevê-las. Contudo não sei se alcancei meu intento. Só depois o Caio poderá me dizer, ou mesmo outros que compreendam o Caio. E minha namorada, com muita fome, disse: “Quando te beijo me desaparece o resto do corpo, parece que somos só bocas”. Aí, de quando em quando, beijos, palavras e risos. Minha namorada estava com tanta fome que eu fiquei com receio dela comer um tronco de árvore. “Menina, quebra o galho”. Com a boca seca e aquele beijo meloso, continuávamos na praça que ficava numa rua transversal à minha casa. Era uma ladeira. O auge era tanto que nos perdíamos nos beijos, nos risos e nas palavras. O Caio se encontrava meio distante. Eu brincava com minha namorada, porque se nós só éramos bocas, deveria crescer um bico na minha, para provar que todas as coisas ou partes que sentem tesão ficam rígidas ou crescem. Fui para casa e dei uma banana para ela comer, uma banana prata que transformou em banana d’água. E assim foi o dia. Levei minha namorada até sua casa e nada nos restou. Nem palavras, nem beijos, nem risos, tudo se apagou. Não sei do Caio. Escureceu. Só sobrou mesmo um bulufas quando eu me preparava para dormir e um neca de pitibiriba quando acordei...

Lá vem ele outra vez

(anos oitenta)

São, aproximadamente, nove horas da noite, venho rapidamente andando em direção ao ponto final do ônibus. Com rumo certo, não olho para os lados, sigo apenas em frente. Sempre às sextas-feiras, quando volto do curso de Jornalismo, estou louco para subir no ônibus, cansado de andar. Para meu desapontamento, o ônibus ainda não chegou e a fila está enorme. Fico lá atrás da fila, com raiva, esperando o maldito ônibus. Tem sempre alguém conversando ao meu redor, presto atenção ao assunto, talvez para passar o tempo. Para minha surpresa, o assunto me detém. Reparo nas pessoas e percebo que o que me faz prestar atenção não é a conversa em si, mas o bom falar de um sujeito com o saco de pipoca na mão. Baixinho e forte, e até certo ponto engraçado, o homem mostra-se simpático. Puxa conversa com qualquer um, coisa que nos dias atuais é raro. As pessoas com quem fala o desprezam, imaginando ser mendigo ou maluco. Apesar do desprezo das pessoas, ele finca o pé e sai falando sobre diversos assuntos, e posso notar que está sempre bem informado. Ele tem algo que me chama atenção, que me atrai. Assim, chega o ônibus. E lá vamos nós subir a Serra.

Alguns passageiros estão confortavelmente sentados, outros desconfortavelmente em pé. Todos,

entretanto, aguardando a partida do ônibus. O silêncio predomina. O homem quebra o silêncio de novo ao estourar o saco de pipoca. Os passageiros tomam susto, depois sentem desdém e logo após sorriem com pena. Ele levanta-se do banco, dando início a seu bate-papo com todos os elementos do veículo. Fala disso, diz daquilo, elogia isso, reclama daquilo. Canta para provar que plagiaram sua composição, não ligando a mínima para as pessoas que escondem o riso atrás de uma cara de mal-estar. As pessoas simplesmente balançam a cabeça. O ônibus vai traçando seu itinerário normalmente, enquanto ele não sossega. Os passageiros, agora, nem ao menos tão importância ao que ele diz. Subimos e descemos a Serra, e ele volta a sentar, calando em seguida. Então, no ponto perto de casa, eu desço. Cheguei ao meu destino.

A semana passa, novamente é sexta-feira. É noite, estou voltando do curso em direção ao ponto final. Já nem me recordo do afrodescendente, que me pareceu muito inteligente, entendendo de tudo um pouco. Estou ali, que nem uma estátua, quando surge de repente, não vejo de que lado, ele de novo. Lá vem ele outra vez, senta do meu lado no ônibus. Sinto medo de minha reação. Comendo sua sagrada pipoca, ele olha para mim e fala algo que não consigo entender, ou escutar direto. Abro a apostila do curso e finjo ler. Por que não conversar com ele, depois que percebi que pessoas o ignoravam? Por que não ouvir o que ele tem a dizer, depois de dizer em prosa e verso que gostava dele? Talvez falta de personalidade, não querer assumir. Mesmo assim, pude ouvir ele dizer que o ônibus ia ser assaltado na Serra e até desconfiou de um rapaz em pé na porta de trás.

O ônibus foi indo, subiu e desceu a Serra, não houve assalto, desci no ponto de casa após desejar bom fim de semana para ele, que educadamente ofereceu o meu lugar vago a uma senhora. Os passageiros olharam para nós, estranhando nossa atitude, mas eu ergui a cabeça. Ele sorriu e desejou um bom fim de semana para mim também.

No sábado fui despertado pelo meu pai, que me tinha comprado um carro usado do vizinho. Acordou-me para que eu desse uma olhada nos documentos e em seguida apanhasse o carro. Fiquei radiante de alegria, não mais andaria de ônibus, ao mesmo tempo em que senti uma leve tristeza, sendo acometido de um pingo de depressão, ao lembrar que nunca mais veria o rapaz do ônibus.

Chegava a sexta-feira, desta vez totalmente diferente das outras. Terminava a aula, eu pegava o carro e ia embora. Subia e descia a Serra, ao som de músicas que um dia o cara cantarolou no ônibus. As sextas que se seguiram foram assim, até que numa delas eu estava indo embora para casa quando avistei o sujeito. Estava ele vendendo pipoca, ele era pipoqueiro!? Saltei do carro, comemos pipoca juntos, e eu lhe dei uma carona. Cada um ria mais que o outro, entre um assunto e outro. Subimos e descemos a Serra.

Nenhum ritmo

(anos oitenta)

Quando Negão chegava em casa, depois de uma semana árdua e dura de trabalho, geralmente sua mulher dormia feito um anjo. Deu uma olhada nos seis filhos e viu que estava tudo bem. Tirou a roupa, e só de short, deitou ao lado de sua mulher. Estava louco para trepar, mesmo cansado. Coçou, roçou, encostou, e a mulher nada. Acreditava que ela estivesse fingindo, pois não era possível uma pessoa continuar dormindo depois daqueles sarros. Seu pau estava quase explodindo. Tentou mais uma vez. Meteu a mão no peito dela e o acariciou. Ela se virou para ele e disse que estava com sono. Negão conteve sua fúria e amolado da vida, virou para o outro lado. Após um longo tempo pegou no sono. Ainda bem que hoje tem samba, pensou.

Ainda chateado com sua mulher, Negão nem se despediu. Almoçou e saiu para ensaiar o samba de sua escola. Falou com os parceiros e deu início aos ensaios. A quadra estava repleta de belas mulatas, que se decepcionaram ao ouvir o samba de Negão. Não havia nenhum ritmo... Todos os sambistas estavam horríveis, mas Negão estava demais. A toda hora atravessava com seu surdo. O presidente da escola chamou a atenção dos sambistas, pedindo mais empenho, mais raça. Porém, os companheiros de Negão acharam que ele era o único culpado.

– O que que está havendo com você? – Perguntou o do tamborim.

– Problemas em casa. – Negão respondeu desolado.

– Mas vê se não mistura as coisas. – Condenou o do pandeiro.

– Está bem, está bem!

Não conseguiram acertar. Não era o dia do samba, nem tampouco dia de Negão. Ainda bem que amanhã tem Mengão no Maracanã, pensou.

O domingo chegara. Na noite passada Negão nem ouriçou a patroa de tão puto que estava. Não queria nem pensar nos problemas, era dia do Mengão jogar e isso era o que importava. Uma vitória do Flamengo hoje, frente ao Botafogo, garantiria a sua participação na decisão do Campeonato Carioca. Era ganhar domingo que vem e o Flamengo seria bicampeão carioca. Vestiu a camisa do Flamengo e nem se despediu de sua mulher. Comprou pilhas para o seu rádio na esquina e foi ver o Mengão no Maraca.

O primeiro tempo acabou zero a zero, por isso Negão se viu preocupado com o azar que poderia estar trazendo para o seu time. Estava com medo, seu espírito estava pesado por causa da sua mulher e de seu samba. Reiniciou a partida e Negão torcia:

– Vai seu puto, dá a bola!

– Que juiz piranha, foi pênalti!

Decorridos 41 minutos do segundo tempo: o Flamengo fez um gol. Foi uma alegria geral, as bandeiras foram desfraldadas e Negão pulava feito criança. Abraçou todo mundo, até gente que não conhecia. E quem recusaria abraçar um negão daqueles? Uma recusa e ele matava gente ali. Bebeu em comemoração e

foi direto para a quadra da escola de samba. Improvisou um ensaio para conseguir um ritmo e uma harmonia satisfatória. Negão ria que nem uma criança, além de acertar o samba, o Mengão estava na decisão. O Flamengo ganhou, o samba foi corrigido, as mulatas sambavam aplaudindo e o Negão estava como o diabo gosta. Estava feliz. Até o presidente da escola elogiou o samba.

O domingo findava. E como Negão, homem responsável, teria que pegar no batente no outro dia, desculpou-se e foi para casa sem antes beber seu último trago de cachaça. Chegando em casa, sua mulher tinha acabado de deitar. Fez uma horinha com receio de enfrentar não sei o quê, talvez uma nova rejeição? Enfim se decidiu, que azar que nada, o Mengão venceu! Deitou ao lado de sua mulher e ela se abriu. Treparam quase que a noite toda. Negão nem acreditava no que estava acontecendo. Tinha sido a melhor trepada. Sentia a alma lavada. No outro dia, o sol levantou mais cedo e invadiu a janela do quarto do casal. O Flamengo seria campeão?

O anjo da guarda no bosque

(anos oitenta)

Era um estado de espírito. Era um estado de espírito aquele bosque. Bosque que na entrada tinha uma porta. Uma porta que não existia. Não existia, estava sempre aberta. Aberta para mim e para o meu anjo da guarda. Anjo da guarda que sempre entrava pela mesma escadinha do bosque. Uma escadinha de barro duro. Barro duro que se faziam atalhos... Milhões de atalhos que se desencontravam e se encontravam. Encontrando-se mais adiante circunferências. Circunferências marcadas por uma massa branca. Massa branca que era toda desenhada. Desenhos que refletiam as lindas flores. As mesmas lindas flores que viviam dentro das circunferências. Circunferências que se constituíam nas margens dos atalhos. Atalhos que levavam, inevitavelmente, o meu anjo da guarda a um vazio. Um primeiro vazio que existia em meio àquelas árvores. Árvores enormes. Árvores cujos galhos formavam um gigantesco labirinto. Labirinto de atalhos e labirintos de galhos. Verdadeiros caracóis. Mas ninguém se perdia naquele pequeno bosque. Havia no bosque três vazios. Em cada um deles havia um tronco. Um tronco em que eu e meu anjo da guarda sentávamos. Sentávamos para descansar. Descansar da subida do pequeno bosque. Bosque íngreme. Pequeno bosque íngreme que nos proporcionava ver as coisas de cima.

Ver as coisas do alto. Ver as coisas pequenas, miúdas. Infinitamente menores. Bosque que nos colocava numa posição superior. Repetindo, naquele bosque havia três vazios. Caminhando pelo mesmo atalho, que meu anjo da guarda traçava, chegava-se ao segundo vazio. Segundo vazio em que nasciam moitas de capim. Moitas de mato mesmo. Mas a predominância ficava ainda por conta das belas flores. Belas flores coloridas. Flores que viviam dentro das circunferências. Circunferências que marcavam as margens do bosque. Margens de circunferências feitas de massa branca. Como disse, massa branca toda desenhada. Desenhos que retratavam as próprias flores. Flores que viviam dentro das circunferências. Circunferências que constituíam aquele bosque. Bosque verde, pequeno e íngreme. Grandes árvores íngremes. Diversos atalhos íngremes. Flores íngremes e de várias cores. Flores amarelas, vermelhas, roxas, brancas, azuis. As cores que imperavam ali naquele bosque, eram o verde e o vermelho. Verde das árvores, do capinzal, do matagal. Vermelho dos atalhos de barro duro. Barro duro avermelhado. Seguindo os passos do meu anjo da guarda, descobria-se o terceiro vazio. O pequeno e íngreme bosque verde se completava. Completavam-se os três vazios. Os vazios se dividiam em espaços menores. Cada espaço era uma nota musical. Nota musical que soava pelos pássaros. Uma autêntica música que se podia ouvir através dos passarinhos. Aves que tinham uma harmonia incrível. Cantavam uma vaga música. Cantavam pendurados nos galhos. Nos galhos das enormes árvores. De galho em galho, de árvore em árvore. De circunferências em circunferências cantavam a vaga música. De atalhos em atalhos contavam a vaga música. Vez por outra pousavam no chão. Pisavam no barro duro

avermelhado dos atalhos. Pisavam na terra. Na terra batida. O barro duro e avermelhado foi coberto por uma massa cinza. Uma cor cinza nunca antes vista. Uma cor que foi se fazendo presente. Muito mais presente do que o verde, o amarelo, o vermelho, a roxa, a branca, a azul. As árvores ficavam menores. Menor a cada voo dos pássaros. As aves deixavam de pular de galho em galho. Galhos que secavam. O bosque fechava-se em si mesmo. Puseram uma porta de madeira. A escadinha abandonava a sua feição. Os atalhos se alargavam. Alargavam e deixavam de ser confusos. As circunferências ficavam com defeitos. Perdiam a originalidade. Os desenhos tornavam-se feios. O bosque deixava de existir. O princípio daquilo tudo já não tinha sentido de ser. As margens já não eram margens. As flores morriam dentro das circunferências. Morriam nos desenhos. As árvores diminuía. Diminuíam e tombavam. Tombavam e por isso diminuía. Os troncos, em que outrora descansávamos, eram retirados. Os labirintos se esclareciam. Esclareciam-se ao formarem uma massa fofa de terra. O bosque tornava-se plano. O colorido do visual e do cenário se apagava. Já não se viam as coisas de cima. Tampouco miúdas. Os vazios se evidenciavam. Os três, entre o matagal e o capinzal, que não tinham mais raízes, viravam blocos. O meu anjo da guarda desaparecera. Cada espaço vagava no ar. Vagava no ar das notas musicais. Notas musicais que soavam sem ritmo algum. Pelo canto dos pássaros a música sumia. A música virava um barulho constante e ensurdecedor. Um barulho irritante de caminhões. Caminhões que removiam as circunferências, as árvores, os troncos, as flores. Os passarinhos já não pisavam no chão. Pousavam em tijolos. Pisavam em cimento. Cimento que foi crescendo. Crescendo até fazer

do primeiro vazio o bloco A. Do segundo vazio, o bloco B. Do terceiro vazio, o bloco C. A música aumentava de volume. Aumentava o som. O som de martelos. O som de serrotes. O som de algo extremamente cinza. O bosque morria. Pereceu em si e nas profundezas da sua própria terra. Eu não suportei o golpe. Suportei apenas o consolo e a satisfação de me desencarnar da terra. Na terra que imaginei ser a do bosque. O meu anjo da guarda, não suportando assistir, vaga pelo universo. Um espírito que o bosque deixou de representar. Mas por ser anjo e guardador, ele guarda a essência do antigo bosque. Bosque que hoje são três blocos. Três enormes prédios no Condomínio Bosque da Praça.

O mamão mais gostoso do mundo

(idos de setenta)

Em nosso tempo de rapaz. Lá íamos nós. Subir a rua de terra que, de tão estreita, mais parecia um atalho. O mais doloroso era que nós não conseguíamos subir a rua pedalando as nossas bicicletas. Além de empurrar as bicicletas, tínhamos que levar as muitas mochilas nas costas, garrafas térmicas, e aquele sol terrível em nossas cabeças! Tudo era compensado: alcançando o topo do morro, o cansaço esvaía. E este dia era muito especial, já que era o dia decisivo: ou Antônio nos deixava acampar ou todo o nosso trabalho seria em vão.

Francisco conhecia muito bem o caseiro Antônio. Em caso negativo, não adiantaria insistir. Antônio não arriscaria seu emprego no sítio pela amizade dele. Mesmo simpatizando comigo e com meu irmão, o caseiro ouvia mesmo as ponderações de Francisco. Tínhamos que resolver naquele dia, pois faltava pouco para o término de nossa cabana. Mais alguns cipós e pronto, podíamos nos orgulhar da cabana.

Depois de alguns tropeços, chegamos.

– Salve, Antônio! – Cumprimentou Chico – apelido natural que dávamos a Francisco.

– Como estão? – Perguntou Antônio, com o cigarro no canto da boca e como sempre, descalço.

– Tudo bem. – Respondeu meu irmão.

– Entrem que depois falo com vocês. – Sugeriu Antônio.

– Está bem.

Entramos, adiando mais uma vez a permanência no sítio. Chegando numa parte mais baixa onde passava um rio, em cujas margens as cobras se escondiam, vimos que tudo estava em ordem. Com a nossa presença, as cobras ficavam escondidas atrás das pedras. Encontramos a nossa cabana. Construímos a cabana de um modo que não fosse preciso atravessar o rio, pois a ponte era de madeira e o nosso medo em atravessar era tamanho.

Recomeçamos a trabalhar, esquecendo por alguns instantes se adiantaria ou não todo aquele trabalho. Em menos de uma hora, concluímos a cabana e a alegria foi geral. Até o momento em que ouvimos a voz de Antônio chamando Francisco.

– Francisco, venha até aqui. – Gritava Antônio.

– Já estou indo.

A conversa deles estava demorando, deixando apreensivos eu e meu irmão, que continuava ajeitando a cabana, enquanto eu mirava um mamão madurinho do outro lado do rio. Eu tinha a faca, a vontade e a fome, só me faltava a coragem para atravessar o medonho rio e comer aquele lindo mamão. Estava com água na boca quando vi Francisco se aproximando.

– Como é, Antônio deixou a gente acampar? – Perguntei, andando em sua direção.

– Não. Disse que não quer encrenca com o seu patrão. – Francisco respondeu desanimado.

– Cara medroso! Então, já que de nada vamos desfrutar neste lugar, melhor é irmos embora logo. – Disse eu, mais com raiva que decepcionado.

– É. Vamos chamar seu irmão.

– Ei! Peraí! Vamos apanhar aquele mamão? – Apontando para o mamão, eu tentava deixar Francisco com água na boca para ir comigo apanhá-lo.

– Boa ideia, vamos lá. – Francisco respondeu, topando a parada.

– Francisco foi em frente, andando bem devagarzinho sobre a madeira. Logo atrás, eu trazia a faca, pisando com receio. Aquele mamão tornou-se uma questão de fracasso ou conquista. Estávamos tristes e revoltados com o tempo e o trabalho perdidos. Naquele mamão maduro e pequeno estava o nosso protesto contra Antônio. No mamoeiro, que era da nossa altura, estava o mamão mais importante e caro do mundo. De mãos dadas, eu e Francisco íamos vencendo aquela ponte e o próprio medo de cairmos lá embaixo. Sob nossos pés o rio corria lentamente, as pedras pontudas nos esperavam e as cobras andavam ora nas pedras, ora na água. Demos um suspiro de alívio e de vitória quando chegamos ao outro lado do rio. Pisando em terra firme, corremos para o mamoeiro. Tiramos o mamão do pé, gritando, para chamar a atenção de meu irmão. Retornamos mais confiantes com o mamão na mão. Vitória! Seguros, e agora muito mais confiantes, atravessamos novamente o rio das cobras, pela ponte frágil de madeira. Contamos a meu irmão que Antônio não nos deixou acampar, mas ele nem ligou, queria

era comer o mamão. Quando levei o primeiro pedaço à boca, pensei comigo: “Esse é o mamão mais gostoso do mundo”. Mais tarde, arrumamos as coisas e descemos o morro, para nunca mais voltar.

O que Santos Dumont não viu

(idos de setenta)

E Santos Dumont nem poderia ver. Petrópolis um dia, sei lá, meu irmão! Acordar cedo, ir de carro e relembrar o lugar. É, ele deve chamar alguns colegas. Pode ser. E olha que estou precisada de alimentos. É uma ajuda, é talvez uma gratidão. Ainda mais com esses novos meninos que vieram ontem. Tomara que ele venha e traga bastante comida, afinal de contas até que ele não é mau menino. Também acredito que o dia hoje seja calmo. Teremos mais tempo para conversar. Quem sabe passe até na sua faculdade, talvez possa ter aula. Não sei e nem quero saber, o importante é que estou feliz, hoje o almoço será melhor. Vindo, virá cedo, antes do almoço. Acho que ele tem aula hoje de manhã. Eu nunca sei o horário dele. Um dia ele vai de manhã, outro vai de tarde. É muito enrolado pra mim e também minha memória já não está lá essas coisas. Estou pensando aqui e até já devo ter passado da hora de levantar. Vou despertar de vez e preparar aquele café gostoso. Preciso arrumar o orfanato. Poderemos ter visita. Visitantes é o que não faltam em dias tranquilos como esses. Não é um feriado propriamente dito, mas é um quase que isso. Terça, deixa eu ver, terça foi dia de nossa Padroeira e dia da nossa casa.

E sexta é Dia dos Professores. Dia da nossa casa. Tratar de crianças, tratar não, mas dar um lar já é incluído ser mestre. Homenagem à nossa casa. E depois disso tudo o que fica mesmo é que hoje será diferente. Poucos ganharam presentes, porém fiz o que pude. Uma ida até o Rio já é uma nova atração para eles. Além disso, eu não tenho muito do que dispor, não posso ter muitas “despesas”, ou melhor, despesas (já estou eu pensando em cozinha!). Não posso despender tanto, senão fico sem um cobertor para o frio, ou uma refeição. E teve criança criando um jardim zoológico só de minhocas... E em Petrópolis faz frio. Ficar acima da serra é fogo. Chega, já pensei demais pro dia de hoje. Tenho que me levantar. Tudo quer acordar. Tenho que acordar realmente e também... que é mais um dia de luta...

Não, não vão já não, deixa eu esquentar um café gostoso que fiz hoje de manhã, disse eu como agradecimento. E nós já estávamos com vontade de descer a serra. Já estávamos cansados e com fome, além do mais tínhamos outros compromissos. Era uma coisa diferente e já tínhamos visitado tudo naquele lugar. Tudo não, mas quase tudo. Fomos a um museu que estava fechado, fomos à casa de Santos Dumont, fomos à faculdade. Eu, por exemplo, já tinha me esquecido de Petrópolis. Que por sinal é um lugar aconchegante. O que me impressionou foi a casa do pai da aviação. Casa bonita em que você se sentia bem. E coisa nova é sempre bom saber. Demos algumas voltas, fomos até a praça principal. Experimentamos a cerveja da terra. Boêmia era o nome, mais fraca, mais suave, mais fácil de descer. E enquanto bebíamos, vimos o empregado do bar embrulhar alguns restos de salgados num papel e jogar num outro bar em frente. E o outro revidou com o mesmo despojo. Sinal,

não de concorrência, mas de amizade. Nós observamos e comentamos. Porém, antes disso tudo, ficamos entusiasmados com a Serra de Petrópolis. Muito verde e soprava um vento frio e úmido. O que morava lá, quando estava em aula, já estava acostumado, mas eu e um outro achamos a estrada legal. E assim contando, tomamos o nosso café rapidinho. A conversa se alongou mais do prevíamos. E estava ruim pra conversar, era muito barulho. Era mais ou menos uns noventa alunos, alunos não, internos. E o orfanato estava cheio de moleques que não tinham aula. O cheiro também não estava agradável. Alguns ainda mijavam na cama. A vovó, a dona do orfanato, disse pra nós que não havia jeito de controlar todos, ou mesmo ensinar. Mas todos tinham castigo, tinham que levar o colchão lá para fora e ir tomar banho. E olha que Petrópolis é frio, ainda mais de manhã. Foi aí que ouvimos o coordenador-capataz, um tipo assim, chamar a vovó pra comunicar que dois garotos tinham fugido. Todos tinham castigado os garotos? Todos pareciam despreocupados. Até o que morava lá ficou aparentemente tranquilo. Morava não, o nosso amigo tinha um quarto no orfanato para que pudesse ficar em Petrópolis estudando. Eu e o outro é que ficamos assustados. Pra eles aquilo já era rotina. Se quisessem fugir podiam ir, que o orfanato não tinha nem muro. Ali não era uma cadeia, e sim um lugar pra se morar, viver. Era um teto para aquelas pobres crianças. Pensando nisso, só me dei conta do coordenador-capataz chamando o nosso colega pra ir atrás deles serra abaixo. A vovó também pediu e nosso colega foi. Foi, mas em vão, não encontraram os garotos. Talvez já tenham arrumado uma carona, disse um. É, deixa

pra lá, pior pra eles. Dentro em pouco, eles voltam. Aí nos despedimos e a dona do orfanato falou se caso encontrássemos os meninos, falássemos pra eles voltarem. Saímos enfim serra abaixo, com o sol já quente. O vento frio que soprava já estava mais abafado. Paramos num recanto bonito daqueles e ficamos apreciando a paisagem. Foi o tempo suficiente para enrolarmos um baseado e descermos mais doidos do que de costume. Estrada, curva, paisagem, vista bonita e aí nos deparamos com os garotos. Eu não aguento mais aquilo, toda hora eu apanho! Disse um mais decidido e mais seguro. Mas vocês vão pra onde? Eu vou pra casa da minha tia. E você vai pra onde? Eu vou com ele. Parecia que um estava influenciando o outro. Com a sacolinha do lado, continuaram a descer a serra e nós ficamos ali sem saber o que fazer. O engraçado é que nem pediam carona. Deduzimos que se tinham levado porrada, era porque alguma coisa errada fizeram. Bater também não faz bem, não resolve. Fomos conversando sobre o assunto e quando vimos já estávamos no Rio. A dúvida perdurou em nós, o que seria mais correto, levar à força eles lá pra cima, ou deixá-los irem para o Rio como fizemos? E fizeram? Ficamos com aquela dúvida na consciência. Principalmente o que morava lá. Depois ele teria que voltar. A vovó pediu para levá-los pro Rio e de lá telefonar avisando pra irem buscar. Não tivemos coragem, faltou jeito, era uma situação nova e ninguém sabia como agir. Eu sei que deixamos pra lá. Assim é. Tontos, novamente iniciamos uma conversa sobre o assunto. Enriquecemos o acontecido e começamos a extrapolar, divagamos por vários ramos. Criamos diversas visões. O dia tinha acabado, mas nós continuávamos nele. Como

três pessoas que estão conscientes. Eu sei que... tempos mais tarde... procuramos saber... e descobrimos que um dos dois garotos fugidos. Estava fugido ainda... agora da polícia. O outro estudara... crescera com a vida... aprendera e vencera. Este estava no enterro do outro. E depois mais um tempo se passou para que este subisse a serra. Fora falar com a vovó... falar não sei o quê... Um tiroteio entre policiais e um grupo de bandidos... uma quadrilha de assaltantes e outro estava no meio e levou azar... foi o que disse este que estava bem... bem financeiramente e outros "mentes" que um homem tem necessidade. Nós continuamos com a cabeça tonta... o dinheiro, o carrinho, o luxo e o conforto na família. O nosso lar estava muito bem, obrigado. Nós tínhamos nascido num berço... essa era nossa maior gratidão. Que conflito estaríamos vivendo agora? São ramificações de um dia em Petrópolis que Santos Dumont não viu. Foi uma visita... e uma reflexão sobre a vida... A porra do mundo é foda, pode chorar... Foi numa outra subida em... naquele lugar que concluímos que o outro, ou este – para ter consciência, ter coerências – ficou internado num hospital de doentes mentais... ficara maluco... vivia no lar de um hospício. E foi aí que descemos a serra de Petrópolis... de carro... como um passeio... um passeio pela vida incerta... A loucura tomou conta de um menor abandonado outrora... mas ainda descemos a terra e demos a paradinha num recanto para ficar mais tontos do que nunca. E foi por isso que este foi visitar o outro...

O senhor idoso

(anos oitenta)

Todos os dias era a mesma coisa. Era obrigado a acordar cedo para comprar o pão e o leite. Minha mãe morava comigo, sozinha, e vivia reclamando que eu não fazia nada. Não tinha saída, pegava o dinheiro e descia a rua. Descia a rua ainda sonolento, com os olhos embaçados e cheios de remelas, esbarrando com o ombro no muro. Que remédio? Minha mãe trabalhava o dia todo e precisava descansar. Lá ia eu. Contava os postes que ficavam para trás, a fim de me distrair. Um... dois... três... Dava um esbarrão no muro... quatro... cinco... seis postes. De vez em quando a sonolência e as remelas não me deixavam ver uma pedra mais adiante, resultado: tropeção e tombo. Levantava e tirava um pouco da poeira do short, senão, era mais trabalho para minha mãe. Não perdoava minha mãe por me tirar da cama quentinha e me pôr na rua naquele frio de julho. Mas não tinha jeito, e lá ia eu. Perto da padaria dava a paradinha tradicional para mijar no muro daquela casa abandonada que caía aos pedaços. Pedia o pão e o leite para o seu José, com uma voz murmurada entre os lábios. Acorda, menino e pare de sussurrar coisas que ninguém entende, exclamava José quase todos os dias. A volta pra casa era pior. Era uma tortura, era um cu subir aquela ladeira. A única vantagem era que eu já estava mais esperto, sei lá, despertava-me ouvir o

seu José falar. Dava uma corridinha até o pé da ladeira e não mais contava os postes.

Todos os dias era a mesma lenga-lenga, exceto aos sábados, em que eu acordava mais alegre por não ter que estudar. Domingo podia ser um dia bom também, mas o que estragava era aquela bendita missa do Padre Antônio. Sábado era brincadeira o dia todo, só vinha para casa fazer as refeições. Era o dia em que minha mãe mais esperneava comigo: “Vê se não suja a roupa, moleque!” “Peste! Volte antes de escurecer, senão já sabe!” Esse “senão já sabe!” de minha mãe era fogo, mas voltar para casa antes do anoitecer era impossível. Levava uns tabefes, mas depois tudo bem.

Até que num sábado desses qualquer, eu passei da conta, tanto na hora como na imundície em que se encontrava minha roupa e meu corpo. Passei feito uma “baratinha” pela padaria do seu José, que falou alguma coisa que não entendi. E no exato instante que olhei para dentro da padaria, dei um encontrão num senhor idoso que entrara na minha frente naquela hora. Fiquei meio desnorteadado, mas não houve danos nem em mim nem no senhor idoso. Pedi desculpa e saí andando. Quando olhei para trás, no pé da ladeira, vi o senhor idoso entrar na casa abandonada. Tive vontade de voltar, mas a lembrança do chinelo da minha mãe me fez seguir. Levei algumas palmadas e chineladas, mas nem liguei. Pela primeira vez as chineladas não doeram, talvez porque eu estivesse ligado e intrigado com o senhor idoso. Tomei banho, jantei e saí.

Saí escondido, já que minha mãe nunca me deixava sair de noite. Deixei a sua novela favorita começar e escapuli pela janela. Era arriscado, mas eu queria ver se

encontrava o senhor idoso. Desci a ladeira, sem contar os postes, e parei em frente à casa abandonada. Olhei pros lados para ver se tinha alguém me olhando. Como não tinha, subi no muro e fiquei olhando lá para dentro. Sem esperar, deparei com o senhor idoso sentado numa cadeira de balanço, balançando-se na varanda. Fiquei por alguns minutos pensativo. Será que era um mendigo qualquer, refugiando-se do frio? Será que era o dono da casa e eu nunca percebera? Olhando aquela cena fui acolhido por uma sensação triste, aquele velhinho ali sentado, solitário naquela imensa casa, indefeso, tudo me deixava consternado. Saí dali e subi a ladeira de casa, sem disposição de contar os postes. Deitado na cama para dormir, e sabendo que minha mãe não desconfiou de nada, achei que não tinha valido a pena fugir. A minha curiosidade só me fez ficar triste...

Na manhã de domingo a mesma coisa, a mesma sonolência, as mesmas remelas, a mesma tristeza em ter que ir à missa. Minto. A missa e o acontecimento da noite passada me deixavam mais tristes do que de costume. Essa tristeza aumentava quando eu olhava pra minha mãe, sei lá, eu recordava a aventura de ontem. Sentia na minha mãe a falta de uma outra pessoa. Mãe solteira. Quem seria meu pai? Onde estaria meu pai? Podia sentir a sua dor. A dor da solidão. A mesma dor que talvez aquele velhinho sentisse.

Mas lá ia eu pra mais um dia, comprar pão e leite. Descendo com os mesmos olhos embaçados, as remelas, os encontrões, dei a paradinha tradicional ao fim dos postes já tão decorados. Dei a paradinha tradicional, mas quando botei o piru pra fora, senti uma coisa estranha dentro de mim, e não consegui mijar.

Não foi possível mijar mais naquela casa abandonada caindo aos pedaços. Passava direto e prendia o mijo, pra não mijar na casa abandonada do senhor idoso. Nunca soube o seu nome, mas a vontade de estar logo de pé, disposto a enfrentar a vida, foi ele quem me ensinou. O senhor idoso que poderia ser o pai que eu nunca tive!

O urso peludo

(anos oitenta)

Só o meu urso de estimação sabia do meu plano. Na hora de dormir, confidenciei os meus progressos em editar o meu livro de poesias àquele urso peludo e de brincadeira. Pena ele não falar. Falei-lhe das minhas economias. Estava quase dando. O urso ficava me olhando com aqueles olhos de pérola. Ouvia atentamente o que eu dizia em cima do meu colo. É de vital importância o sucesso desse meu livro, disse eu para ele. Contava com detalhes o meu plano: “preciso divulgar o meu livro, e para isso vou fugir de casa, para que todos pensem que fui sequestrado. Irei morar numa pensão, e de lá escreverei que fui sequestrado pra minha mãe. Certamente ela irá avisar a polícia. Quando os jornais souberem da notícia – mesmo sabendo que eu e minha mãe somos pobres – irá noticiar o incidente. ‘Menino pobre é sequestrado após escrever um livro’, será manchete de todos os jornais do Rio. Meu livro será conhecido e todos irão comprá-lo. O meu medo é que minha mãe tenha um troço com o meu desaparecimento. Mas se Deus quiser isso não irá acontecer. Minha mãe é forte, afinal de contas ela é do Norte, urso amigo.” Fiquei contando o meu plano para o ursinho horas e horas.

Acordei ainda sonolento e fui engraxar os sapatos dos senhores de terno na Central do Brasil. De tarde,

vendia amendoim na Praça Tiradentes. Era uma incansável luta. Já tinha conversado com o editor, e ele depositou alguma esperança no meu livro, talvez pensando que eu pudesse ser um novo Ferreira Gullar. Mas fazer de graça, ele não fazia. Minha mãe perguntou pelo dinheiro. Mesmo dando a ela quase a metade do que ganhava, ela queria mais. Mas eu na ponta da língua respondi que estava depositando na caderneta de poupança. Assim, passaram os dias e eu fiz as contas com o meu urso de estimação: estava quase dando.

Até que um dia deu. Fiquei tão entusiasmado que naquela noite nem dormi direito. Falei pro meu urso peludo que o primeiro passo tinha sido dado. Falei que era preciso guardar segredo, e que ele não precisava ficar preocupado, porque eu o levaria comigo. Não sabia se ele entendia, mas falei que o livro não podia ficar só na realização de um sonho, era preciso vender para que eu me tornasse um escritor famoso. Com o meu sequestro, a imprensa fará do meu livro um best-seller, disse eu eufórico. Eu enganarei todo mundo, mas serei famoso como escritor, graças ao meu mirabolante plano de divulgação, disse eu por final, baixinho para que minha mãe não ouvisse.

Passado um mês depois daquela noite em que tinha conseguido arrumar todo o dinheiro para editar o meu livro, fugi de casa com o ursinho peludo. Aluguei um quarto no centro da cidade e um dia depois escrevi, com retalhos de jornal, uma carta pra minha mãe, dizendo que tinha sido sequestrado. O livro já estava nas livrarias, quando mandei uma outra carta dizendo que os sequestradores pediam um resgate um milhão de reais. Achei meio incoerente um milhão de reais – por

sermos pobres – mas fui em frente com o meu plano. Minha mãe ficara alucinada e avisara a polícia. Tudo corria como eu planejei. Dias depois, na pensão que caía aos pedaços, li no jornal com o meu ursinho no colo: “Mãe fica desesperada com o sequestro do filho escritor”. A coisa está adiantada, cochichei eu para o ursinho que parecia assustado. Li o resto da notícia e a coisa estava melhor do que eu esperava. Viva! Ursinho amigo! – gritei eu.

O meu livro vendia assustadoramente, quando escrevi a terceira carta: “Damos um prazo de um mês para que o dinheiro seja conseguido, em caso positivo use dos meios de comunicação para comunicar-nos; em caso negativo, daremos sumiço no seu filho.” Achei a carta forte demais. Não havia necessidade de apavorar ainda mais minha mãe. Mesmo assim enviei a carta, a última. Falei pro meu ursinho de estimação dos últimos acontecimentos. Dizendo que meu plano estava dando certo, e que em breve voltaríamos para casa. Tudo estava indo como mandava o figurino. Dentro de dois dias vamos voltar para casa, só espero que minha mãe esteja bem de saúde, estou preocupado, amigo urso, concluí ao lado dele na cama.

Aos primeiros raios de sol, levantei para comprar o jornal. A coisa tinha explodido, virara primeira página. Meu livro já estava nas livrarias numa segunda edição. Minha mãe fora internada com os nervos abalados. A polícia não encontrara nenhuma pista dos sequestradores. Minha mãe declarava que o dinheiro estava difícil de ser conseguido. Vamos voltar para casa hoje mesmo, já consegui o que queria e não quero ver minha mãe morrer, disse eu para o urso, apanhando-o de cima da cama. O urso riu...

Chegando em casa, deparei com minha mãe lavando roupa no tanque. Ao me ver disse “oi” e foi pra cozinha. Olhei para o meu urso e ficamos sem entender nada. Mais tarde, ao jantar, puxei assunto sobre o sequestro, e ela me respondeu insensível, como só uma nordestina sabe: “foi tudo uma farsa”. Horas depois vim a entender que tanto minha mãe como os repórteres e o editor sabiam de tudo. Tinham vendido apenas dois livros meus, e as notícias na imprensa minha mãe implorara para colocar, a fim de me trazer de volta. Disse-me que pedira aos jornais, ou melhor, apelara. Bronqueou comigo dizendo que eu, mesmo grande, só dava trabalho e despesas a ela. Foi aí que corri para o quarto, gritando para o meu ursinho peludo de estimação que ele era um dedo-duro. Atirei-o na lata de lixo, após estrangulá-lo. Só ele sabia do meu plano. Só ele podia ter dado com a língua nos dentes...

Parafusos, porcas, ruelas

(idos de setenta)

S emelhante a um parafuso. Ou mesmo um parafuso. Vivia numa dessas lojas que vendem parafusos novos, velhos e de todos os tipos e tamanhos. Não só parafusos, mas porcas, ruelas, pregos e outros trecos. Brechó talvez. Perdido entre milhões de outros parafusos, ele se destacava, por ser um dos menores, de rosca soberba e todo enferrujado. Esperava ansioso a sua oportunidade.

Semelhante a uma porca. Ou mesmo uma porca. Vivia também numa dessas lojas, esquecida pelo tempo. Velhas e com teias de aranha, mas que sempre esperavam o seu príncipe encantado.

Num dia desses de chuva fina, triste por obra da natureza e principalmente dos homens, um rapaz precisou de uma dessas velharias. Especificamente um parafuso. Um rapaz louco, cabelos compridos, óculos escuros, mascando chiclete, de casaco de couro, botas, camisa florida, calça jeans encardida... danificada a sua moto, necessitava urgentemente de um parafuso. Assim, o parafuso pequeno, de rosca soberba e enferrujado, teve a sua oportunidade. Conquistara a sua liberdade. Saía das entranhas da loja.

Saindo da loja, já ia se esquecendo, necessitava também de uma porca. Faria um "gatilho". Uma porca que ajudasse a prender, com o parafuso, o banco de sua

moto. Foi assim que a porca se viu num embrulhinho ao lado do parafuso. Presa entre os dedos quentes daquele rapaz. A sua oportunidade chegara, mas o seu sonho não se realizara. Seu príncipe encantado não era enferrujado...

A aflição do parafuso era tamanha. Uma vida nova, um caso novo. Como reagir àquilo tudo? O que mais queria naquela hora era óleo Shell lubrificante. Um WD-40. Solicitava em vão. Ao mesmo tempo pensava na horrível situação de ficar eternamente enroscado com uma porca. E no balanço da mão do louco rapaz, esbarrava naquela porca até então desconhecida. Só lhe restava a espera, o desfecho daquilo tudo.

A partir da sua saída da loja, a porca involuntariamente destruía diversas amizades. Não mais teria aquela gostosa fofoca a lhe deixar cansada de tanto falar. Não mais teria aquele divertimento rotineiro, quando a loja de noite se apresentava escura e tenebrosa. Mas em compensação, toda a sua solidão esvaía a cada minuto entre os dedos daquele rapaz. Todo o seu medo em não arranjar companhia se dissipava. Teria alguém para amar e ser amada, mesmo não sendo com quem sempre sonhara.

Todas aquelas aventuras de parafuso adolescente deixavam de existir. Aventuras da idade crítica. Tudo que via o levava a pensar em sexo. Vendido, isso tudo morria. Sem querer, pôs fim às arruaças que aprontava com seus amigos. Havia muito tempo que procurava uma companheira para, em último caso, se acalmar. Pretendia um namoro tranquilo, uma aplumação na vida. Encontrava-se exausto das farras, das mil companhias e da inevitável sensação de estar sozinho. Conhecer todos e não se abrir com ninguém.

Como qualquer pessoa do sexo feminino, a cabecinha da porca se achava bem avantajada, por muitas jornadas a realizar. Algumas afirmavam que já estava na hora de se juntar com alguém. O seu corpo pedia uma companhia, em troca daquelas conversas que tinha com as amigas na loja. Toda aquela sua existência ali na loja já se tornava fútil. Consciente de sua força em se apegar às pessoas que simpatizava, pressentia, distante, as consequências de um namoro. Mesmo inexperiente, ingênua, de longe, podia prever a sua dependência para com o seu amor. E isso lhe deixava insegura. Assim mesmo, sentia à vontade de arriscar, tentar, sujeitar.

Tinha a experiência da união de um casal, mas também tinha a experiência de caminhar e enfrentar sozinho o mundo. O parafuso sabia que tinha que conviver com essa dúvida até o fim da vida, caso não se decidisse por nenhuma delas, o que não era a sua pretensão. E esse era um dos assuntos mais polêmicos entre os seus colegas lá na loja. Além disso, a visão do mundo atual era comum a todos: a infidelidade imperava na valorização do sexo diante do amor.

A ansiedade do parafuso e da porca estava nas mãos daquele louco rapaz. Toda uma teoria ansiava-se para pôr-se em prática. Formava-se uma dor aguda, causa dos pensamentos que remoíam tanto a cabeça da porca como a do parafuso. Como se isso não bastasse, a ânsia do rapaz também pesava naquele momento.

O rapaz pretendia colocar o parafuso de um lado e a porca do outro, para prender o banco da querida moto. Seria a última coisa a fazer, para que a moto ficasse inteiramente boa. Chegando em casa, o trabalho iniciou.

A preocupação maior da porca era quanto ao seu corpo, queria conservar o resto de virgindade que ainda tinha, mas como fazer se queria se entregar por inteira a um parafuso? Era mais um problema a ser enfrentado. Desejava um parafuso por completo dentro de si, ao mesmo tempo não queria se ver grávida. E as lembranças das pílulas lhe atormentavam. Teria que conviver com esse problema. Manteria um equilíbrio? Era o que achava mais correto? Só quando casasse se decidiria por ser possuída.

Sabia dos tormentos a enfrentar. Viver lado a lado com a imensa vontade de ter relações sexuais e em contrapartida arriscar a própria pele. O parafuso estava consciente sobre esses dois caminhos: ou a imensa vontade de ter relações sexuais e se controlar até o casamento, ou deixar que a coisa acontecesse, assumindo todos os riscos em seguida. Riscos que consistiam em não magoar a amada desejada depois de conquistado o seu corpo para que ela não pensasse que era só isso que desejava. O caso era se controlar até uma longínqua relação duradoura, deter um tremendo desejo até um futuro casamento.

O louco rapaz colocou o parafuso no banco da moto e foi apertando a porca. Mas antes disso a relação parafuso-porca se iniciara, sem que os dois percebessem. Gostavam um do outro, ou não perceberam ou fingiam não perceber. Depois de um óleo o namoro começava pra valer.

Passados alguns dias, o banco da moto era a cruz que o parafuso e a porca teriam que levar ao longo da vida. Vieram então as briguinhas comuns de um namoro qualquer. Um dia o parafuso sentiu vontade de

se desprender da porca, para se satisfazer sexualmente, e a porca não permitiu. Outro, a porca se irritou com o machismo do parafuso. Num outro, os dois quase se descontrolam... Só serviu para aumentar o desejo, mas em seguida, aumentou o tédio. Tinham que parar. Eram brigas e mais brigas. Eternas brigas de um casal de namorados, não importando a idade, eram sempre as mesmas brigas.

O tempo foi passando e o namoro sobrevivia aos trancos e barrancos. Aproximava-se o casamento. Noivos, já aliviaram um peso da cabeça, transaram por unanimidade. Mataram a sede do desejo ardente. Tudo corria a mil maravilhas, tudo azul.

Casados, a vida era aquela mesma rotina, calma e tranquila. Tudo ia bem. Mas aí o louco rapaz insatisfeito com o seu conserto, teimou de colocar uma ruela entre o parafuso e a porca. Uma ruela daquela mesma loja velha. Assim eles se separaram, rápidos como qualquer casal dos dias de hoje. A rosca espanou, tinha comido...

Pequena saliência consistente na pele

(idos de setenta)

Minha raiva passava dos limites. Era para mim motivo de muita vergonha. Era minha cruz, meu castigo, quando me dava conta ou quando vinha à baila. Por que eu? Por que logo comigo? Não tinha apontado para nenhuma estrela, nem tampouco rogado praga para quem quer que fosse, por que então? Não podia andar descalço, mas quando me atrevia era um desastre. Tentava esconder, cruzando as pernas, os pés, e geralmente tropeçava. O vício e a prática quase me fizeram um craque em dar nó em pernas e pés. Minha salvação era que as pequenas saliências consistentes na pele viviam do joelho para baixo. Graças a Deus! Do contrário morreria de desgosto. No verão, no tempo de estio, chegava a ficar vermelho de acanhamento, já que eu frequentava a praia diariamente. Estava me traumatizando por causa dessas malditas e pequenas protuberâncias rugosas. Era o meu maior preconceito. Bobagens? Bobagem uma ova, falas assim porque não as têm. Mas de nada adiantaria meu pranto, minhas esperneações: as saliências estavam em mim e isso era chocante! Procurei diversas soluções. Os colegas, como sempre, prontificavam-se a ajudar, tornando-se conselheiros: “Põe iodo todos os dias que vai

queimando”, “Esfrega um osso nelas e joga-o para trás”, “Passa graveto do diabo”, “Coloca esparadrapo”, etc. Nada resolvia. A verrugosidade continuava a me atormentar. Além desses conselhos, havia os medicamentos tradicionais, o remédio da farmácia e o nitrato de prata. Usei os tradicionais e bulufas. Usei o iodo regularmente e necas, só serviam para manchar minhas pernas e meus pés. Mesmo não acreditando nessas lendas, fiz a esfregação do osso, e nada. Foi ridículo! Passei o leite do graveto do diabo e deu certo com uma saliência, mas nas outras, titica nenhuma. Insisti, pois já havia conseguido alguma coisa, porém, minha persistência foi em vão.

Até que um dia, quase desistindo, coloquei esparadrapo nas protuberâncias rugosas, e elas foram cedendo, foram diminuindo. O autor do conselho ainda disse mais: “Elas não têm vida interna, vivem das impurezas do ambiente”. Entretanto minha paciência era pouco... O processo era demorado; minha disposição exauria-me, apesar das minhas tendências serem do prosseguimento, as saliências me esgotaram. Isso é vírus!

Por fim desisti de acabar com elas. Desisti por vários motivos: 1) eu parecia uma zebra, moreno com aqueles esparadrapos nas pernas e nos pés, brancos feito cera, pois naquele tempo não tinha da cor da pele; 2) todo dia eu tinha que trocar de esparadrapo; 3) a revolta que sentia por ter que ser escravo de saliências na pele; 4) continuava a cruzar as pernas para ninguém ver; 5) etc. O conselheiro deu-me uma bronca. Meu arrependimento foi enorme quando percebi o quanto gastei de esparadrapo em prol da morte de uma protuberância rugosa, que eram pequenas, mas como eram muitas!

Fui atrás do pai dos burros, pois nem sabia escrever o nome dessa tal saliência. Aderi ao nome verruga, visto que era mais sofisticado. Berruga era para o povão. Também li no dicionário que era uma pequena saliência consistente na pele. Já que era consistente, por que não ficar contente? Tirei os esparadrapos e dei liberdade as bichas. Que vivam em paz! Que se lixem! Já não sentia mais vergonha. Passei a chamá-las de berruga e nunca mais cruzei as pernas.

Um novo sistema

(anos oitenta)

O novo sistema começava mal. De onde me encontrava, pouco dava pra ver. Tentava, tentava, mas não parecia haver progresso de um sistema pro outro. Meu único consolo era a renovação do equipamento. Consolo nada, tinha perdido tempo e dinheiro. Não era tão mal assim, aos poucos as coisas foram melhorando: já podia distinguir uma cama... um corpo de mulher... de camisola transparente... já podia discernir um quarto espelhado, sensual... de uma mulher solitária... de corpo atraente... Uma linda mulher. Apesar do visual ainda nublado, já podia perceber que a mulher era provocante. Começava a dar certo. O novo sistema proporcionava-me notável sensação de estar participando ao vivo da intimidade dela, mulher que minha luneta ampliava milhões de vezes. Bela mulher... Ainda estava em dúvida se aprovaria ou não o novo sistema. No apartamento em frente, que minha luneta focalizava, a mulher penteava-se sensualmente. Podia ver sua calcinha modelando as nádegas apetitosas e, com a ausência do sutiã, via-se os bicos de seus seios. Paralelamente a esta visão, desabotoava a minha bermuda. Começava a segunda fase do novo sistema, a minha fase. A gostosa da mulher começou a espremer uma espinha perto do seu seio esquerdo. Espinha ou cravo, não dava pra saber. Depois, deitou-se. Não podendo imaginar

que alguém poderia estar lhe vendo, a tesuda da mulher deitou-se relaxadamente. Distraída e completamente à vontade, a mulher deixou-me ver seu par de coxas. Que coxas! O novo sistema estava dando certo. Endireito o ângulo. Focalizo melhor. Ah!... aquela mancha preta antevista através da calcinha semitransparente e com rendinhas... Foi aí que a mulher abusou de mim. Abusou, aquilo só podia ser abuso contra a minha pessoa, a minha masculinidade, o meu pobre membro. Arriou a calcinha, talvez por causa do forte calor. Ah! Ai! Ah! Ai! Meu Deus! Estava mais do que louco quando ela me deixou ver suas ancas. Mesmo com a lente um pouco embaçada, eu estava vendo tudo, tudinho... Estava enxergando pra burro. Meu frenesi queria me levar, com luneta e tudo, varanda adentro. Estava num desespero danado. Nu, nuzinho, a toda hora eu ia e voltava, encontrava e perdia o foco. Entreguei-me. Minutos depois eu gozava abundantemente, caindo com a luneta, que parecia gozar também. Ainda trêmulo e um pouco cansado, não sentia mais saudades do meu velho sistema. Tradicionais e irreais, as revistas pornográficas estavam ultrapassadas. Afinal de contas usufruía do meu velho sistema – as revistas eróticas – desde o tempo de criança. Tomei banho e cheguei à conclusão que meu novo sistema de me masturbar estava aprovado. Voltando do banho com a toalha enrolada no corpo, a luneta ainda no chão, olhei para o apartamento daquela encantadora mulher. O meu olho nu me mostrou uma visão mais clara e menos embaçada do quarto dela. Ai! não... a toalha caiu da minha cintura... No meu apartamento, a campainha tocou...

O legado de um homem

(idos de setenta)

Érica

...sentia. Num primeiro momento senti três pares de olhos me fitarem. Acreditei naquele instante, após infiltrar os meus pés no quarto e, logo em seguida, o meu corpo, que o desfecho de tudo estava no violão, na estante e na máquina de escrever. Era-me evidente que esses objetos solucionariam o problema. Somente eles. Percebia que o fundamental estava dentro deles. Havia uma sensível predominância deles em relação aos outros. Nem a cama, o armário ou a mesinha-de-cabeceira prendiam a minha atenção como eles. Não sei, mas eu notava uma maior ansiedade neles. Talvez Acácio tivesse mais contato com eles. E com isso tinham mais coisas para me falar. Talvez. Muito mais que transmitirem... dizerem... Era claro à minha pessoa que tudo que eu queria descobrir transbordava deles. Com certeza Acácio tinha vivido bem perto do violão, da estante e da máquina de escrever, era-me visível isso. Passavam Acácio em carne e osso. E o que é mais significativo, passavam o espírito dele. Passavam seu jeito de ser, que só agora me era revelado. Através deles eu conhecia, pela primeira vez, Acácio. Na verdade, através

de todo aquele quarto, eu conhecia, ou melhor, construía o homem que eu procurava. O efeito daquele quarto surtia em mim, principalmente, o efeito da solidão. A impressão que eu tinha era que a máquina de escrever me comunicava, pelo papel escrito, a autodes-truição de Acácio. O violão, pelas músicas, mandava-me uma mensagem de morte. E eu, encostada na parede do quarto, refletia sobre essas impressões. Eu, uma pessoa igual a qualquer outra: mulher que ele só viu uma vez na vida. E nesse meu devaneio, percebi que algo entre aquelas paredes perguntava quem eu era. Talvez não se lembrasse, pensei. Érica, por favor, apenas Érica, disse timidamente, quase num sussurro. Via que sob o teto eu me despia com a força que o ar fazia no meu peito. Deixava... abria o peito na procura de Acácio... no destino de Acácio... Podia sentir o cheiro quente ainda de sua despedida. E por que essa louca vontade de saber por quem mal conhecia? Nem ele a mim? Perguntas que talvez aqueles objetos quisessem me fazer. E o que responder? Nada... sei lá... não sabia... estava nervosa. Via tudo em redor naquele quarto e tudo lá me via também. Isso me era muito estranho. Tudo se confundia na minha cabeça. Sentia um mal-estar, uma forte dor de cabeça. Exalava naquela hora algo intragável. Por uns minutos, pensei que havia um redobramento dos objetos para me descreverem a fatalidade de Acácio. Mas foi pura ilusão. Todos lá me transmitiam sensações outrora vividas. Emoções que, por serem muito abstratas, eu não consegui decifrar. Quem sabe saudades? Experiências que não conseguia traduzir, para um plano concreto. Paixões de uma comunidade que vivia feliz e sofrera um atentado, em outras

palavras, uma verdadeira tragédia. Milhões de impressões aquele ambiente jogava em mim. Eu notava a força que faziam para serem mais claros. A agonia em que estavam por não poderem dizer... estagnados, passavam uma enorme irritação. Era preciso ficar recebendo todas essas coisas? Sim, era, se eu quisesse descobrir realmente a caminhada de Acácio. E eu queria, mesmo tonta e nauseada. Atrapalhavam-se meus pensamentos e, ora com os braços debruçados na janela, ora sentada no canto da cama, eu criava um passado... Fragmentos de sonhos que montavam um mundo... Imaginava o que teria acontecido atrás daquela porta... queria que minhas fantasias mostrassem a realidade de ontem... Não me era necessário vasculhar o armário, os livros, as gavetas, para enxergar mais. Do jeito que estavam as coisas, elas me dizem mais, ou o suficiente. O suficiente que não compreendia, mas que me dava esperanças. Esperanças de que pudesse iluminar aquela penumbra do ambiente, antes mesmo de querer fugir. O mofo que eu podia sentir no quarto, inexplicavelmente, prendia-me, não me deixando perder o controle. Não era preciso ser eu, Érica, para constatar que aquele quarto não usufruía dos raios de sol a meses. Lá eles pareciam eternamente acostumados. Não me restava dúvidas de que lá o típico era a tristeza. Era-me difícil caracterizar, mas as centenas de sinais que me atingiam, faziam com que eu achasse que algo estava perdido. Vestígio de um ar de desprotegido, perdido sim. Manusear as lembranças que aquele quarto me inspirava era quase impossível. De repente a minha mente não sabia o que fazer com essas recordações. Nada entendia, quando aquelas desconhecidas coisas batiam em mim. Era-me muito

estranho... diferente... Apesar de ter que prestar muita atenção, eu, vez por outra, me encontrava à toa. Mesmo obrigada a usar os meus seis sentidos, e querendo muito usá-los, escapavam-me certas coisas. Certas coisas, certas matérias essenciais. Substâncias primordiais para a minha investigação sobre a vida de Acácio. Notei então com isso que não estava havendo um receptor para o emissor. Logo eu que deveria agir ao contrário. Um absurdo! Mas o que se passava realmente era que eu não conseguia codificar as mensagens que os objetos me mandavam. O código transbordava deles e eu pouco aproveitava. Talvez o meu erro, depois que pus os pés naquele ambiente, estava em não me isentar da realidade lá de fora, do mundo de que viera. Eu devia entrar naquele quarto completamente nua, limpa, pura. Pisando o chão daquelas paredes, eu pecava por não estar vazia para captar as sensações. Tinha que deixar minha bagagem do lado de fora, do outro lado da porta. Estar vaga até em sonhos, para poder ver que alguma coisa ingênua, infantil, existia lá. Vazia de alma, espírito, para perceber que naquele retângulo filtrava-se algo muito romântico. Os instrumentos no quarto tentavam passar um Acácio bem verde... Uma criança escondia-se lá, nada madura, que repugnava o lugar de onde eu viera. Um Acácio que achava o mundo torto. Tão torto que eu o deixava inseguro. Ele não acreditava na sua condição humana, na sua existência humana. Achava-a tão fraca que não podia enfrentar a vida. Só muito mais tarde percebi que aqueles objetos inanimados queriam me dizer isso. Quando eu esqueci todas as minhas vivências, pude escutá-los. Um tremendo esforço que fiz... Um tremendo esforço, uma loucura,

porque eu dei a falar sozinha, no intuito de comunicar melhor o meu objetivo. Como se eu estivesse fazendo um interrogatório, pronunciava o meu interesse. Com uma voz baixa, pausada e bem devagar, eu tentava tirar daquele retângulo algo para a minha meta. Por causa da minha instabilidade, corria da minha boca um fio de voz, quase um murmúrio... Era aparente em mim uma aflição, que fazia a minha voz sair hesitante. As palavras saíam entrecortadas e, vez por outra, eu gaguejava. A minha aparência era de uma mulher pálida e perturbada. Jorrava em mim preocupação. Acácio vivia muito solitário? Inquiria eu, passando a mão no armário. Parecia que eu queria que os objetos falassem sob juramento. Em certas horas passava dos limites, implorava mesmo para que falassem. Apelava na minha tola ilusão de dialogar com os objetos. Queria a todo custo desvendar aquele mistério. Incontinenti eu bolava um plano de descobrir o segredo que pairava no ar daquele quarto. Por quê, meu Deus? Não sabia. Tinha pouco com aquela história e com Acácio. Não sei, mas algo me fascinava. E aos poucos eu construía os pilotes da história de Acácio. Esquisita alucinação eu sentia naquele quarto. O que você está fazendo aqui, Érica? Não encontrava resposta, ou não queria encontrar a resposta da minha preocupação. Colocava a mão em qualquer parte do meu corpo e sentia que um delírio corria em minhas veias. Era uma nova emoção que eu experimentava. Era um novo chão que pisava uma nova terra. Coloquei a mão na testa e observei que eu estava com febre. Sentia-me febril. Em cada instante eu me enquadrava naquele lugar. Fluíam mais coisas dos inanimados e mais rapidamente. E eu descobria que os três objetos

mais importantes naquele quarto me pressentiam. A minha imagem, a minha presença, estava se tornando mais nítida. Aos poucos eu ia compreendendo a minha presença e as emoções naquele ambiente. Estava abafado entre aquelas paredes, mas já podia entender que isso era uma coisa comum. A janela completamente fechada era uma coisa normal. E a porta trancada era algo também frequente. Nenhuma claridade, pouca luz, muito escuro... Pressentia uma carência de liberdade, uma ausência de vida, uma falta de alegria. Parada, eu buscava uma explicação para a razão de viver de Acácio. Por que o isolamento? Por que a procura de ser tão solitário? A esse interrogatório, eu não conseguia achar uma solução plausível. E o pior de tudo era que o resultado do problema estava sob aquele teto. Mas não conseguia ver. Tinha momentos em que pensava estar descobrindo, mas me enganava. Voltava à estaca zero. Começava tudo de novo, desde o princípio. Tentava recapitular... embora... pouco para recapitular... Sabia apenas que Acácio tinha morrido... Por quê? E principalmente de quê? Dúvidas e mais dúvidas... Perdia tempo em pensar com tanta coisa para resolver, tanto para agir. Não havia outro jeito. Perderia muito tempo se ficasse só na observação. Poderia tudo descobrir, entretanto o tempo me era precioso. A partir daí pus em prática um outro método de desvendar aquele mistério. Mesmo acreditando que o violão, a máquina de escrever e a estante eram os objetos que mais me poderiam dizer sobre Acácio, comecei a minha investigação pelo armário. Não sei por quê, mas achei que eles três já tinham me informado tudo, eu é que não transformava isso em instrumentos aproveitáveis para o meu intento.

Enfim, abri o armário e descobri uma predominância da cor pastel em suas roupas. Roupas bem velhas. À primeira vista, podia se notar um tremendo mau gosto, ou melhor, roupas fora de moda. Além disso, o cheiro que aquelas roupas exalavam era insuportável. Uma mistura de aromas, ora de mofo, ora de mal lavadas. Fechei a porta do armário e sentei na cama, como para ver a que conclusão eu poderia chegar. Desuso, disse baixinho. Percebi então que isso também não me levaria a nada. Perdia o interesse em mexer nos outros objetos existentes naquele ambiente. Estava confusa. O ar que eu respirava lá me deixava perturbada. E nessa minha intranquilidade, tive a impressão que o violão queria saber sobre a minha vida. Não só ele, mas todos lá. E imaginei se se eu falasse, descobriria mais coisas deles. Falando de mim, eu tiraria a verdade daqueles objetos. Assim, me atrevi: “Meu nome é Érica, como vocês já devem ter ouvido. O meu interesse por Acácio é pura curiosidade. Simplesmente eu gosto de estudar, de descobrir certas mortes. Ninguém sabe como Acácio morreu, exceto vocês. E isso me fascina!” Cochichava com aqueles objetos, achando-me uma louca e mentirosa... Eles me olhavam meio desconfiados, não acreditando muito no que dizia. Mesmo assim, continuei: “eu só quero saber o que Acácio fez, o que o levou à morte. Vocês conviveram com ele muitos anos, e só o que vocês me passam são tristezas, maus presságios. O passado me parece infeliz. Eu senti em vocês um grande pesar pela morte de Acácio. E é claro que vocês sabem por que Acácio morreu.” Falava essas coisas, achando que não os estava convencendo. E não os estava mesmo convencendo, ainda que assim tomasse, de uma certa

forma, conhecimento da morte de Acácio. Estava descobrindo algumas dicas. Precisava provocá-los a dizer a verdade. Queria, com o meu monólogo, incitá-los a pas-sarem, através das minhas impressões, a vida da Acácio. O tédio que aquele quarto me transmitia não me deixava captar as emoções direito. Ecoava ainda naquelas paredes uma forte dor. E o que significava essa dor? Eu não saberia dizer. As coisas, quando chegavam a mim, já chegavam distorcidas. Quando eu pressentia uma tristeza sob aquele teto, ela deixava de vir diretamente dos objetos, porque batia em mim, e assim eu a transformara. E eu não conseguia esquecer os valores da realidade lá de fora, por isso distorcia, não distinguia. Ficava realmente sem jeito, e a febre era a minha reação. Era muita carga que me atingia. Não dava nenhum passo em direção ao meu alvo. Então resolvi, mesmo contra os meus princípios, buscar outro modo para chegar à solução. Eu estava comprometendo as impressões que todos naquele quarto me davam. Não havia outro jeito, tinha que recorrer à dona da pensão, mesmo não querendo. E Dona Margarida – assim se chamava a dona da pensão – era uma mulher magrinha, de cabelos grisalhos, bem velhinha mesmo. Eu tinha reparado na entrada que Dona Margarida era, não sei por quê, uma mulher sinistra. Talvez uma falsa impressão minha. Os grandes cabelos grisalhos escondiam um rosto magrinho, bem enrugado pelo tempo. A idade encurvava o seu pequenino corpo. E ela, vendo minha aproximação, foi logo dizendo que nada sabia sobre Acácio. Mas eu só quero fazer algumas perguntas, disse eu na tentativa de conquistar sua simpatia. Não... não... não quero me intrometer em assuntos que não me dizem respeito,

cortou ela com dificuldade na voz. Acácio era hóspede da senhora e, por mais que não queira, a senhora está envolvida, contra-ataquei. Não... não... não minha filha... nada me interessa... nada me importa... A única coisa que sei é que Acácio era um homem muito estranho, vivia trancado no quarto quase que o dia todo – disse Dona Margarida num fôlego só. Estranho por quê? – indaguei ansiosa. Érica – assim que se chama, não? – não adianta insistir que nem eu nem ninguém sabe nada sobre Acácio, desista – com calma me respondeu. Está bem... está bem... mas ele não saía? – tentei ainda. Dizem os que encontravam com ele na rua, que ele vivia debaixo de marquises, nas esquinas horas a fio, pensando em ontem, sem saber o que fazer. Pasmada permaneci, até que me despertei e voltei para o quarto. Lá chegando, voltei a sentir um cheiro de mofo, uma penumbra que pairava no ar. Uma sensação triste e ruim. A minha ida até a recepção tinha me aliviado e, por alguns instantes, pensei que minha tonteira e a minha febre tinham se dissipado. Mas lá naquele quarto tudo revivia, todas as más lembranças retornavam. Vãs recordações? Não... não... tudo entre aquelas paredes me parecia tenebrosos vazios. O meu corpo novamente tremia. Minhas pernas estavam bambas e pouco seguras. Uma insegurança em mim era outra vez evidente. Eu hesitava... em pé naquele retângulo... eu hesitava... E não sei por que o ar que respirava lá fora me fazia ver de uma outra maneira aqueles objetos, principalmente o violão, a máquina de escrever e a estante. Já conseguia descrever esses três inanimados e já os via nitidamente. Conseguia codificar as mensagens, as impressões, as informações que eles me passavam. E

naquele espaço a náusea retornava. Voltava tão forte que precisei sentar na cama. Olhei para a estante, que ficava do lado da cama, e vi que Acácio possuía pouco mais que mil livros. A estante era construída de dois corpos e em cada um deles havia oito prateleiras. Em todas as prateleiras havia livros. Encostada na parede, a estante só tinha livros subjetivos, introspectivos. Livros que falavam da condição humana, da existência humana. A maioria eram livros profundos, tristes, que buscavam uma vida melhor. Livros que falavam dos males da cidade grande: a solidão, a depressão, o nervosismo, os crimes, a poluição, o estresse. Livros que me deixavam consternada. E ao mesmo tempo tão nervosa que piscava os olhos constantemente. Não suportei e olhei para o violão. O violão estava encapado e muito empoeirado. Aliás, todo o quarto estava empoeirado. Tomei a liberdade de desencapar o violão e (surpresa!) vi que estava com todas as cordas. Passei o polegar nas cordas e, mesmo sem entender, o som não me pareceu desafinado. Os desenhos na boa madeira me deixavam perceber que se tratava de um violão antigo. O som, que ecoava alto lá dentro, era como um grito de socorro. Um grito de Acácio. Isso me deixou apavorada, fazendo me afastar do violão, que ficava entre o armário e a parede da janela, do lado oposto à estante. Desviei os olhos e eles procuraram a máquina de escrever. Estacionaram na máquina. Aproximei-me dela e descobri logo que Acácio escrevia poemas. Quando cheguei perto da máquina de escrever, senti que Acácio além de tudo era um escritor. Era como se ele estivesse lá naquela hora, escrevendo um poema, um conto, um romance, ou qualquer outro texto. Era talvez umas das minhas primeiras

certezas. A marca Trímph mostrava claramente que a máquina também era antiga. E era fácil imaginar que Acácio gostava das coisas antigas. E onde estariam os seus escritos? Não queria saber, aquilo tudo já estava me deixando assustada. Assim, também me afastei da máquina de escrever, que ficava na parede perpendicular à porta, do lado oposto à janela. Fiquei de longe, em pé num canto, observando os objetos daquele quarto. Entravam em formação as minhas ideias. Ideias que acendiam uma luz: as memórias de Acácio iam, aos poucos, sendo recordadas por mim. Lembranças que eu nunca vivera estavam sendo criadas. Com isso, pensava eu, estava desvendando o passado de Acácio. Ficção? Não. Era a realidade. Uma realidade que a todo o tempo o quarto me mostrava. Era real a vida que eu construía para Acácio, ou tentava construir com uma noite passada... Era a mesma vida que ela tivera. Eu tinha certeza. Podia afirmar em alto e bom som que todos concordariam comigo. Tirava conclusões acertadas. Concluía as duas coisas mais importantes: por que e como Acácio tinha morrido. As duas coisas que eu desejava saber e as que tinham me levado àquele quarto. Tudo isso graças à visitação naquele quarto. E, principalmente, à estante, à máquina de escrever e ao violão. Claro que algumas dúvidas ainda existiam, mas o essencial eu tinha descoberto. O resto não me preocupava, não me interessava. O mistério que envolvia Acácio estava como a água limpa de um rio. Eliminava a obscuridade com os reflexos que essa transparente água me dava. Como um espelho que te oferece mais do que o limite permitido. Talvez chegasse ao fim o segredo de Dona Margarida, a proprietária da pensão. Depois disso

tudo eu sentia orgulho de mim mesma ao pensar: Érica, você mais parece um detetive secreto. É... só mesmo uma pessoa capacitada para colher impressões daquele quarto, dormindo uma só vez com Acácio, elucidaria o problema. Um enigma complexo. Foi uma luta, eu sei. Houve uma certa demora. Mas é que havia uma intensa polêmica na minha cabeça que, antes de tudo, questionava o que eu estava fazendo lá. O que eu buscava ali? Enfim... agitada... nervosa... febril... com uma grande agonia no peito, eu chegava à conclusão que a solidão matara Acácio... E seu remédio... sua fuga... ou sua desgraça... foi ter se suicidado...

A estante

...me parecia um homem triste. É, com certeza, Acácio sofria. A cada livro que lia, transportava-se, como um escape, para o mundo das histórias. Era fácil perceber que Acácio não se sentia feliz. Seu mundo era muito restrito. Parecia ser uma pessoa muito crítica, pois me arrumava pacientemente. Enclausurado nesse quarto, ele se isolava da vida lá de fora. Era como se ele tivesse um mundo à parte. Um mentecapto talvez. Como se não gostasse de viver. Havia dias que nem colocava os pés para fora do quarto. Nos últimos dias então... Ele foi se trancando nesse quarto. Foi se fechando em si mesmo. Criava uma prisão para si mesmo. Para falar a verdade, uma solitária. Queria distância do sol... da luz... da realidade... do cotidiano... Atrofiava-se a cada instante. Quase não falava. Não andava... pouco comia... nada ouvia... E suas vistas tinham um campo de observação

muito pequeno. Mas entre essas quatro paredes, Acácio vivia melhor. Era o único lugar que ainda suportava... Longe de ser o ideal, aqui ele preferia. Em certas ocasiões eu o pegava sorrindo. Um sorriso pálido, falso quem sabe. Raríssimas vezes isso acontecia. De onde eu estou, via que sua frequência na cama foi mais constante em seus últimos dias de vida. Até o violão que costumava tocar, ele abandonou. Deixava com o passar do tempo de fazer as coisas que exigiam seu esforço. Desde o princípio, eu notei que Acácio era um homem esquisito. Nos primeiros dias, quando ainda rapaz, era-me difícil caracterizá-lo. Com o passar do tempo, encontrei nele algo peculiar: talvez um viciado em ter vícios, ou manias. Fazia sempre as mesmas coisas, numa eterna rotina. Metódico. Mas parecia o único ser da terra. Tudo girava em torno dele. Ou as coisas giravam a seu redor. Egocêntrico. Parecia-me um individual... um egoísta... Eu percebia que seu maior desejo era ser autossuficiente. Não queria de jeito nenhum depender dos outros... das coisas... Dos que tentavam se aproximar, ele se afastava. Ouvi diálogos, logo quando veio morar aqui, em que as pessoas o achavam incompreensível. Pude ouvir suas narrativas intermináveis, que contavam o seu modo de viver. Nessas horas eu ficava perplexa. Uma loucura. E pensei em certos momentos que Acácio não passava de um louco. Um doido manso, pacífico. Tão passivo que se tornava chato. Mesmo ainda jovem, era um rapaz nada ativo, pouco ágil. Tinha dias em que nem tirava o pijama – isso bem mais tarde. O mais estranho era que ele tinha consciência da dificuldade das pessoas em tratá-lo. Tinha consciência do seu jeito diferente, do difícil modo

de se dar com ele. A sua alegria aparente e a sua maneira de se comportar eram normais. Contudo, quem prestasse mais atenção veria que seus olhos denunciavam uma profunda tristeza, uma visão abandonada. Pelo que eu podia sentir, achava-o desprotegido. Eu, com o silêncio dos livros, tinha a impressão de que Acácio morria a cada dia que passava. Não sei... mas parecia criar um mundo para si... e viver sozinho era o pedido de Deus... uma maneira utópica de viver... Ele sabia ou não disso? Só queria saber de livros. Como se ficasse numa toca, escondido de tudo e de todos. Lia... lia... lia... e se fascinava... Ficava na teoria... nada de práticas e experiências... Magro, as drogas eram seu alimento e só através do sonho se sentia bem. Diariamente, Acácio fumava maconha. Como se necessitasse, logo após acordar, de uma coisa que fizesse fugir, um estimulante. Em delírio viajava para o mundo que desejava. Eu, que suportava aqueles livros, tentava descobrir a razão de Acácio ser assim. Por que não abria a janela? Por que nunca dormia fora? Como o ar que respirava, aquele quarto fazia parte de sua vida. Namorada não tinha. Que eu me lembre, fui testemunha apenas de uma cena de amor: numa noite em que a madrugada já surgia, vi Acácio com uma mulher. Os dois pareciam entorpecidos. Riam muito. Pude então ver que Acácio não conseguia ter relações sexuais satisfatórias. Ou seu membro não ficava ereto ou tinha ejaculação precoce. É... ele não se realizava como homem... e não era porque estava sob o efeito da maconha... A mulher que estava com ele saiu mais preocupada do que decepcionada... Em momentos que falava sozinho, conheci Acácio mais um pouco: sua memória falhava... Vivia sempre esgotado

fisicamente, um cansaço muscular crônico... Não era um homem completo sexualmente, do ponto de vista psicológico... Desconhecia o distúrbio mental de Acácio, pois a certeza eu já tinha. Um distúrbio, um problema mental ou psicológico? Ora pensava que Acácio estava à frente de seu tempo, ora pensava o oposto. A primeira hipótese estando certa, ele não alcançava o desenvolvimento, o progresso, e este pisava em sua cabeça. Considerava certas atitudes inteligentes, podia até caracterizá-lo como um intelectual. Logo quando veio morar aqui, ainda trazia uns colegas para conversar. Tive contato com sua voz. Mal ou bem ainda se comunicava com o mundo externo. Peguei diálogos mais ou menos assim: "Vamos jogar futebol contra o time do Vanderlei? – disse um sentando-se na cama de Acácio. Não sei, acho que não dá – respondeu Acácio. Você está sempre arranjando uma desculpa – disse um terceiro sentado no chão. Você joga bem e nem liga pra futebol – confessou o primeiro." Com isso eu notava que aos poucos Acácio queria se afastar. Aos poucos deixava de fazer as coisas de que gostava para se isolar. Não sabia como ganhava dinheiro. Não trabalhava Quem sabe uma herança. Talvez vivesse de renda, pois pagava em dia o quarto. Recordo-me agora que Acácio, no início, aparentava ser uma pessoa como outra qualquer, um hóspede comum, uma pessoa normal. Dona Margarida até frequentava o quarto dele e conversavam horas e horas. A proprietária da pensão sempre prestativa, sempre disposta a ajudar, falava que qualquer coisa que Acácio precisasse, ela tentaria arrumar. – Muito obrigado, mas eu me arrango sozinho – dizia ele, sisudo. Está bem, mas prestar serviços é comigo – insistia Dona

Margarida, a fim de ser simpática. – Eu me viro – cortava Acácio, teimando. Você é quem sabe – finalizava Dona Margarida, achando tudo muito esquisito. Não queria que as pessoas descobrissem alguma coisa? Era o primeiro hóspede que incontinenti recusava os serviços da dona da pensão. Não que ele fosse antipático, não, isso ele não era. Era na época um rapaz que, delicadamente, só queria ficar em paz. Nem tampouco era grosso, apenas preferia o silêncio, a distância. Sempre disperso, longe, distraído, Acácio era uma pessoa inibida. Vivia no mundo da lua, não tomando nunca iniciativa de puxar um assunto. Bem educado, e até certo ponto gentil demais, ele era uma pessoa muito sensível. Introvertido, ele passava para os outros hóspedes e, principalmente, para Dona Margarida, um jeito de homossexual. E eu sustentando seus livros me dizia: que mulher preconceituosa! Tímido, eu podia imaginar Acácio sentado para o almoço, sob o efeito dos pares de olhos dos outros hóspedes. Como se estivesse na berlinda. Sob a influência daquelas pessoas que queriam saber de sua vida. Como se estivesse prestes para ser julgado. Dona Margarida, curiosa como nunca, insinuava coisas com o intuito de saber sobre Acácio. Como se estivesse num interrogatório. Eu acreditava que aquelas pessoas só o deixavam mais retraído ainda. Tinha a impressão de que ele passava um enorme carisma. Era uma pessoa meiga que, mesmo com o seu jeito, cativava as outras pessoas. Como se seduzisse, principalmente com os seus olhos, as pessoas que desejava e à hora que melhor lhe convinha. Era carinhoso, pelo pouco que pressenti. Emanava dele uma estranheza... Acima de tudo uma pessoa humana. Um ser

que ora sentia ódio, ora ficava confuso em ver tantas coisas erradas... Pode parecer absurdo, mas Acácio era dotado de um poder sobrenatural. Não sei ao certo o que era, mas podia sentir, depois de muitos estudos. Ele conseguia atrair a pessoa que quisesse. Descobria com poucas palavras a vida dessa pessoa, como se lesse o seu pensamento. Às vezes, em diálogos aqui dentro no quarto, eu percebia que Acácio já sabia o que as outras pessoas iam dizer. Adivinhava atitudes que outrora tomaram... Sabia como fazer qualquer coisa, mas nem sempre queria... Como se hipnotizasse tudo ao seu redor... Era uma pessoa que estava sempre amargurada. Tinha um comportamento incomum. E pelas minhas observações, eu registrava seus movimentos. Um registro que eu não compreendia muito bem. Brincadeiras que praticava sempre inesperadas. Talvez um calmo humor negro passasse sempre em sua cabeça. Ouvi, através de seus amigos, que Acácio era uma pessoa contraditória. Uma pessoa que discordava... um ser "do contra"... um sábio, quem sabe? Um sábio que tinha dificuldades em passar sua sabedoria... Continha um enorme potencial que não conseguia extrapolar. E viver no seu canto, apagado, era a sua meta. Era a sua solução, a sua saída. Manipulava qualquer assunto com muito conhecimento, mas sua timidez o impedia de realizar... Seu relacionamento era, simultaneamente, muito preconceituoso e muito liberal. Assim, com o tempo, Acácio foi se tornando mais monótono do que o cotidiano que tanto fizera para escapar. Renegava o dia a dia da vida lá fora, da vida real. Transformava, sem perceber, tudo em rotina. Um cigarro sempre antes de dormir... um sagrado cigarro... minutos de reflexão... retrospecto do

dia... um cigarro que virou tradição... um pijama que deixava de ir para o gancho atrás da porta... roupa de todo dia... um dia do lado esquerdo, outro do lado direito, um outro de brucos, mas sempre deitado, lendo, lendo muito... um livro inteiro por dia... a revolta dos amigos em passar um dia inteiro lendo... um livro hoje... outro amanhã. Era um autodidata... O afastamento das pessoas que faziam parte do seu ciclo de amizades... a distância deles... horas felizes... horas em que se sentia bem... Gostava de ler... Dizia que as leituras faziam parte da sua formação... Eu sentia o gosto de Acácio pela leitura. A todo instante apanhava um livro em mim e folheava. Um romance qualquer, quase sempre clássico, que o deixava alheio a tudo. Era como se esquecesse da vida. Entregava-se por completo ao mundo que o livro lhe oferecia. E se porventura não houvesse um novo romance para ler, ficava aflito, perturbado. Então tomava a resolução: decidia ler algum livro didático. Não podia era ficar o dia inteiro sem ler. Tinha a mania de me arrumar a toda hora. Queria ver tudo certinho, tudo em ordem. Deixava-se levar pelo conto de fada que o livro lhe proporcionava. Todos os livros em fileiras. Cada um tinha o seu lugar marcado. E se aborrecia se alguém se atrevesse a mexer em mim sem sua permissão. Ficava realmente furioso. No começo ainda tirava o pó de mim, mas nos últimos dias de sua vida não mais ligava. Só faltava eu espirrar! Uma organização exemplar: livros didáticos aqui... livros pequenos lá... romances estrangeiros mais acima... romances brasileiros mais em baixo... Mas não tinha o que me queixar. Por pior que fosse o livro, tinha a mania de sempre ir até o fim. Terminava de qualquer jeito. E não

lia dois livros ao mesmo tempo de jeito nenhum. Como também não gostava de ler duas vezes o mesmo livro. Além de não gostar de comprar um livro que já tivesse sido encenado no teatro, adaptado para a televisão, ou no cinema. Acácio era cheio de caduquices. Pleno em cacotes... com certeza, manias benignas... Puxando pela minha memória, lembro-me agora que Acácio era um viciado em se masturbar. Peguei, em dias mais tristes do que de costume, Acácio se masturbando. Toda semana eu podia vê-lo, com a porta do quarto trancada, com o membro pra fora da roupa em movimentos frequentes. Com a janela fechada, a cortina arriada, estava ele em movimentos constantes... como a chuva fina lá fora... Uma coisa degradante e hedionda. Tinha a impressão de que gostava de se masturbar entorpecido, por maconha ou por bebida. E nesses dias parecia sentir um maior prazer. Amaconhado ou bêbado perdia o controle... perdia o respeito de si mesmo... a vergonha... e descontrolado, porque o excitamento falava mais alto, fazia carícias em suas próprias nádegas. Uma mão sempre alisando o seu corpo. O prazer o dominava... infiltrava um dedo... penetrava um dedo em si... numa mistura louca de perder o controle do desejo e da consciência... como uma coisa interminável... uma demora gostosa... a delícia da espera prolongada – entorpecido – no momento mais sublime de uma relação sexual... o momento antes do clímax... somado com esse mesmo clímax que parece nunca findar... Era o culto do eu, do eu de Acácio... grotesco que Acácio conseguia, com o seu eu, alcançar o sublime... Acácio era um pouco assim. O pouco, que mesmo Dona Margarida bem perto, não conhecia. O que podia passar pela cabeça da dona da

pensão era um rapaz maluco, nunca um maníaco. O consciente, o inconsciente e o subconsciente incompatíveis com a vida social dele. E Dona Margarida fazia parte desse fato social. Talvez uma injustiça social que Acácio via na realidade, fazia-o buscar o seu interior, que na verdade vivia incontrolável. Percebia o mal do mundo, mas não conseguia vencê-lo por ser desorientado mentalmente. A desordem em si imperava. Um alvoroçado de ideias que se desesperavam ao longo do tempo. Como o desespero de um ser humano, de um ser racional. O raciocínio falhava, porém, tinha horas brilhantes. Um volúvel entre as neuroses e as normalidades. E isso eram poucas impressões que Acácio me transmitia. Não sei se sentia às vezes vergonha, pois eu fazia parte dos móveis existentes naquele quarto, e isso não o incomodava. Eu, encostada na parede e bem no canto do quarto, seguia os passos dele. Observava e até perseguia seus movimentos, e em momentos assim, o pudor me invadia. Acácio se exilava no quarto e estava completamente banido da vida real. Surgia pra mim como um refugiado. Um prisioneiro que vivia numa solitária, num espaço qualquer dessa imensa terra. Ele próprio tinha feito seu sequestro. Perfeito em todos os sentidos, apesar de uma parte do seu corpo ainda resistir. Como um golpe programado com antecedência. Todas as minúcias foram pensadas e repensadas. Todas as providências tomadas. Todos os detalhes vistos e revistos. Uma armada que topava tudo, particularmente a luta contra uma resistência que porventura pudesse acontecer. Já que sabia que sua decisão era uma coisa incerta. Caminhava com um pé e só em cima do muro. Numa corda bamba que não conquistava a

travessia da ponte. Mas estava preparado para o que desse e viesse e o preciso era chegar do outro lado. Causas conscientes e conseqüências não imaginadas. Seja lá o que for... Uma decisão que Acácio tomava e que o levaria para o seu abismo – mais tarde vim a comprovar isso. A porta do quarto trancada mostrava-me a profundidade de destruição em que Acácio chegara. O fundo do posso que se metia. E quando dei por conta disso, iludi-me na esperança de que pudesse existir um anjo da guarda forte. Bastava isso? Não, não, nunca bastaria um anjo. Era necessário mais, muito mais. Nem mesmo suas orações antes de dormir. Um rumo traçado que nem suas orações ao pé da cama corrigiriam. Eu percebia que nada o impediria... nada o deteria... Um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma reza aleatória, nada o salvaria. Orações deitado na cama – perto do fim. E nessas circunstâncias, a Bíblia era tirada de mim constantemente. Ocasões em que o manuseio da Bíblia era habitual. Acácio, um herói malgrado num determinado ângulo, e num outro, Moisés e Davi. O seu poder perdia longe... ou sem querer, ou mal administrado, ou mesmo desconhecido... A dúvida que em seu rosto eu notava: a Bíblia ou Darwin? Um questionamento alucinador. Uma reflexão maligna. Infantis dúvidas. A vida depois da morte... estudo que ia se aprimorando em sua cabeça... momentos que em mim o livro sagrado era o seu predileto... O porquê da linda imagem de Jesus Cristo. A beleza de suas formas e seus traços. Uma polêmica inevitável. Uma discussão sem fim. A verdade estava com quem? Se é que existia verdade. E a fidelidade de ser Acácio. A procura dessa realidade espiritual, ele buscava incessantemente. O

pensamento a mil, com a finalidade inútil de descobrir o porquê desses acontecimentos bíblicos. Útil? E o medo? O holocausto na alma? Por que tudo isso? Eu podia ouvir em seu silêncio. A leitura infundável. Histórias em que não encontrava solução. Israel, Jerusalém, Abel, Caim, palavras que fugiam de seu entendimento. Escapulia entre seus magros e longos dedos a razão nesse campo. E a matéria desses feitos no livro sagrado deixava-o mais confuso ainda. Não havia como explicar. Por mais esforço despendido, mais solidão lhe restava. A presença de Deus, que tanto acreditava, não conseguia achar. Nem sua luz... E minha sorte desprendia de mim. Uma sorte: maneira de torcer. Sem poder fazer nada... Uma chance: modo de não abandonar. Mas era brigar contra o invisível, contra o vento. Era-me evidente, Acácio ia morrer. Como ajudar? Eu, uma simples estante! Promessas... tudo em vão... O meu dito foi cumprido... Acácio pereceu em seu leito, em uma manhã triste e sem sol. Matou-se em prol de sua decisão... O melhor para acabar com sua angústia... e o seu sofrimento.

O violão

...um tremendo incômodo. É o que eu posso retratar aqui dentro desse maldito quarto. Posso até estar exagerando em chamar esse quarto de maldito, mas, sei lá, subia em mim uma sensação de frieza. Um frio que se eu tivesse espinha me deixaria arrepiado. Isso antes, durante e depois da morte de Acácio. Uma desesperança transbordava de todos os poros dessas paredes. Tranquilamente, fruto do desequilíbrio mental de

Acácio. Assim eu tentava justificar o comportamento dele. Eu acreditava fielmente nisso. Uma anormalidade mansa, calma, nada violenta. Talvez de todos os objetos desse quarto que sofriam a influência direta desse homem, eu fosse o objeto que mais o sentia... Estava sempre em contato com o seu corpo... fugia da contaminação de seus desacertos... Hoje, a coisa mudou um pouco, há uma calma reinante... porém o passado está vivo em minha memória... o passado está presente... está dentro de mim... em lembranças, recordações, diários, memórias e, principalmente, em músicas... impressões e sensações que eu guardei... momentos inesquecíveis... dias em que vivi em intenso conflito... que perdura até agora... Acácio passava por uma crise. Que determinada crise era essa? Eu realmente não sabia. Nem sua procedência eu conhecia. Mas vez por outra, pegava Acácio em crise. Parecia estar em permanente choque. Um choque indescritivo. E as coisas eram assim mesmo nesse quarto: vagas, estranhas, esquisitas, desconhecidas. Contudo, eu tinha uma certeza: nada era perigoso. Pelo menos pra nós, móveis, objetos inanimados, que vivemos aqui. Talvez pra Acácio tudo aqui era uma contínua tortura. E fazia bem ao seu caráter essa tortura? Não que fizesse bem, mas a tortura fazia parte, constituía o seu caráter. E a causa e o efeito? A causa podia ser a solidão, o convívio no ambiente, o isolamento. O efeito foi, logicamente e em princípio, seu distúrbio, depois o suicídio. É, sob este teto, eu pressentia uma desorientação... como uma sombra que paira no ar... uma sombra negra... O esconderijo de Acácio era este retângulo. E isso era uma obsessão. Era a sensação que eu sentia. Havia uma preocupação quanto à

elaboração desse intento. Ele fazia com que as coisas se tornassem usuais. O ambiente foi sufocando-o... e a eficácia era praticada... Repentinamente um problema psíquico... Nem um equívoco... nem uma falha... nem uma coisa adversa... estava tudo muito perfeito para o seu alívio... Sua sanidade ficou comprometida... e outrora, aparentemente são... um demente... outrora uma pessoa sã... um mentalmente enfermo... uma febre sem conta... e para nós aqui, isso era incômodo, insatisfatório, desconfortável... Emoções confusas que Acácio me transmitia... Entre essas quatro paredes, eu pouco podia tirar dele, a não ser através do seu comportamento, da sua maneira de agir. Praticada uma ação por parte de Acácio, eu tentava decifrar. Tentava desvendar mistérios e segredos. Do lugar em que me encontrava, eram poucas as conclusões a que eu poderia chegar. Do lado da parede, largamente encostado num cantinho desse quarto, eu observava todos os movimentos de Acácio. Parede essa da janela e do armário, na quina, na união das duas paredes. Lugar em que vivia. Ora encajado, ora jogado: eu moro aqui. Afinado para a vida. Harmonioso e coerente com as coisas que via. Certo em todos os sentidos. Marcando um ritmo alegre e positivo. Era assim até Acácio me impressionar... até ir me vencendo de tédio... até ir me possuindo com as náuseas... até eu dar por mim e ver que Acácio se tornava a minha vida. Era viver sempre transtornado. Como se estivesse sempre em apuros. Com um gênio excessivamente tranquilo, um temperamento calmo, Acácio tinha ideias brilhantes. Em diálogos com os seus amigos, eu podia averiguar isso. Como um conselheiro, ele tentava ajudar a todos que lhe procuravam. Como

uma pessoa que está sempre de fora, Acácio falava da igualdade, do amor, seus conflitos e seus atritos. E era mais ou menos assim a exposição dele: "...se você pretende pregar a igualdade entre o homem e a mulher, é preciso que você tenha bastante força para resistir aos vícios dessa sociedade patriarcal. Em outras palavras, eu poderia dizer que essa atitude é muito difícil de ser seguida, já que os preconceitos sociais estão em todos os lugares. Namorar a garota 'certinha' e por detrás desta viver à procura de outras é por um lado não ser justo consigo mesmo, ou, por outro lado, é procurar o que não encontra na namorada. Além desses males sociais, você ainda está sujeito à condição inata do homem (???), ou seja, está condicionado ao fato de que o homem tem que possuir duas ou mais mulheres (???). Um erro com o qual você luta bravamente... e sendo assim, é viver afastado do contexto. A cabeça nesses momentos fica tremendamente confusa, numa quase perda de juízo. Não resta ao homem mais do que torcer para a conquista das mulheres e esta vitória deve partir delas com a compreensão nossa. Melhor, essa luta também é nossa. Luta contra o sistema capitalista que nunca vai reconhecer o trabalho invisível, infinito e não remunerado da mulher. Do contrário, permaneceremos numa eterna discórdia. Ficam os homens tentando ser fiéis, mas sofrendo poderosas influências dos próprios homens e da sociedade, e fica a mulher errando em não dizer pra colega que esta está sendo traída..." Momentos assim afastavam o seu constrangimento. Sim, Acácio vivia constrangido. Talvez até por causa desse amor que nunca durava o tempo suficiente para se completar... Quem sabe se o infinito, o ilimitado, não estava na

“namorada de fé” acompanhar as viagens de Acácio? Ora, fumar maconha, estar em novos horizontes, era fugir à procura de outras mulheres? E eu nunca soube se Acácio teve namorada. Nem mesmo uma garota para transar. Lembro-me apenas que um dia ele apareceu com uma mulher no quarto. Não deu para eu ver direito, mas eu acho que ele tentou, tentou e nada conseguiu. E se não me falha a memória, o nome da mulher era Érica. Entre afagos, eu ouvi Acácio falar com a voz abafada. Recordo-me também que Acácio trouxe um seu colega para o quarto. Trocaram palavras fúteis até que os vi na cama. Tudo isso, no princípio, surpreendeu-me. Depois, pareceu compreensivo ver que o meu companheiro de quarto era bissexual, viciado em drogas e perturbado mentalmente. Mas com o tempo nós todos nos familiarizamos com o hóspede. Tanto eu como os outros objetos. Acostumamo-nos ao estranho temperamento de Acácio. Porém, a curiosidade ficou latente dentro de mim. Suas origens, as razões pra estar aqui, eram coisas que eu queria saber. Como arrumava dinheiro, como ficara doente, como iniciara a fazer uso de drogas, eram interrogações ainda sem solução. Eu me perguntava se o hospício ou algo semelhante andava atrás dele, se a família lhe procurava, se é que tinha. E nunca chegava a conclusão nenhuma. Com isso fui aprendendo a lidar com ele. Claro que eu tinha como objetivo tirar algumas respostas da sua vida. Passei a observar mais atentamente, principalmente quando ele me apanhava para tocar. E isso era frequente, quase todos os dias ele me pegava, nem que fosse uma horinha por dia. Não vem ao caso mencionar suas músicas e letras, mas elas eram tristes e repetitivas. Eram letras que falavam de solidão,

amor e saudades. Era, particularmente, através delas que posso ter a minha versão sobre Acácio hoje. Eram instantes em que eu via que Acácio era bom e humano. Cada grito em suas músicas era uma súplica. Parecia sufocado pela vida que não queria enfrentar lá fora. Como se estivesse asfixiado. Com medo de ser um cidadão comum... pois tinha medo simplesmente de viver... de conversar com as pessoas... de ser o que não era... ou pretender ser o que nunca pudesse ser... Medo da multidão... de tumulto... do alvoroço... de ter uma pessoa mais íntima... medo de acarretar em medo, covardia... de ter filhos... E assim fazia desse quarto o seu recanto feliz... seu refúgio do medo... seu retiro para o sol... para o claro... nunca pra chuva e pro escuro... Acácio era um pouco assim... um muito que não sabia... mais ou menos assim. Talvez eu pudesse estar enganado. Ele poderia não ser assim, mas acima de tudo era uma pessoa especial, incomum. Tinha facilidade em conquistar as pessoas, em levá-las para cama. Entretanto, parecia não gostar do sexo em si, puro e simples. Preferia o carinho e as excitações antes da relação sexual. Como se não quisesse se deparar com o final. Ele sempre ficava na apreciação do corpo, da pele. Voyeurismo. Fetiche. Era um homem atraente, bonito, que tinha o prazer em ver o seu parceiro ou sua parceira de cama em profundo delírio. Sentia-se bem em conseguir com que sua companhia entrasse em estado alucinatório, num frenesi louco. Foi vendo isso que descobri que Acácio era psicologicamente incapaz de chegar ao clímax, ao orgasmo. Ejaculava precocemente, quem sabe? Sabendo que prematuramente ejaculava, achava por bem não arriscar... Como num labirinto, eu

caminhava por diversos atalhos e a conclusão que eu chegava só era possível quando ele me apanhava para extrapolar suas emoções e angústias. Errei, errei, até que construí a minha versão, a minha história, a minha certeza, a minha conclusão. Como um relax, Acácio dedilhava as minhas cordas e demonstrava muita sensibilidade, muita inspiração. E a sua musa era a calma conturbação em que escolhera para viver. A cada dó e a cada ré, ele expulsava seus sofrimentos. Eu era um costume. A cada “pestanha”, mesmo sem letra, era uma música instrumental que nascia. Uma música profunda, de cunho filosófico, uma viagem. Ia compondo até o poema se transformar em canção. Eu era mais um hábito que Acácio tinha. Às vezes, ficava horas e horas tirando músicas de mim. Eu, um velho violão, era o seu passatempo. As pessoas pediam para ele tocar, mas ele sempre inventava uma desculpa. Não sabia tocar os sucessos da atualidade, não queria tirar músicas dos outros. E sentia vergonha em tocar para muitas pessoas juntas. Dizia que seu violão estava desafinado para não ter que tocar para Dona Margarida. Nem para a dona da pensão, nem para os outros hóspedes. Suas músicas eram individuais, feitas para serem tocadas e ouvidas só por ele. Eram canções que falavam muito de sua pessoa, verdades de que ninguém precisava saber. E quando alguém insistia, Acácio cantava algumas para ser amável. Ficava nervoso, sua voz saía baixa, como um grito abafado. Sentia medo de ser criticado. Sentia medo de tudo. Várias coisas o influenciavam e não conseguia ser o mesmo quando estava sozinho no seu quarto. Errava as notas seguidamente. Seu retraimento fazia com que suas músicas se tornassem um desastre.

Eram melodias que só serviam para relaxar. Melodias que falavam do eu e do outro. Canções egocêntricas que buscavam o interior de Acácio. E ele era um pouco assim... era pelo menos o que eu podia ver... perto de mim, Acácio era isso... Eram assim os dias dele, quando voltado para mim... de noite, do lugar que ficava, eu podia ver Acácio rezando. Não dava para ouvir tudo, apenas partes que eu tentava emendar. Não agradecia o dia que tinha passado, nem tampouco pedia um amanhã melhor. Não fazia promessas e nem pedia nada. Era um Pai Nosso gaguejado e uma Ave Maria vacilante. Algumas citações da Bíblia. Provérbios bíblicos que tinha decorado de cabeça. Trechos do livro sagrado que davam uma entonação agradável à reza. Acácio se entregava para interpretar os Salmos. Era um modo diferente de rezar. Não colocava a palma das mãos, nem ficava de joelhos. Não fazia o sinal da cruz, nem no início e nem no final da reza. Não chamava isso de oração, porque não orava e nem tinha o dom para orador. Não mantinha a cabeça baixa, pois como se encontrava, ora deitado, ora em pé vestindo o pijama, ora sentado na cama – Acácio rezava. Era um homem religioso, apesar de não respeitar – se é que posso chamar assim – a maneira correta de rezar. Não seguia o modo certo como os outros. Era apenas um católico, talvez praticante. P.A. (seu espírito) fazia parte dessa sua energia, um anjo da guarda talvez. E P.A. não era o seu outro lado, não, isso nunca. Acácio tinha-o como uma musa. P.A. era simplesmente o ouvinte das melodias que Acácio criava comigo. Era o mensageiro do céu, o espírito que seguia o som através dos doces ou ferozes acordes da música. Abria estradas para as

viagens de Acácio. Era o crítico e companheiro. Um companheiro imaginário que não tirava Acácio da solidão. O objetivo que não deixava Acácio cair em tentação. Alguma coisa para se preocupar. O fantasma com quem podia conversar e ouvir. A gota que não permitia a morte de Acácio. Assim era Acácio e sua alucinação que por horas se tornava um pesadelo ou um sonho inalcançável. Isso era Acácio... era o som que ele criava em mim... um som que eu podia captar... Não sei, mas ele parecia representar as pessoas talentosas de uma época passada... artistas do século XIX... filósofos, escritores, pensadores... que se isolavam das pessoas e do mundo... e morriam sozinhas... ou por uma doença da época... ou se suicidavam... Pessoas famosas, intelectuais que morriam pobres... como mendigo... na miséria... Pessoas inteligentes que o mundo não compreendia... que estavam à frente de sua era... que morriam por um amor malogrado... Sofriam por um amor não correspondido... ou pela morte da amada... Acácio às vezes até buscava uma vida assim... Ou se autodestruíam por causa de um vício qualquer... solidão, álcool... e Acácio foi uma pessoa assim... sem fama, mas com a inteligência... sem o conhecimento, mas com a incompreensão... que se suicidou... E eu pude ser testemunha disso... Eu, um mero violão de seis cordas, que se tornaram seus seis sentidos...

A máquina de escrever

...cheguei mais tarde. Acácio já tinha alguns anos morando aqui, quando cheguei. Estava cansado de escrever, apesar de gostar mais. Eu faria com que sua

obra literária andasse mais rápido. Facilitei o seu trabalho. Mesmo sendo velha, eu supria a deficiência de sua mão. Algumas linhas a mais e vinha o esgotamento. E foi uma recepção agradável. Arrumou uma mesinha, tipo uma escrivaninha, com algumas gavetas e a colocou encostada na parede. Na mesma parede da porta, em frente à janela, onde vivo até hoje. E desse mesmo lugar, eu pude observar toda a vida de Acácio. Pude avaliar. Pude perceber o prolongamento da sua destruição. E chegando depois, eu fui privilegiada em certas coisas. Por um lado, deduzi logo que a mulher que apareceu, depois da morte de Acácio, era a mesma que tivera relações sexuais com ele. E chamava-se Érica. Por outro lado, eu peguei Acácio já perdido, sem remédio, na reta final. E isso me doeu, já que eu não o conheci alegre. Os outros objetos, principalmente a estante e o violão, não sabiam que aquela mulher de outrora era Érica, que veio a esse quarto após a morte de Acácio. Acredito também que eles desconhecem o motivo de sua vinda. Não foi para desejar o último adeus, como podem alguns imaginar, não. Ela nem o conhecia direito, nem era íntima, foi sim porque se preocupou com ele. A relação que tiveram deixou-a intrigada e preocupada, e mesmo depois de um longo tempo, veio ver como Acácio estava passando. Desde o seu relacionamento, Érica seguiu os passos de Acácio, mas lhe faltava coragem para se chegar. Talvez ela notasse que ele não queria ter amizades, notara que ele era muito estranho e isso a intimidou. Não sei se estou certo nas minhas conclusões, mas é a minha opinião, é o que eu acredito. Estou aqui afirmando coisas de que nem tenho certeza. Talvez eu tive mais oportunidade de conhecer a fundo Acácio. Os

outros inanimados tiveram um relacionamento superficial. Eu tinha dezenas de teclas para tirar tudo a limpo. Deparava com os vestígios. E não foi difícil chegar ao fim desse mistério. Eu tinha os espaços, os “tek-tek”, os pensamentos diante de mim para desvendar Acácio. Quando lhe fugia uma ideia perante a mim, eu via os pensamentos da ideia perdida... Via ficar em devaneio à procura de reativar a memória. E isso tudo me foi oferecido sem querer por Acácio. Era só pôr o papel em mim que ele se mostrava inteiro. Era uma vantagem que tinha sobre os outros móveis. Tek... tek... tek... tek... tek... espaço... tek... tek... tek... tek... tek... Não sei se o som das teclas era assim, porque aqui do interior delas era diferente, talvez mais seco, surdo. Era semelhante para quem estava do lado de fora de mim. Eu sabia sobre tudo o que escrevia. E como escrevia! Passava às vezes o dia inteiro escrevendo. Escrevia quase sempre em primeira pessoa, sempre tinha alguma coisa relacionada com ele próprio. Podia ser na poesia ou na prosa. Era uma pessoa super introvertida. E isso fica evidente quando se sabe que Acácio não mostrou seus escritos para ninguém. Era da cabeça para a máquina de escrever e daí pra gaveta. Centenas e centenas de papéis que se empilhavam. Acácio talvez tentasse se esconder por trás deles e por isso os escondia na gaveta. E a melhor coisa para se conhecer Acácio era ler seus escritos, era ler e descobrir o Acácio que morava aqui.

Ansiedade

Sempre existe um par completando um outro...

Entorpecido eu não me conheço

ninguém me conhece

mas amanhã estarei normal
são pedaços de mim
são partes que vivem se cruzando
Entorpecido eu perco o tato
a memória falha
mas amanhã tudo estará normal
são partes de mim
são pedaços que vivem comigo
Sempre existe um par completando um outro...
Sinto medo quando entorpecido
quando lúcido me sinto partido
é uma parte gritando socorro
e a outra gritando silêncios
Sempre existe um par completando um outro...
Entorpecido eu grito, sou louco, penso feito um
condenado
sou solidão, sou pura inspiração
não sou eu que entorpecido fico?
sou eu que amanhã estarei seriamente
comprometido com os compromissos?
Sou eu, tudo sou eu
Sempre existe um par completando um outro...
Agora sinto raiva, me aborreço
é a minha poesia
isso é lírico
sou eu todo não conseguindo ser uma parte
Sempre existe um par completando um outro...
Ontem, entorpecido, eu escreveria mil poemas
hoje, sereno, nem ao menos consigo acabar esse
Sempre existe um par completando um outro...
Morro cedo quando por essa linha
quando corda morro virgem

Entorpecido eu não tenho medo da realidade
sereno ou normal eu morro de medo
entorpecido eu tenho medo da vida entorpecida
sereno ou normal enfrento o entorpecimento
Sempre existe um par completando um outro...
O lugar da sintaxe é aqui
Tenho uma namorada quando calmo
quando tenho calma namoro
Sempre existe um par completando um outro...
Vivo duas vidas distintas
uma é séria, moral e calma
a outra é agitada, doida e despudorada
Sinto saudades quando distante
quando perto sinto tristeza
sinto esperança quando longe
quando próximo sinto vontade
sinto chegar quando vejo
quando sinto chego a vê
vejo nascer quando morre
quando vejo sinto nascer
morro vendo quando sinto
quando morro vejo nascer
cresce morrendo quando perco
quando cresce perco vendo
luto perdendo quando cresce
quando luto cresce perdendo
vivo crescendo quando luto
quando lutando vivo sofrendo
Sempre existe um par completando um outro...
Sofro chorando quando tenho
quando choro sofro tendo

São dois que eu conheça
sou aqui dois poetas
duas pessoas
vivo duas vidas
pra mim elas são meus contentamentos
Sempre existe um par completando um outro...
Sempre existe um par completando um outro
um par completando outro
um completando
outro
sempre existe...

Pior era quando as ideias transbordavam e a sua agilidade não as acompanhava em mim. Ficavam as teclas trepidas e as ideias continuavam fervilhando. Não havia prosseguimento, não havia progresso e, por isso, vez por outra, a produção se perdia. Sei também de muitas cartas que escrevia para um tal P.A. Não sei se as mandava, se ia ao correio, não sei, apenas passavam aqui no meu rolo. Não sei quem era, nem sei o nome completo, mas esse P.A. era com certeza o receptor das mensagens de Acácio. Também não sei se respondia. Aliás, pelo que me consta, Acácio nunca recebia cartas, assim nos disse Dona Margarida, a proprietária da pensão. P.A. era o destinatário exclusivo, todas as cartas eram pra ele, era o único. Quem seria esse tal de P.A.? Existia ou era apenas fruto da louca imaginação de Acácio? Imaginação que nos últimos dias de sua vida fazia Acácio tomar atitudes incompatíveis com a realidade. Atitudes ou comportamentos incompreensíveis para a sociedade. Será que o hospício andou atrás de Acácio? E, além dos motivos dados pelos outros objetos,

era por isso que Acácio se camuflava? De onde tirava dinheiro? Tais coisas eu não sabia explicar, por mais esforço que despendesse. Tudo era muito intrigante. E saber que as poucas vezes que saía do quarto ficava de baixo das marquises. Saía andando numa boa, mas inesperadamente parava numa esquina qualquer e ficava horas e horas. Andava pra cima e pra baixo como se estivesse procurando algo. Porra! Que cara mais maluco! Essas coisas da rua eu sabia por terceiros. Não posso garantir nada. Mas deve ser assim mesmo... Esse merda me faz perder a paciência... que vida de porra que ninguém entende nada... Às vezes essas coisas me deixavam puta... Não acho explicação para Acácio... Eu tenho medo de ser redundante... ficar repetindo coisas que os outros inanimados já disseram... Apesar de ter um número infinito de inversões, que me fazem criar palavras – tendo a máquina na minha frente – não consigo encontrar as palavras... palavras que caibam aqui... palavras que sintetizem... palavras que expliquem... Minutos e mais minutos passam e a palavra que eu busco nunca vem... e olha quantos milhões de palavras posso inventar... além é claro dos números, dos pontos, dos travessões, das aspas, dos... dos... dos... de todos os sinais gráficos... Às vezes penso que o convívio com Acácio pode me deixar perturbada... Mas deixemos isso pra lá e vamos ao que importa... Voltando às cartas... tem uma aqui que eu nunca vou esquecer... É esquisita mesmo... e começa mais ou menos assim: “Caro P.A. Recordo-me agora que minha mãe sempre dizia que eu era uma criança muito fechada. Contava que eu brincava com os meus brinquedos no quintal sem incomodar ninguém. Ela podia ficar tranquila que

nenhum dos meninos quebraria meus carros de polícia, de bombeiro, de hospital e nem eu mexeria nas coisas dos outros. Uns diziam que isso era bom, outros diziam que era ruim. Não importa, só sei que apanhava meu brinquedo e passava num canto horas e horas sem prestar atenção ao mundo. Às vezes, dizia ela, os meninos da vizinhança apareciam com lindos brinquedos modernos, mas eu nem ligava, continuava no meu canto quieto. De longe, minha mãe dizia que eu não era muito social e eu, alheio, continuava a brincar com meu caminhão de plástico sem rodas. Acácio." Suas cartas eram assim, simples e objetivas, que nunca tinham datas. Talvez nem as botava no correio, iam direto pra gaveta. Eu não sabia se P.A. era uma fantasia de Acácio, um personagem imaginário. Podia ser uma criação da cabeça dele. E assim eu ia descobrindo como era Acácio, ou pensava descobrir. Ia construindo um Acácio a partir dessas impressões. Ia conhecendo o seu viver. Se eu estava no caminho certo ou errado, era uma coisa que desconhecia, mas a primeira vista, Acácio se mostrava assim... Uma vida sossegada e totalmente para si... Um homem extremamente insociável... que aos poucos mergulha num profundo isolamento... e me parecia que ele considerava conscientemente tal isolamento como uma imposição do seu destino... uma pessoa espiritual... que tinha a alma como o centro dos conhecimentos... da sua sabedoria... E sua principal atividade era pensar... Ser pensador era a sua ocupação, seu emprego... Vivendo eternamente descontente... aqui neste quarto que exalava amargura, depressão, um odor azedo... um odor estragado e de mofo... alguma coisa em permanente asco... como uma permanência mórbida... aqui sob esse

teto em que imperava o silêncio... um silêncio... um silêncio assustador, frio e tenebroso... Acácio levava uma vida de suicida. Aqui dentro deste retângulo, num tempo não muito passado, existiu um vaso de planta, que não suportou Acácio e a sua vida. Viveu a planta todas essas tristezas, a falta de sol e o excesso de lágrimas. E respirou o mundo de Acácio. Dias depois só pude ver o vaso quebrado e um bolo de terra com algumas raízes. Restou pra mim a afirmativa de saber que o mundo de Acácio envenenou a pobre planta, porque não deu nem para mim me despedir dela. Um homem neutro... com um jeito taciturno de ser... um jeito taciturno de ser... um jeito taciturno de ser uma essência de lástima... Tinha o rosto que expressava uma compaixão furtiva... uma substância melancólica... um andar pacífico... de movimentos serenos... parecendo sempre fatigado, aqui entre essas quatro paredes, Acácio aparentava assim aos meus olhos... Entretanto eu não poderia elucidar... à margem da realidade e da sociedade – conduta de Acácio... à margem, sempre à margem... porém virtuoso... Virtuoso por se tratar de um homem, sempre à margem... porém virtuoso... Virtuoso por se tratar de um homem que conseguia conquistar, a passos lentos, o seu aniquilamento. Um homem que vencida ao alcançar a sua independência através da solidão, e isso nunca poderia se chamar derrota. E se sabendo que um homem forte alcança, invariavelmente, o que um verdadeiro impulso lhe ordena buscar, Acácio era um herói. Pelos manuscritos e pelas sujeiras de Acácio nas folhas de papel – que eu mesma sujava – chegava a essas conclusões. Era tudo que percebia. Não se poluiu, não se influenciou, o que almejava tinha desfrutado. E a

solidão era o seu querer e foi o seu poder. Usufruiu o que mais exaltou interiormente: a independência. Era tudo que sentia. Mas não foi uma vitória fácil, foi travada uma ferrenha luta, e até perto de morrer Acácio perdeu algumas batalhas. A guerra foi vencida e a bandeira da paz içada quando ele desencarnou. Suas quedas foram provocadas por alguns focos de chamas resistentes, ora a maconha, ora a masturbação, ora a bebida. Nas quais ele trazia a realidade para dentro do quarto. Toda jogada fora com a penetração dos males e os vícios da sociedade. Acácio não era perfeito e escorregava. Talvez esses focos isolados foram os responsáveis pela morte de Acácio. Tinha chegado a hora? Ele acreditava nisso? Foram o que provocaram a morte dele? Realmente não sabia, tinha dúvidas, muitas dúvidas ainda. Aliás, com Acácio aqui no quarto, todos nós objetos tínhamos um comportamento inconstante. Era ora convergente, ora divergente, além de sempre oscilar. Nossa personalidade, nosso jeito de ser, eram sempre um interminável mosaico. Por que ele pereceu? Por que fechou os olhos e dormiu para sempre? Não achava nada? Acácio persuadia todo o ambiente. E sua maneira de fazer isso era nos transmitindo calafrios. Sempre com um jeito desanimado de viver. Como uma criatura com o jeito amável de ser. Um indivíduo que entre os homens era um corpo estranho. Um corpo estranho na sociedade, na aglomeração dos homens, no mundo em si. Um corpo que só se encontrava aqui no retângulo, como se aqui tivesse o seu grupo, a sua turma. Um eterno e permanente preságio... Acácio: um homem de temperamento difícil, inatingível. Uma pessoa que nunca dizia o que estava pensando. E era só olhar para se descobrir o quanto

Acácio era inatingível. O quanto as pessoas não sabiam o que estava pensando. Num passado não muito distante... ele tinha medo de escuro... como aquelas crianças que não podem ficar sozinhas no escuro... sem a mãe... um silêncio medonho... Mas ultimamente ele fazia questão de ficar no escuro... e quando a luz do seu quarto queimava, ficava meses e meses para trocar... Sentia atração pelo escuro e pelo silêncio... era atraído... Gostava dessa sensação que não se pode definir com palavras... uma emoção que só quem vive sabe... Um estranho e esquisito gosto de sentir sinistros calafrios... Acácio era assim, uma mistura de homem e de criança. Amálgama de homem e mulher. Sua parte feminina era muito forte. A sua gentileza por vezes me confundia. O modo delicado de tratar os poucos colegas que apareciam no quarto deixava-me pasmado. A maneira de vestir, de andar, de sentar, de falar, faria com que qualquer um pensasse que ele era homossexual. Uma especulação correta, mas não pela maneira de ser, que isso era fruto da sua boa educação, mas sim pelas coisas que vi aqui no quarto. Hesito agora em afirmar se isso também fazia parte da sua independência. Talvez a liberdade de ser solitário e responsável pelos seus atos. Mesmo condicionado àquele quarto, Acácio era livre. E a liberdade era a sua solidão. Mesmo sem seguir os padrões da sociedade, ele não conseguia se desvencilhar do convencionalismo. Era a mesma rotina, a mesma monotonia. Fora dos padrões e do sistema, ele caía no erro de seguir a si mesmo, sua própria criação. E sendo assim, Acácio perseguia os mandamentos do seu corpo. Sua alma, seu espírito, regiam a sua vida. Um espírito puro... uma alma limpa... e um corpo de entranhas, de

carnes sujas... no envolvimento com os outros corpos... Acácio se bitolou na sua individualidade. Uma individualidade inalcançável da qual ele nunca pôde compreender bem os mecanismos. Uma dedicação que o levou à morte. Atingindo o ponto mais profundo do seu ser, ele não resistiu ao conhecimento e se deixou dominar. Como alguém que entra numa caverna totalmente desconhecida e acredita que ali é a sua vida, mas não consegue nunca mais sair. E com ares sinistros e tenebrosos, passa uma sensação de felicidade. Uma alegria contaminada. Uma busca sem fim do contentamento falso – consciente ou não – que inevitavelmente o levaria para o abismo. Uma causa para justificar a morte de Acácio? Não sei se a hipótese é válida. Ele não quis caminhar em grupo, talvez pensando que a solidão não tinha defeito. Um engano imperdoável. Um indivíduo só não é perfeito como nenhuma das sociedades. A diferença consiste na recuperação de um homem no meio social, coisa que não acontece com um solitário. Nem ser utópico pode. Um indivíduo sozinho não pode nunca ser democrático, tem que ser por ordem ditador. Um erro, uma sentença. Não há como perdoar... uma felicidade artificial que na verdade é uma procura da autodestruição... Opa! Isso mais parece um interrogatório. Um depoimento confuso de um objeto. É bom que se deixe bem claro que nada Acácio passou diretamente. Nada é concreto, nada é plausível. São meras especulações e hipóteses levantadas por mim. E isso só foi possível com as emoções, impressões, que ele transmitiu para mim. Não tenho mais nada a declarar, a não ser ficar repetindo as mesmas coisas. Mas sinto que eu poderia dizer muito mais e até sinto alguém me

observar. Como se algo muito importante tivesse para confessar, mas juro que não tenho. É como uma tortura. Podia também resumir a morte de Acácio em apenas poucas palavras: um homem insociável que morre de solidão. A síntese também não acrescenta... Talvez eu tenha descrito Acácio, sua vida e a sua morte pessimamente. Pode ser, porém tentei demonstrar as coisas diferentemente, sem a sisudez dos outros inanimados. Talvez até pela minha maior convivência com ele. Fui fiel e cômico. Para vocês (vocês sim, pois insisto em dizer que um grupo de policiais, um grupo de psicólogos, um grupo de detetives, ou um grupo de advogados, estão esperando atentamente mais alguma coisa da minha versão) terem uma ideia, escutem só: Acácio construiu, ou melhor, montou um quarto até certo ponto confortável, luxuoso e cheio de mordomias. Não tinha carro, era avesso a automóvel. Tudo que não fizesse parte do seu terreno, do seu corpo, do seu território, não tinha a menor importância. O que tinha valor era construir um castelo, um palacete, uma mansão, naquele pequeno espaço de quarto. A rua, a vida externa e tudo lá fora, eram coisas supérfluas. A vida só existia aqui neste retângulo. O som, a poesia, os livros, eram o único mundo que Acácio conhecia. O rádio (a televisão não), o violão, a estante, eu, éramos a vida e fomos a sua morte. Foi aí que nasceu Acácio, uma criatura impalpável... Um sujeito que encheu o seu quarto de objetos. Colocou uma escrivaninha, a mesinha-de-cabeceira, a cama, o armário de três portas, a estante, o violão – que sufocavam qualquer pessoa aqui dentro. Somado a isso, Acácio não gostava de por nenhum móvel na parte da parede que ficava sob a janela. Mesmo sem nunca se

debruçar na janela, pois esta vivia fechada, ele adorava esse espaço vazio. Queria ter liberdade de movimento, ser livre para agir, mas todos aqueles inanimados eram de sua utilidade. Queria poder andar livremente dentro do quarto, mas não podia, principalmente nos últimos dias da sua vida. Tinha virado uma bagunça o quarto – quando Acácio estava perto de morrer – que nem se podia caminhar direito. Antes não, era tudo certinho e bem dividido: poesia de um lado, folha para mim de outro, documentos de um lado, livros de outro. Essas coisas eram o que chamava Dona Margarida de caduquices de Acácio. Eram suas manias e cacoetes. Aliás, eu não me afinava muito bem com Dona Margarida, talvez por já estar acostumada ao comportamento de Acácio, coisa que ela detestava. Fiz força para simpatizar com ela e cada vez mais eu não ia com a sua cara. Como já disse, eu era muito influenciada por Acácio e isso me fez concordar e aprovar suas atitudes. E isso a dona da pensão não gostava. Fofoqueira, mexeriqueira, abelhuda e bisbilhoteira do jeito que era, ela odiava todos nesse quarto. Ela repugnava a impressão que esse quarto emanava. No início foi um mar de agrados e atenções, depois conheceu Acácio a fundo e ficou falando mal dele pelos cantos. Ela não chegava ao ponto de destratar-lo, mas também não fazia por onde ser agradável. Seguidas vezes ela deve ter se decepcionado comigo, porque, dentre todos os objetos, eu era o que mais parecia com Acácio e o que mais andava junto. Quem sabe eu apenas fui o único a assumir e aderir à seita de Acácio? Fui o que seguiu com furor a religião dele. E o que Acácio pregava? A morte por um ideal? A morte por um objetivo? E que ideal e objetivo são esses?

A liberdade de viver sozinho? A independência da solidão? Poder voar nas asas da solidão? Ou apenas escolher uma maneira de vida sem ser contaminado? Acácio, quem sabe, queria ficar livre para poder escolher um caminho. E depois de muita luta conseguiu ser livre na solidão em que estava e preferiu a morte como caminho. Pra ele o caminho mais justo e melhor. Afinal, todos têm o direito de seguir o que a cabeça ordena, mesmo se a morte for o modo ideal e escolhido para viver. E sua mente para isso era completamente sã, tanto que ela mandou e ele praticou, superando o medo. Ou quem sabe também o falecido se arrependeu de ter conquistado a liberdade e a independência e só lhe restou a morte? Como se sua conquista fosse vã e inútil e como não enxergou a estrada de volta, preferiu o atalho mais curto para o abismo. O atalho mais curto para se aprisionar. A prisão sem liberdade e dependente para a sua reversão só foi encontrada na morte. Justo ou injusto, errado ou certo, com razão ou sem razão, o falecido foi assim aos meus olhos... não permitindo nos momentos derradeiros que Dona Margarida, a arrumadeira, os amigos e nem Érica, violassem o seu quarto e o seu eu. Como um pacto, preservou sua integridade de homem, perante Deus, na terra de todos. Ele simplesmente não renegou a vida, pelo contrário, procurou a vida e a encontrou através da morte. Talvez ele ainda continue procurando, mas ele não quis perturbar a aparente paz que reina na terra. Talvez o falecido ainda esteja vagando, por que tanto aqui no quarto como na vida lá fora, ele era um corpo estranho. E eu fui testemunha disso...

Dona Margarida

...sabia no que isso ia dar. Qualquer pessoa que convivesse com Acácio poderia prever o fim dessa maluquice. Eu juro que tentei ajudar. Hoje me arrependo de não procurar mais alguma coisa humanamente possível para salvá-lo. É... não teve jeito mesmo. Quando veio para cá, Acácio aparentava ser normal. Um hóspede como outro qualquer. Era ainda um jovem rapaz, que talvez não gostasse das coisas que a maioria dos jovens de sua idade gostava. Quase não saía do quarto. Não tinha namorada. Isso tudo devido à sua condição de tímido. Acácio era muito introvertido. Todos percebiam o seu sem jeito perante as pessoas, o ambiente, a vida, o mundo. Era uma fobia social. E essa sua introversão era tanta que ele, no final, já estava meio esquizofrênico. Parecia que ele não lutava contra essa timidez. E agora sei que ele não era metido e sim doente. Numa ocasião chamei um médico para saber da doença de Acácio, inútil. Depois de muita resistência, deixou ser examinado. Descobriu-se um frágil resfriado e nada mais. Percebo hoje o nosso erro: seu problema não era biológico, mas puramente psicológico. Era mais um caso para um psicólogo do que para um médico. Mas mesmo que chamássemos um psicólogo ou um psicanalista, Acácio não deixaria ser analisado por muito tempo. Quando chegou aqui, seu problema já estava muito avançado. E não havia como interná-lo... Meu medo é que isso possa trazer algum problema para minha casa ou para mim. Às vezes quando tomava coragem e saía, Acácio não passava de um passeio rápido pela praça e muitas paradas pelas marquises. Principalmente a marquise da

esquina. No começo ainda conversávamos, depois ficou como um estranho. No fim de ano e no Carnaval ficávamos praticamente sozinhos, mas pouco adiantava. Acácio parecia ficar com raiva em ter que me aturar e quase não abria a boca. O mesmo aconteceu com os outros hóspedes. Nunca soube de onde veio, como arrumava dinheiro e essas coisas assim. E bem que tentei descobrir. Quando Acácio saía para dar essas voltas, eu entrava no seu quarto. Vasculhei tudo e não descobri nada. Não descobri nada do que eu pensava encontrar... Busquei respostas, procurei soluções... O que achei foi mais perguntas... mais segredos, mais mistérios, mais enigmas... Aliás aquele quarto me arrepiava... Eu entrava naquele quarto e sentia algo estranho... é difícil de explicar... Havia no início muita energia... no final, você podia notar como a energia enfraquecia... não como um curto-circuito, mas parecia que a corrente havia sofrido uma ruptura... Acácio se deteriorara. Cheirava a mofo aquele quarto. Ele vivia o dia todo trancado. Porta e janela fechadas. A única planta que vivia no quarto morreu. O sol ali não entrava de maneira nenhuma. Poucas pessoas vinham visitá-lo.

Ele não tinha vida. Não tinha uma vida social saudável. Poucas pessoas tinham alguma relação com ele. Alguns colegas, logo quando Acácio veio morar aqui, ainda os visitavam. Depois, só uma tal de Érica, que parecia se preocupar muito com Acácio. Ele se trancava e fazia do seu quarto o seu mundo. Lia muito, escrevia poesias e contos, desenhava de vez em quando e tocava muito violão. Era um homem inteligente que não se adaptava ao seu meio. Podia se observar que ele tinha instrução e das melhores. Era uma pessoa educada,

gentil e bonita. Mas qualquer declaração que eu venha dar aqui não encontrará nada. Tudo pode ser sentido ao se entrar no quarto dele. Muito mais pode ser conseguido ao se penetrar naquele ambiente. Os outros hóspedes também concordam comigo quando digo que esse caso só será resolvido, não com nossas declarações, e sim com a sensação que aquele quarto exala. Sei que parece absurdo, mas tudo que falar só estarei repetindo o que os outros disseram. Lembro-me que nesse quarto sempre moraram pessoas estranhas. Parece que é amaldiçoado. As pessoas que moram aí têm sempre um problema psicológico. Algo psicológico ou algo de tal ordem. Desculpe-me estar sempre fugindo, Doutor, mas é que me falta sempre a palavra certa para explicar. Suspense! E o senhor há de convir que por que Acácio morreu é uma pergunta difícil de responder. E o senhor me perdoa, mas acho que esse caso é mais para um psicológico do que para um delegado. Pode me achar louca, mas esse caso só será desvendado através do sexto sentido... a intuição é o instrumento... Pois, veja bem, Acácio devia pensar muito, e por mais maluco que fosse, eu senti que ele optou pela morte... Eu sei que o senhor ainda vai perguntar como ele morreu, mas antes disso eu já posso adiantar que ele tinha um objetivo... Parece que em determinado momento de sua vida, Acácio optou pela morte. Acredito mesmo que ele estava consciente quando tomou tal atitude. Achou por bem enfrentar a morte. Não queria de maneira nenhuma afrontar o mundo, pelo contrário, o mundo é que o afrontava. Esse talvez tenha sido o seu objetivo. Além disso, como já disse, esse quarto era muito estranho. Antes de ele morar, moraram duas pessoas

esquisitas. O primeiro hóspede daquele quarto era uma mulher. E ela parecia ter veneno nas veias. Ofereceu-se para um, saiu com outro, transou com aquele outro. Foi tanta intriga, tanta magia, que no final das contas os homens da pensão estavam hipnotizados pela mulher. Ela tinha um tal controle sobre nós, um tal domínio, que nos pegávamos fazendo coisas inacreditáveis. Por pouco ela não nos põe em perdição. Mas isso foi bom, fez-nos ver o quanto éramos tolos. O quanto carecíamos de opinião própria, de personalidade mesmo. Eu sei é que certo dia ela desapareceu e nunca mais voltou. O quarto vagou e por muito tempo ficou assim. Os boatos fizeram dessa mulher quase que uma lenda. Parece mentira mas é verdade, Doutor. Ninguém queria morar lá. O quarto ficou vazio e até eu tinha medo de limpá-lo. O quarto já naquela hora, por causa dessa mulher, passava uma sensação não muito agradável. Incomum mesmo. Depois de muito custo consegui alugá-lo. Aluguei para um senhor idoso. Era um velhinho simpático. Simpático quando não estava em dias atacados. É... o velhinho tinha caduquices, cacoetes, vícios. Ele de vez em quando falava sozinho e parecia perder o juízo, pois falava de nós. Sozinho e bem baixinho, ele, invariavelmente, falava mal da gente. E podíamos chegar bem perto dele que ele não parava. Achava-se absorvido. Em vista da outra hóspede, não era de todo mal. Por vezes ríamos dessas suas manias. Mas o caso é que um dia sentimos sua falta. Pela manhã, na mesa de café, ele não apareceu. Fomos vê-lo no quarto e ele estava morto. Como não tomava banho com frequência, já até cheirava mal. Tinha morrido na noite anterior. Morreu de morte natural. Foi aquele mistério de novo.

Todos achavam o quarto amaldiçoado. Parece besteira mas realmente dá medo. Ficávamos receosos ao passar em frente à porta daquele quarto. Limpar só raramente e mesmo assim com um pé aqui e outro na porta para correr. A coisa é tão impressionante que até pensei em desativá-lo. Pensei em transformá-lo num banheiro ou numa despensa. O Doutor deve ter achado exagero, mas a coisa foi impressionante mesmo. Contando assim perde um pouco da credibilidade, porém se o senhor vivesse aqui o dia a dia veria que nós não estamos exagerando. Agora surge esse tal de Acácio, homem ainda jovem, parecia que a coisa ia mudar. Aí no final dá no que deu. Só tenho medo do aborrecimento que isso vai me trazer. Doutor, acredite, tudo que falei é verdade... O senhor pode confirmar com os outros hóspedes. Agora tem uma coisa que eu achei diferente entre Acácio e os outros hóspedes esquisitos. Enquanto Acácio optou, os outros parecem não ter optado. Deixa eu explicar melhor. A partir das minhas observações cheguei à conclusão de que Acácio não sofreu nenhuma influência do quarto. Já os outros sofreram. Os outros foram levados a isso. Acácio não. Ele estava indiferente ao quarto. Já entrou ali com um propósito e o quarto não conseguiu desviá-lo. Os outros entraram ali para simplesmente viver e foram desviados. Foram levados para outro caminho. Por isso que digo que Acácio tinha um objetivo. Talvez isso não estivesse bem claro na sua cabeça quando chegou aqui, mas no fundo era só uma questão de tempo. Compreende? E o Doutor se quiser pode averiguar isso, é... todos são unânimes quanto a essa opinião. Agora só me resta desativar o quarto. Como vou alugá-lo? O que eu vou falar para outro hóspede? Ninguém

vai entender ou acreditar que Acácio fez isso por conta própria. Se eu, a dona da pensão, tenho medo, imagine os outros. Se o Doutor quiser, agora com mais calma, eu lhe mostro o quarto de novo. O senhor verá que o quarto te dará mais pista que nós todos juntos. É... eu sei que o senhor já esteve lá, viu tudo direitinho, porém o senhor pode não ter observado bem. Aqueles objetos parecem saber mais do que a gente. Tanto o violão, como a máquina de escrever, a estante, a cama, a escrivaninha, podem passar mais coisas do que eu. Não, não é absurdo, é a impressão que a gente tem. Aquele quarto tem mistério, uma magia, sei lá o que... não sei explicar. Posso garantir ao senhor que ninguém aqui da pensão sabe mais nada sobre Acácio. Será inútil interrogá-los. Acácio dificilmente conversava comigo ou com os hóspedes. Só espero que isso não traga complicações pra mim ou pra pensão. Eu sei que Acácio viveu aqui, entretanto não posso afirmar nada. É inacreditável... Meu Deus! Doutor, isso não acaba nunca! Não tenho mais nada a dizer. Por favor, Doutor, tudo que disser será em vão. Não, não me escapou nada. Vou ficar aqui repetindo... Aliás, já estou repetindo há muito tempo... Começo a falar uma coisa que parece novidade, mas no fundo é sempre a mesma coisa. Dou voltas e voltas porque eu não tenho nada a dizer... Não sei nada... Esse Acácio só me trouxe aborrecimento. Maldita hora que aluguei o quarto. Esse quarto também é do capeta. Por isso que eu digo... quando entrava lá no quarto, nos primeiros dias, sentia uma grande carga de energia ruim. Energia negativa. Energia do diabo. Depois houve uma quebra e a energia se foi. No final então, todos nós ficamos pensando que Acácio tinha ido embora, porém descobrimos

que ele estava no quarto. Ficou lá um tempão. Escreveu até um recado na porta dizendo que tinha saído. Foi só para enganar. Não sei como comia. Como fazia outras coisas... Eu sei, pois vi quando arrombaram aquele quarto imundo... Desconfiamos que ele estava lá dentro... Tentamos conversar... nada... quando vimos já era tarde... ninguém ia imaginar no que deu... Doutor, como o senhor pode ver não temos culpa. Compreende. Acácio era maluco...

Diário

Janeiro... estou pensando seriamente em me matar este ano. Se valeu a minha trajetória? Não importa. Acredito que cumpri o que nem mesmo sei e também eu não suporto mais essa solidão. Dou uma olhada em volta e vejo que nada mais tem valor como antigamente. Estou cansado de escrever, de tocar violão e de ler. Desde o tempo que entrei aqui, tentei traçar uma meta e, para com ela, ser eternamente fiel. Isso pra mim era a minha vida, era uma obsessão. E não sei onde errei ou em que fui obcecado demais. Não tem importância, ficar lamentando não vai adiantar, preciso é acabar logo com isso. É necessário seguir, talvez seja o que eu desejo. Arrependido não estou. Não cometi nenhum sacrilégio para agora querer me redimir. Vou em frente até o fim. Além do mais o meu dinheiro está acabando e eu detesto trabalhar. E quem vai aceitar um homem com mais de cinquenta e que não sabe fazer nada além de escrever, ler, tocar violão e desenhar mal? Aliás, eu nunca trabalhei. Fui mais de gastar o dinheiro do que poupar ou mesmo aplicar. Quanto aos meus amigos, eu

fico imaginando o que eles devem pensar de mim e, por incrível que pareça, isso me deixa feliz. Estranho, esquisito, diferente, do contra, desligado da vida e milhões de outras referências assim. É, eu confesso, devo ser uma pessoa difícil, estranha, mas é assim que sou. É assim que me sinto melhorzinho... Dona Margarida deve pensar que sou um herege, um espírito do mal, um demônio, ou coisa que o valha. A Érica, coitada, vivo fechando a porta para ela. Fecho a janela também para os outros amigos que querem perturbar a minha paz. Até o amigo que levei pra cama, e hoje está um rapagão, não deixei entrar. Meu território é impenetrável, tanto a pensão como o quarto. Todos querem, como último cartucho, clarear a minha estrada, mas eles se esquecem que eu continuo a adorar a escuridão. Nada de luz, estrelas, sol, ainda mais agora que espero fechar meus olhos para sempre. Vou pedir mil desculpas e perdões, apesar de não ter ofendido ninguém e não saber qual é a minha culpa. Também vou deixar um recado, talvez assim vocês me entendam. Não que minha grande pretensão seja querer que vocês me chamem de intelectual, pensador ou filósofo, mas assim que vocês devem me conhecer. Se eu não for isso, terei a satisfação de dizer que vegetei aqui na terra. E não pensem em outras coisas mais interessantes e mais importantes. Lembro-me, para ilustrar melhor, de um fato no meu tempo de estudante, quando afirmei para o professor de história que eu não entendia muita coisa das sociedades, ele me respondeu dizendo que a sociedade é que não me compreendia. Mais tarde vim a descobrir, depois de ter sofrido com a turma toda rindo, que este foi o maior elogio. O maior elogio que eu poderia ter recebido...

Fevereiro... sinto chegar o fim do meu destino. Dentro em breve vou morrer, como se eu estivesse traçando um plano. Talvez os objetos já devam ter percebido que eu venho aos poucos me autodestruindo. Há dias que não vejo a proprietária da pensão, porque não saio e nem deixo ninguém entrar. A porta do meu quarto vive trancada. Alimento-me pouco. Bebo menos ainda. Parece que eu me transformei num robô, pois faço as mesmas coisas repetidamente durante o dia. Isso é sufocante. Estou completamente mecanizado. Estou, como dizem, territorializado ou automatizado. Há anos que não abro a janela desse quarto. Vivo quase sem ar aqui neste retângulo. O sol é forte e muito quente, mas aqui dentro só sinto o abafado mormaço. De dia ou de noite parece a mesma coisa. Não tenho realmente a noção das horas. Como se eu estivesse fazendo economia e houvesse uma grande escassez. Há uma recessão e as coisas vão se restringindo para mim. Estou cada vez mais me encurralando num beco qualquer. Está tudo muito restrito. Estão me afunilando. Imagino que estou caminhando numa viela suja e escura que não tem saída. Até já parei de escrever para o P.A. Não precisam ficar assustados: P.A. é uma variante de mim. Talvez um reflexo. É um outro eu que até hoje não descobri o que pretende. Não é como um heterônimo de Fernando Pessoa que tem vida particular, características próprias. Não, não descobri quem é. Por causa de mim mesmo... mas não deixou de ser o meu grande mensageiro. O meu grande confidente. O meu outro lado da moeda. Concordando e discordando de minhas atitudes. Eu nunca mais vou esquecê-lo. E também já não me adianta esconder o seu

nome. Revelo, com o maior prazer, que P.A. é, nada mais nada menos, do que Paulo Alves. Paulo Alves, um ser imaginário que criei e viveu na minha fantasia. Mas hoje acabo de matá-lo. Fiz desaparecê-lo para mim. P.A., ao ser revelado, morreu...

Março... como descrever o meu autorretrato? Talvez eu não saiba. A verdade é que é difícil falar de nós mesmos. É uma coisa muito abrangente. Em qualquer descrição existe uma imensa carga de preconceitos. Há o medo, o orgulho, a timidez e uma série de outras coisas desse tipo. É um ato com dificuldades de ser praticado. Quem sabe até pela falta de treinamento? É preciso experiência e aprendizagem. Comigo é assim. Ainda mais uma pessoa fora do contexto como eu. Uma pessoa que não está comprometida, ou não está muito bem engajada. Eu sei que sou assim... e aí não vai nenhum exagero. E é preciso deixar bem claro que eu só digo essas coisas porque quero permanecer. Em breve vou morrer e quero que fique muito mais do que fui e do que sou. E isso tudo se torna complicado e até complexo demais. Ou piegas em demasia. Quero ficar na história por que é o tal da outra dimensão. Pode ser ilusório, mas me sinto ambientado sendo estranho e diferente. Sinto-me bem e me é muito gostoso, principalmente quando a multidão está envolvida comigo, ou seja, quando há uma criatura bem perto de mim, falando comigo, convivendo comigo. Pode ser exótico ou excêntrico, porém eu não saberia ser igual a maioria. Tenho adoração por coisas distintas que não se convergem pelos vários ângulos que se possa ver. Há uma divergência entre as diversas partes do meu corpo,

entre meus pensamentos, minhas ideias, meus símbolos e minhas bandeiras. Não sei se estou me retratando, mesmo assim vou prosseguir até que o sono me abate. E por falar em sono, eu detesto dormir. Uma tendência de ser notívago? Pode ser, mas vai mesmo pela minha maneira de viver. Por eu ser incomum, minhas inspirações são raras e sublimes e a noite é o momento em que elas surgem em mim. A noite é o tempo de calma-ria, onde as coisas se infiltram e se esclarecem. A hora mais sensível para os ventos, para a Musa. É a hora da fragilidade e da bonança. É a hora que a tempestade nos renega o suspiro. Não quero em hipótese alguma escrever um livro, compor, tocar violão, desenhar, como os outros. Está aí um dos motivos do meu afastamento. Muita vontade e desejo fazem o meu esforço ter esperanças de conseguir alcançar uma classe. Classe essa do futuro, que está à frente do seu tempo e do seu mundo. Uma classe esfarrapada pela tecnologia avançada e pelo desenvolvimento. Uma classe de mendigos... inconformada... incompreendida... que choca. E para finalizar meu autorretrato, só me resta dizer que minha discrição de nada adiantou. Minha timidez, o meu jeito de ficar num canto, de ficar na defensiva, pacato. Fizeram os indivíduos se preocuparem comigo. Fizeram-me brilhar, ser notado, aparecer por si só, por mim mesmo. Por isso me distanciei da sociedade. Com isso me entoquei. Talvez inconscientemente eu esperasse essa preocupação e até me consideraria um fracassado se porventura não me alertassem, mas foi uma armadilha. É certo que quem espera sempre alcança? É lógico? Não sei... é tempo de minha bonança, de minha convalescência... (Um fragmento... o tempo fervoroso

de estudante. As brigas constantes com a Direção da faculdade. Foi o tempo agitado de um universitário. Paredes pichadas, panfletos nos murais, reivindicando higiene nos banheiros e comida melhor na cantina, mais livros na biblioteca. Assembleia em que a mesa ditava as regras e os caminhos para se seguir. A desordem da reunião. Quem deveria falar primeiro? Aglomeração de estudantes que discutiam e não chegavam a conclusão nenhuma sobre o que fazer. Boicote nas mensalidades por causa do excessivo aumento. Toda uma fase muito mais política do que educacional. A vontade reprimida de fazer a universidade democrática, socialista. O grito abafado com a ordem da Direção. A esperança ilusória de fazer do Brasil um país socialista, com o pleno apoio da União Soviética. Pôr o Brasil fazendo parte do Pacto de Varsóvia. A sempre esperança malograda de incitar uma revolução. O louco desejo de tirar quem está no poder na infantilidade de que vai mudar. E tudo se repetia com militares ou não. Esse tempo já vai longe e até me dá saudade. A escola: a família que eu nunca tive. A glória daquela família em me fazer um homem culto, com instrução como seus filhos legítimos. Pretensão boba e idiota. Ter diploma de curso superior e ter o canudo para provar. A revolta que me consumia, resultando na minha fuga para a vida... O dinheiro e as mordomias que não me compravam. Por fim, a explosão da minha paciência e do meu agradecimento...)

Abril... Não podia penetrar na minha individualidade. Eu não queria, sinceramente, que Érica se infiltrasse na minha intimidade. Evitava a sua presença a qualquer custo, principalmente no meu quarto. Na

verdade eu não queria ninguém mexendo nas minhas coisas. E o relacionamento que eu teria com Érica daria chance para ela compartilhar as minhas emoções. Eu tinha um sentimento de agradecimento para com ela, no máximo de carinho. Eu sabia que Érica estaria preocupada, mas isso não me animava a ter um relacionamento com ela. E a pior coisa pra mim é alguém querer saber sobre a minha vida. Nos primeiros dias entra e fica bem-comportada, depois quer abusar, só porque tem um pouco de amizade. E seria normal e natural que ela tomasse uma atitude de atrevimento e é claro que eu não permitiria. Só iria haver desavenças. É melhor assim, ficarmos bem distantes um do outro. Depois ela poderia querer me curar – não sei que doença eu tenho – da incapacidade de ter uma satisfação na relação sexual. Além de querer cortar os meus desejos de me isolar e isso eu não suportaria. Não, não, Érica nunca poderia ter um relacionamento maior comigo. Não tenho nada contra ela, até que Érica é bonita e atraente, mas não faz meu gênero viver com alguém. Talvez até o medo esteja me influenciando nesta decisão. Mas eu sei que ela iria desarrumar minhas coisas, inventar novos lugares para elas, mesmo eu afirmando que gosto de saber que meus livros estão ali, meu violão está lá, a máquina de escrever acolá. Eu gosto de saber onde estão todas as minhas coisas. Saber que as fileiras dos livros estão bem alinhadas. E isso só é possível sozinho. Por isso Érica não está e nunca estará perto de mim. Não permito que ninguém invada a minha intimidade, a minha individualidade...

Maio... não sou desumano. A realidade é que é desumana. As diversas fases que a vida me apresentou neste mundo é que são desumanas. Também eu não sei por que ainda estou questionando essas coisas. Pra quê? Se nada mais me interessa hoje. A única coisa que quero é morrer. Só não quero morrer como a maioria dos homens. Dar um tiro na cabeça, ingerir veneno, tomar uma dose excessiva de cocaína, me jogar de um edifício, nada disso me atrai. E pra essas coisas é preciso coragem, coisa que não tenho. Espero ser diferente nisso também, ou pensar que sou. Ser incomum é um estado de sentimento que nunca sacia. Vou fazer tudo pra me autodestruir lentamente. Não importa quanto tempo demore, mas a coisa tem que ser vagarosa. E é fácil averiguar como vai ser. Repito: já estou sem sair do quarto há alguns dias, já não toco violão, já não escrevo com intensidade, já não leio, já não desenho mais. As coisas aqui dentro vão se tornando mais tristes ainda, mais obscuras, mais apagadas. Parece que todos já morreram, já perderam a vida e se apagaram. Só resta eu. Estou mais solitário do que nunca. Todos me deixaram na solidão. As horas dos dias passam sem que eu perceba. Fico a meditar a maior parte do tempo. Meus olhos estão fixos na parede. Como que hipnotizado, meu pensamento não se desprende da morte. Sinto-me as vezes sufocado, imaginando que as paredes estão se fechando, estão me apertando, estão me espremendo. Vou ver se suporto até agosto, pois quero morrer no mês de azar. O mês mais triste do ano. Tenho que conseguir, é um pacto que estou fazendo. É um pacto de sábio...

Anotação importante... e eu não gostava de ver televisão. Dona Margarida colocava a televisão no refeitório

para todos poderem ver. Era um tormento para eu ter que comer vendo televisão e Dona Margarida sabia disso. Mesmo assim, quando estava sozinho no refeitório, ela ligava a televisão só de pirraça. Tentava me irritar a todo custo com raiva das minhas atitudes. Ela não simpaticava comigo, porque pouco sabia de minha vida, já que não parava para conversar com ela. Era uma pessoa que queria ter o controle de todo mundo, saber das novidades, fofocar mesmo. E essa oportunidade eu pouco lhe proporcionava, pois quase sempre ficava trancado no quarto. Eu percebia que ela me encarava, fazendo uma cara mal, mas eu nem me importava. Às vezes a dona da pensão era severa comigo. Tornava-se sisuda e rude quando se dirigia a mim. Eu nem tomava conhecimento e fingia que não entendia, e isso piorava as coisas. Percebi então que era melhor assim. A indiferença era a minha arma. Como sempre, a indiferença era a minha arma. Quando me via em apuros para solucionar algum problema, eu apelava para a indiferença. Talvez por ser mais cômodo. Eu tenho medo de decisões, isso é certo. Quase sempre recorria a essa arma. E Dona Margarida podia me espreitar com um ar de aborrecida o dia inteiro, que eu não abria mão do meu desligamento para com ela, para com tudo e todos. E essas coisas se acentuavam quando chegava o tempo das festas de fim de ano e carnaval, pois era tempo da pensão se assemelhar a um deserto. O silêncio para mim era maravilhoso. O silêncio aumentava por que poucos ou mesmo nenhum hóspede ficava na pensão. Era um tormento para eu saber se todos ou quase todos iriam passar fora nessas épocas do ano. E ter que permanecer quase que sozinho com Dona Margarida, era demais!

Ficávamos obrigatoriamente mais juntos, falando mais e esse convívio era insuportável. Com os outros hóspedes ainda dava para disfarçar. Era ruim de suportar. Eram dias cruéis. Eram dias que aumentavam os meus calafrios, sentia um intenso arrepio, com medo de ser acometido por um tédio descontrolado produzido pelo meu cansaço da vida. Nesses momentos eu me considerava um verdadeiro covarde. Sentia que podia ser levado pelo meu desinteresse pela vida. Tinha medo de perder as forças e ser tentado a morrer. Nessas horas eu tinha medo de não ser forte e a graça da vida me levar ao suicídio. Era preciso dar a volta por cima e ir vadiar num clube qualquer que me divertisse. Mas esse clube e esse divertimento também me lembravam de como sou um corpo estranho na multidão... Eu conseguia farrear mesmo sabendo que depois o desespero e a fossa seriam maiores... Esquecia que não tinha jeito pra nada e nada tinha jeito de graça pra mim... Não, eu esquecia sim... Ainda bem que não saio mais do meu quarto, pois sei como sou inócuo e inofensivo perante o mundo....

Junho... minha vontade era ser oriental. Mas nem que eu quisesse nunca seria. Um ocidental nunca será um oriental, por mais que se esforce. E só me restou a yoga. Fiz muita yoga. Tentei conhecer ou sentir o on. Busquei desesperadamente o equilíbrio da mandala yun-guiana. E por vezes me senti calmo... Troquei valores... e acreditei tanto que a morte me parece uma continuação... é uma calmaria... No princípio sofri bastante, mas por fim alcancei meu objetivo... Houve um momento que Érica me deu saudades... corri, fiquei nervoso e nada... não tinha atitudes práticas... eram pontadas do

meu inconsciente... Jejeuei... jejeuei... jejeuei... Abdiqueei de milhares de coisas e isso me foi muito doloroso... Eu sempre fui perscrutador no que diz respeito ao encontro do outro eu ou do eu mesmo... Investiguei, indaguei, estudei, sondei e penetrei minuciosamente sobre a origem da vida... Fui tão a fundo no ser, no estar, no sendo, no estando, que acabei me tornando um cacófago... não que uma coisa tivesse a ver com a outra, mas é que a coisa foi indo, foi indo, que eu até me senti bem com esse início de cacofagia... Acho que estava ficando esquizofrênico... Perdia aos poucos o juízo... Assim está sendo o mês de junho... Já aprendi a jejuar, esperar e pensar... e com escrúpulo continuo a perscrutar... A sociedade competitiva e esse capitalismo feroz estão de mim distantes... A morte já não me é estranha, deixou de ser mistério... e nasce dentro de mim a esperança, a esperança de que vou morrer... acabar com essa peregrinação... e voltar a ser energia no meu interior...

Julho... não sinto mais fome. Não tenho vontade de fazer mais nada. O inverno vem chegando e eu vou saindo. Para o jardim, o inverno estará sendo recebido naturalmente. Para mim, o inverno chega diferente. Nunca houve e nunca haverá um inverno assim... Bebo muito, fumo mais ainda e meu apetite foi embora. Ora bebida alcoólica, ora um cigarro, ora uma bebida não alcoólica, ora um cigarro de maconha. Minha boca está amarga e meu hálito cheira mal. Nada tem mais sabor. A comida perdeu seu sabor. Masturbo-me todos os dias. Estou ficando fraco. Sinto que estou enfermo. Percebo o corpo frágil. A minha cabeça dói intensamente. Um cansaço muscular em mim é evidente. Já não tenho

vontade de sair do quarto. Não quero ver ninguém e não deixo ninguém me ver. Sinto vergonha do que estou fazendo, mas agora não tem mais jeito, ninguém me salvará. Sob esse teto o escuro anda mais intenso do que antes. Nada aqui se abre, nem janela, nem porta, nem coração, tudo se fecha. Meus olhos perderam o colorido de vista, não existem mais cores. Sinto-me tonto. O mal-estar é permanente. Eu sei que no fundo mesmo a loucura está me dominando. Eu sinto uma paz com a loucura no poder. É uma loucura tranquila. Não vejo mais sinais de nervosismo, de manias, tudo agora é calma. Por momentos me vejo sorrindo, feliz no silêncio que reina. Porém alguma coisa dentro de mim tenta reagir, e isso me causa náuseas. Algum sentimento quer lutar, quer brigar com a loucura. Eu sei que será uma luta vã. Frequentemente sou acometido de uma forte vertigem. Minha boca anda seca e minha fome está deixando de ser arrasadora. Minha fome está passando para um outro estágio. Agora ela se assentou no meu corpo e parece que não vai mais reclamar. Todos os órgãos do meu corpo, nesse instante, estão aceitando tudo, já não se rebelam. Estão num estágio de neutralidade. São imparciais, lentos e não querem mais ouvir falar em rebeldia. Talvez eles estejam programando um motim fatal. Vão me liquidar? Será o golpe mortífero? Será o juízo final? Vão querer vingança de todas as coisas que eu fiz com eles? Esses órgãos estão excessivamente relaxados para não quererem me aprontar uma, a fim de me dar o troco. Terão forças para isso? Enquanto eu mato um por um devagar, eles querem se reunir e me matar correndo. E não há como negociar. Nada me passa na cabeça para combinar algo com eles.

Nem uma ideia para esfriar. Não me passa na cabeça... Não me dão tempo e nem me deixam pensar numa coisa para adiar a luta. Não pretendo enfrentá-los, pois sei que vou sair derrotado. Talvez seja até o que almejo. Não me adianta conter a revolta e a fúria deles. A morte é certa. É alienante, mas a morte é coisa decidida. Radicalmente ou não, é o que desejo. Nessas horas são instantes em que minha pressão baixa... nem desmaio... Não físico... mas consciente...

Manuscrito perdido... imaginar apagam a luz. É quase impossível, mas minha cabeça trabalha, nesses últimos instantes, para saber como é a morte. Os pensamentos são rápidos e se confundem com o retrospecto da vida. Os pensamentos se embolam, ora flash da infância, ora a busca do infinito. Assim achei que existiam... assim achei que existia uma relação entre o nascer e o morrer. E, com a aparição ou não de OVNI's, eu me pergunto se só existe um Deus para esse universo todo. O dilúvio acontecendo atingirá o Universo ou só a Terra? Ciência ou religião? Futebol ou filosofia? Ser ou ficar sendo? Indago-me se os ONVIs fazem parte de outra dimensão, de outra camada. E como eu podia me inquirir mais milhões de vezes e nem sempre as respostas iriam interessar, eu simplesmente paro de pensar. Só cumprindo a profecia de morrer, pelo menos no mês que nasci... como um herói byroniano ou um artista boêmio. No mês da superstição... Imagens que perduram até hoje... um mal, uma ira... Rousseau estava certo...

Agosto... minhas mãos hábeis pereceram. Já não tenho ânimo para escrever um verso sequer. Não

tenho sensibilidade para escorregar minhas mãos nas cordas do violão. Não tenho inspiração de desenhar e meus olhos ficam embaçados quando tento ler algum livro. Arrasto-me para a morte. Não saio mais da cama. Não me levanto sequer para fazer minhas necessidades fisiológicas. Só sinto um cheiro horrível, porque aqui nesse retângulo, o fedor é insuportável. Perdi a noção do tempo e do espaço. É pequena e restrita a dimensão que meus sentidos podem alcançar. Meu corpo só alcança a cama em que estou deitado. Tudo me parece um grande vazio, tanto fora como dentro do meu corpo. Essa calmaria é angustiante, parece um eterno coma. Clamo desesperadamente pela morte. Não sei mais o que acontece a dois passos de mim. É como se misturassem todos os podres do mundo aqui nesse quarto. Minhas pálpebras não querem despertar os olhos para essa podridão... meus músculos estão desordenados... meu cérebro está descontrolado, sem domínio... Ouço o barulho longínquo de vozes e dos carros lá fora... Não enxergo, mas tudo está cinza. É nula, neutra e branca a morte... Estou no inconsciente... estou em permanente coma... Tateio e tudo está dormente... Não me arrependo e sigo em busca... Não é exagero, mas a dormência me estabiliza... e nem vou saber quando vou morrer... vou assim... vou sumindo... numa transição... vou...

O livro com o qual o leitor toma contato é parte do legado de um escritor-professor. É constituído por contos, crônicas (quando não pela fusão dos dois), e por uma novela. Sob o olhar perscrutador de um apaixonado estudioso da literatura, as narrativas ficcionais compostas por ele passeiam tanto pelas almas das ruas, quanto pelos encantadores problemas dos seres humanos. E é utilizando as entrelinhas da crônica do dia a dia como bússola que o escritor, professor e também doutor em Teoria da Literatura pela UFRJ, Renato Alves Barrozo, lapida suas narrativas ficcionais, perpassadas por um olhar filosófico, com forte dose de humor e crítica social.